



NORA ROBERTS

*Refém
do Amor*

Tradução de Susana Serrão

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Para Amy Berkower, a negociadora



FASE INICIAL

Não me abandones, oh, amada minha.
— O COMBOIO APITOU TRÊS VEZES



1.

Saltar para a morte era uma maneira péssima de passar o Dia de São Patrício. Ser chamada quando se está de folga para dissuadir alguém de saltar para a morte no Dia de São Patrício não se parecia nada com cerveja verde¹ e gaitas de foles.

Phoebe serpenteou pela multidão de savanenses e turistas festivos que enchiam as ruas e passeios. O Capitão David McVee sabia prever as coisas, reparou ela. Mesmo com um distintivo, dentro do carro dela teriam demorado um tempo valioso e teria sido preciso um esforço desgraçado para transpor as barricadas e a mole de gente. Porém, dois quarteirões a leste de Jones Street, a festa amainava, e a música deixava de atroar para ficar apenas uma batida e um eco.

O polícia fardado aguardava conforme as ordens que lhe tinham dado. O olhar dele incidiu no rosto dela, e desceu até ao distintivo que ela enganchara no bolso das calças caqui. Bainhas esfarrapadas, sandálias, t-shirt cor de trevo debaixo de um blusão de linho, pensou Phoebe. Não era o aspeto profissional que ela tentava fomentar no trabalho.

Mas que poderia fazer? Ela tinha de estar ali especada, na varanda da Casa MacNamara, com a sua família, a beber limonada e a ver o desfile.

— Tenente MacNamara?

— Isso mesmo. Vamos a despachar. — Ela entrou, abriu o telemóvel com uma mão e puxou o cinto de segurança com a outra.

— Capitão, estou a caminho. Pode dizer.

A sirene gritava enquanto o condutor acelerava. Phoebe sacou do bloco de notas e começou a tirar apontamentos.

Joseph (Joe) Ryder, suicida. Quer atirar-se do telhado. Está armado. Vinte e sete anos, branco, casado/separado. Empregado de bar/desempregado. Sem pendor religioso conhecido. Sem família no local.

PORQUÊ? A mulher deixou-o, foi despedido (bar desportivo), dívidas de jogo.

Sem cadastro, sem tentativas de suicídio anteriores registadas.

Sujeito alterna entre chorar/barafustar. Não houve tiros.

— Pronto. — Phoebe exalou. Em breve iria conhecer Joe muito melhor.

— Quem é que está a falar com ele?

— Ele tem o telemóvel dele. O primeiro a chegar ao local não conseguiu contacto. O sujeito estava sempre a rejeitar a chamada. Mandámos vir

¹ A cerveja verde (cor alterada por corante alimentar verde ou Blue Curaçao), assim como a cor verde em geral são elementos típicos do Dia de São Patrício. (N. da T.)

o patrão dele, ex-patrão, o qual também é o senhorio. O sujeito tem estado a falar com ele, mas não há progressos.

— E tu?

— Mal acabara de cá chegar quando te chamei. Não queria atirar-lhe muita gente para cima.

— Está bem. Daqui a cinco minutos devo estar aí. — Ela olhou para o condutor, o qual assentiu para confirmar. — Não o deixes morrer até lá.

* * *

Dentro do apartamento de Joe Ryder, no quarto andar, o suor escorria pelas costas de Duncan Swift abaixo. Um tipo que ele conhecia, um tipo com quem ele bebera umas bejecas, com quem contara umas piadolas, com quem mijara, pelo amor de Deus, em urinóis lado a lado, estava sentado no parapeito do telhado com uma pistola na mão.

Porque eu o despedi, pensou Duncan. Porque lhe dei trinta dias para sair do apartamento. Porque não lhe liguei nenhuma.

Agora, havia uma possibilidade fortíssima de Joe meter uma bala num ouvido ou se atirar do telhado abaixo. As duas coisas, até.

Não era bem o tipo de entretenimento que a malta esperava para o Dia de São Patrício. Não era que aquilo afastasse alguém. A polícia tinha isolado o quarteirão mas, pela janela, Duncan podia ver gente apertada contra as barreiras, de cara virada para cima.

Ocorreu-lhe se Joe estaria vestido de verde.

— Anda lá, Joe, havemos de resolver tudo. — Quantas vezes, pensou Duncan, teria ele de repetir aquela mesma frase que o polícia continuava a sublinhar no caderno. — Larga a pistola e vem para dentro.

— Tu despediste-me, merda!

— Pois foi, pois foi. Desculpa lá, Joe. Estava irritado. — Tu roubaste-me, cabrão estúpido, pensou Duncan. Fizeste uma argolada, roubaste-me. Tentaste enganar-me. — Não me tinha apercebido do quanto estavas mal, nem do que se passava. Anda para dentro que havemos de resolver tudo.

— Sabes bem que a Lori me deixou.

— Eu... — Não, eu não, lembrou-se Duncan. Estava com uma dor de cabeça astronómica, mas tentou lembrar-se das instruções que o Capitão McVee lhe dera. — Devias estar muito em baixo.

Em resposta, Joe começou a choramingar outra vez.

— Veja se ele continua a falar — murmurou Dave.

Duncan ouviu os queixumes chorosos de Joe, e tentou repetir frases importantes conforme lhe tinham indicado.

A ruiva entrou na sala como uma bala. Despiu um blusão ligeiro enquanto falava com o capitão, e vestiu um colete à prova de bala. Todos os movimentos dela eram rápidos como um raio.

Duncan não conseguia ouvir o que eles diziam. E não conseguia tirar os olhos dela.

Determinação foi o primeiro termo que lhe veio à ideia. Depois, energia. Depois, sensualidade, embora este último misturado nos dois primeiros em proporções iguais. Ela abanou a cabeça, olhou na direção de Duncan – um olhar longo e frio com olhos verde-gato.

— Tem de ser cara a cara, Capitão. Sabia disso quando me chamou.

— Podes tentar trazê-lo para dentro por telefone, primeiro.

— Já tentaram. — Ela observou o homem que estava a tentar dizer palavras de consolo ao sujeito que chorava. Antigo patrão e senhorio, deduziu ela.

Muito novo para isso, pensou ela. Tipo muito giro com ar de quem se esforça para não entrar em pânico.

— Ele precisa de uma cara. Precisa de contacto pessoal. Aquele é o patrão?

— Duncan Swift, dono do bar no rés-do-chão do prédio. Ligou para a polícia depois de o sujeito lhe dizer que ia atirar-se do telhado. Tem estado no local desde então, o Swift.

— Muito bem. O Capitão é o graduado de serviço nisto, mas eu sou a negociadora. Tenho de lá ir acima. Vamos ver o que é que o sujeito acha disso.

Ela aproximou-se de Duncan, fazendo-lhe sinal para ele lhe dar o telemóvel.

— Joe? Chamo-me Phoebe. Sou da polícia. Como é que você está aí fora?

— Porquê?

— Porque quero saber se você está bem. Tem calor aí fora, Joe? O sol hoje está uma brasa. Vou dizer ao Duncan que nos traga duas garrafas de água fresca. E quero levar-lhas aí acima, e conversar.

— Estou armado!

— Já sei disso. Se eu lhe levar uma coisa fresca para beber, o Joe dá-me um tiro?

— Não — respondeu ele, ao fim de um bom bocado. — Não, merda. Porque é que eu havia de fazer isso? Nem sequer a conheço.

— Eu levo-lhe uma garrafa de água. E vou só eu, Joe. Preciso que me prometa que não se atira nem dispara essa arma agora. Promete deixar-me ir aí levar-lhe uma garrafa de água?

— Preferia cerveja.

O tom anelante da voz dele espicou-a.

— Que tipo de cerveja prefere?

— Tenho Harp em garrafa no frigorífico.

— Sai uma cerveja fresca. — Ela foi ao frigorífico, e viu que pouco mais havia do que cerveja. Estava a tirar uma quando Duncan se aproximou e abriu a garrafa. Ela assentiu, tirou a única Coca-Cola que lá estava e desrolhou-a.

— Vou subir com a cerveja, está bem?

— ‘Tá, sabia-me bem uma cerveja.

— Joe? — A voz dela era fria como as garrafas que tinha na mão, enquanto um dos polícias lhe punha uma escuta e tirava a arma. — Vai suicidar-se?

— É essa a ideia.

— Bom, se é essa a ideia, não sei se será muito boa.

Ela saiu do apartamento atrás de um dos polícias e subiu as escadas até ao telhado.

— Não tenho nada melhor para fazer.

— Nada melhor? Parece que se sente mesmo em baixo. Estou à porta do telhado agora, Joe. Posso ir ter consigo?

— Pode, pode, eu já disse, não disse?

Ela tinha razão quanto ao sol. Estava tão forte que parecia ressaltar no telhado como uma bola de fogo vermelha. Ela olhou para a esquerda e viu-o.

Ele só tinha vestido qualquer coisa que pareciam boxers pretos. Cabelo louro e pele clara – pele que já estava a ficar dolorosamente corada. Ele semicerrou os olhos inchados de tanto chorar.

— Acho que devia ter trazido protetor solar além da cerveja. — Ela ergueu a garrafa para que ele a visse. — Você está a assar aqui em cima, Joe.

— Não interessa.

— Eu ficaria muito agradecida se você pousasse a pistola, Joe, para lhe levar a cerveja.

Ele abanou a cabeça.

— Você ainda tenta alguma coisa.

— Prometo não tentar nada se você pousar a arma enquanto lhe levo a cerveja. Só quero que conversemos, Joe, eu e você. Conversar faz sede, aqui fora ao sol.

Com os pés a balouçar no parapeito do telhado, ele baixou a pistola e pousou-a no colo.

— Ponha-a aqui e afaste-se.

— Está bem. — Phoebe não o desfitou enquanto se aproximava. Conseguiu cheirá-lo, suor e desespero; conseguiu ver-lhe o desânimo nos

olhos castanhos raiados de sangue. Phoebe pousou a garrafa cuidadosamente no parapeito e afastou-se.

— Está bem assim?

— Se você tentar alguma coisa, atiro-me.

— Compreendo. O que aconteceu para você ficar tão em baixo?

Ele pegou na cerveja, fechou a mão sobre a pistola outra vez e bebeu um longo trago.

— Porque é que a mandaram para aqui?

— Não me mandaram, eu é que vim. É o meu trabalho.

— O quê? É psiquiatra, ou coisa assim? — Ele resfolegou perante a ideia, e bebeu mais um gole.

— Não é bem isso. Converso com as pessoas, especialmente pessoas com problemas, ou que acham que têm problemas. O que aconteceu para o Joe pensar que tem problemas?

— Sou um aselha, mais nada.

— O que é que o faz pensar que é um aselha?

— A minha mulher deixou-me. Nem seis meses estivemos casados, e ela deixa-me. E já me tinha avisado várias vezes. Se eu voltasse a jogar, ela punha-se na alheta. Não ouvi, não acreditei.

— Parece que isso o faz sentir muito triste.

— A melhor coisa que me aconteceu na vida, e meti o pé na argola. Achei que podia ganhar – bastavam duas vezes, e mais nada. Não correu bem. — Encolheu os ombros. — Nunca corre.

— Não chega para se matar por causa disso, Joe. É difícil, e custa muito quando alguém nos deixa. Mas se morrer, nunca mais poderá consertar as coisas. Como se chama a sua mulher?

— Lori — murmurou ele, e os olhos encheram-se de lágrimas.

— Não me parece que o Joe queira magoar a Lori. Como é que acha que ela se vai sentir se o Joe fizer isso?

— E ela ralada!

— Ralou-se a ponto de se casar consigo. Não se importa que eu me sente? — Ela tamborilou no parapeito a poucos centímetros dele. Como ele encolheu os ombros, ela sentou-se e bebeu um gole de cola. — Acho que podemos resolver isto, Joe. Arranjar ajuda para si, arranjar ajuda para si e para a Lori. Parece que você quer arranjar maneira de resolver as coisas.

— Fui despedido.

— Isso custa. Em que é que trabalhava?

— Era empregado de balcão. No bar desportivo lá em baixo. A Lori não queria que eu trabalhasse num bar assim, mas eu disse-lhe que não fazia mal. Mas fez. Não consegui aguentar-me. Comecei a fazer apostas

clandestinas. E quando comecei a perder, roubei a caixa para a Lori não descobrir. Apostei mais, perdi mais, roubei mais. Fui apanhado, fui despedido. E também devo renda.

Ele pegou na pistola e virou-a nas mãos. Phoebe preparou-se, e reprimiu o instinto de se baixar e proteger.

— De que serve? Não tenho nada.

— Compreendo porque o Joe se sente assim neste momento. Mas o facto é que não faltam oportunidades. Toda a gente merece mais do que uma. Se o Joe se matar, acaba tudo. Acabam as oportunidades. Não há volta a dar-lhe, não há compensação para a Lori, nem para si. Como é que o Joe gostaria de compensar a Lori, se tivesse oportunidade?

— Não sei. — Ele olhou para a cidade. — Ouço música. Deve ser do desfile.

— Vale a pena viver para isso. De que música é que o Joe gosta?

Dentro do apartamento, Duncan virou-se para Dave.

— Música? De que música é que ele gosta? Mas que raio está ela a fazer?

— A conversar com ele. A dissuadi-lo. É ele quem fala. — Dave fez um aceno de cabeça na direção do homem. — Enquanto ele falar sobre os Coldplay, não se vai atirar do telhado.

Duncan ouviu-os conversar sobre música nos dez minutos seguintes, uma conversa que ele poderia ter ouvido em qualquer bar ou restaurante da cidade. Quando imaginou Joe no telhado, pareceu-lhe surreal. Quando imaginou a ruiva com os olhos verdes de gata e o corpinho firme a manter o que parecia conversa da treta com um empregado de bar quase nu, armado, e suicida, pareceu-lhe impossível.

* * *

— Acha que eu devo ligar à Lori? — Perguntou Joe com ar pensativo.

— É isso que o Joe quer fazer? — Ela já sabia que eles tinham tentado contactar a mulher separada de Joe, em vão.

— Queria dizer-lhe que estou arrependido.

— Isso é bom, dizer-lhe que está arrependido. Mas o Joe sabe o que é que funciona melhor com as mulheres – e eu sei, pois sou uma delas. Mostrar-lhe. Nós acreditamos quando nos mostram. O Joe pode mostrar-me neste momento se me der a pistola.

— Achei que era melhor matar-me antes de cair. Ou se calhar pelo caminho.

— Olhe para mim, Joe. — Quando ele virou a cabeça, ela fitou-o nos olhos. — É assim que lhe vai mostrar o quanto está arrependido? Fazendo

as coisas de maneira a que ela tenha de o enterrar, que ela tenha de fazer luto? O Joe quer castigá-la?

— Não! — A cara dele, a voz dele, mostraram-se chocadas com a ideia. — A culpa é minha. A culpa é toda minha.

— Toda sua? Nunca me parece que alguém tenha culpa de tudo. Mas vamos resolver isso. Vamos arranjar maneira de o Joe compensar a Lori.

— Phoebe, eu tenho mais de cinco mil em dívidas de jogo.

— Cinco mil é difícil. Parece que o Joe se sente assustado por dever tanto dinheiro. Eu compreendo o que é ter problemas de dinheiro. O Joe quer que a Lori fique a pagar a sua dívida?

— Não. Se eu morrer, ninguém tem de pagar.

— Ninguém? Mas ela é sua mulher. É legalmente sua mulher. — Phoebe duvidava que houvesse responsabilidade legal, mas viu que a ideia afetava Joe. — Ela pode ficar responsável pelas suas dívidas.

— Meu Deus, meu Deus.

— Parece-me que sei como ajudá-lo nisso, Joe. Joe? Sabe que o seu patrão está lá dentro. Está lá dentro porque está ralado consigo.

— Ele é porreiro. O Dunc é bom tipo. E eu lixei-o. Roubei-o. Não o censuro por me ter despedido.

— Estou a ouvir o Joe dizer isso, e sei que o Joe compreende ser responsável pelos seus erros. O Joe é uma pessoa responsável, e quer corrigir esses erros. O Dunc é bom tipo, diz você, e eu vou acreditar que ele também compreende isso. Posso conversar com ele, se o Joe quiser. Sou boa a conversar. Se ele deixar o Joe pagar com mais tempo, já ajuda, não ajuda?

— Não... Não sei.

— Eu falo com ele.

— Ele é boa pessoa. E eu roubei-o.

— O Joe estava desesperado e assustado, e cometeu um erro. Eu sinto que o Joe está arrependido.

— Estou mesmo.

— Eu falo com ele — repetiu ela. — O Joe tem de me dar a pistola, e descer do parapeito. O Joe não quer magoar a Lori.

— Não quero, mas...

— Se pudesse falar com a Lori neste momento, o que lhe diria?

— Acho... Acho que não sei como é que cheguei a este ponto, e lamento. Amo-a. Não a quero perder.

— Se o Joe não a quer perder, se o Joe a ama, tem de me dar a pistola e descer do parapeito. Caso contrário, Joe, só vai deixar à Lori desgosto e culpa.

— A culpa não é dela.

Phoebe levantou-se no parapeito e estendeu a mão.

— Tem razão, Joe, tem toda a razão. Agora, mostre-lhe.

Ele olhou para a pistola, e continuou a olhar quando Phoebe estendeu lentamente a mão para lhe pegar. Estava escorregadia com o suor dele quando ela engatou a patilha de segurança, e depois a enganchou no cinto.

— Desça do parapeito, Joe.

— O que é que vai acontecer?

— Desça do parapeito e eu explico-lhe. Não lhe vou mentir. — Mais uma vez, ela estendeu-lhe a mão. Não devia, e sabia bem disso. Um suicida podia muito bem levar consigo uma negociadora. Mas ela não o desfitou e depois fechou os dedos com força na mão dele.

Quando os pés dele tocaram no telhado, ele deslizou simplesmente para o chão e voltou a choramingar. Ela acompanhou-o, passou o braço por cima do ombro dele e abanou ferozmente a cabeça aos polícias que entraram porta adentro.

— Vai correr tudo bem, Joe, você vai ter de ir com a polícia. Vai ter de passar por uma avaliação. Mas vai correr tudo bem.

— Lamento.

— Eu sei que sim. Agora venha comigo. Venha comigo. — Ela ajudou-o a levantar-se, suportou-lhe o peso quando passaram a porta.

— Vamos vestir qualquer coisa. Algemas, não — estalou ela. — Joe, um dos agentes vai buscar-lhe uma camisa, calças, sapatos. Pode ser? — Como ele assentia, ela fez sinal a um dos polícias na direção do quarto.

— Vou para a prisão?

— Algum tempo. Mas vamos tratar da ajuda de que o Joe precisa imediatamente.

— Não se importa de ligar à Lori? Se ela vier, posso... Posso mostrar-lhe que estou arrependido.

— Não me importo nada. Quero que lhe tratem do escaldão, e que lhe deem água.

Joe continuou cabisbaixo enquanto vestia as calças de ganga.

— Desculpa lá — murmurou ele para Duncan.

— Deixa lá isso. Ouve, vou arranjar-te um advogado. — Duncan olhou inexpressivamente para Phoebe. — Não é melhor?

— Isso é entre você e o Joe. Coragem. — Ela apertou ligeiramente o braço a Joe.

Levaram-no, um polícia de cada lado.

— Bom trabalho, Tenente.

Phoebe sacou arma e abriu-a.

— Uma bala. Ele não ia alvejar mais ninguém, além de a si próprio, e as probabilidades de o fazer são cinquenta por cento favoráveis, cinquenta

por cento desfavoráveis. — Phoebe passou a arma ao capitão. — Achou que ele precisava de falar com uma mulher.

— Assim me pareceu — anuiu Dave.

— No fim de contas, parece que tinha razão. Tem de se apanhar a mulher dele. Eu dou-lhe uma palavrinha se ela não quiser falar com ele. — Phoebe passou a mão pela testa suada. — Há água nesta casa?

Duncan estendeu-lhe uma garrafa.

— Mandei vir alguma.

— Agradecida. — Phoebe bebeu um longo trago enquanto o observava. Cabelo castanho denso e rico, despenteado num rosto anguloso com uma boca forte e olhos azuis suaves, naquele momento franzidos de preocupação. — Vai apresentar queixa?

— Pelo quê?

— Pelo que ele palmou da caixa.

— Não. — Duncan deixou-se cair no braço de uma cadeira. Fechou os olhos. — Credo, não.

— Quanto foi?

— Duas milenas, talvez mais. Não importa.

— Importa sim. Ele tem de pagar tudo, por respeito para consigo mesmo. Se você o quiser ajudar, há de arranjar maneira.

— Claro. Pois.

— Você é o senhorio também?

— Sim, mais ou menos.

Phoebe ergueu o sobrolho.

— Mas que atarefado! Acha que pode adiar a renda mais um mês?

— Posso, posso sim.

— Ótimo.

— Ouça... eu só percebi que se chama Phoebe.

— MacNamara. Tenente MacNamara.

— Gosto do Joe. Não quero que ele vá dentro.

Boa pessoa, dissera Joe. O mais certo era que tivesse razão quanto a isso.

— Isso é simpático, mas há consequências. O facto de ter de as pagar irá ajudar o Joe. Ele clamava por ajuda, e agora vai tê-la. Se você souber a quem é que ele deve os cinco mil, ele também terá de acertar isso.

— Eu não sabia que ele se metia no jogo.

Dessa vez ela soltou uma risadinha.

— Você é dono de um bar desportivo e não sabe que há apostas?

Ele endireitou as costas. Já tinha um nó na garganta, e agora endireitava as costas.

— Ouça lá, o Slam Dunc é um sítio fixe, não é um antro da máfia. Eu não sabia que ele tinha esse problema, senão ele não andaria por lá a fazer isso. Parte disto foi culpa minha, mas...

— Não. Não. — Ela ergueu uma mão e passou a garrafa fria pela testa transpirada. — Tenho calor, estou irritada. Nada disto foi culpa sua. Peço desculpa. As circunstâncias levaram o Joe para aquele parapeito, e ele é responsável por essas circunstâncias e pelas escolhas que fez. Sabe onde podemos encontrar a mulher dele?

— Calculo que ela esteja a ver o desfile, como toda a gente em Savannah, menos nós.

— Sabe onde é que ela mora?

— Não sei ao certo, mas dei uns contactos ao seu capitão. Amigos deles.

— Havemos de a encontrar. Você vai ficar bem agora?

— Bom, não hei de ir para o telhado e saltar. — Ele suspirou longamente e abanou a cabeça. — Posso oferecer-lhe um copo, Phoebe?

Ela mostrou a garrafa de água.

— Já ofereceu.

— Posso fazer melhor.

Hum, um bocadinho de charme, reparou ela.

— Isto basta. Devia ir para casa, Sr. Swift.

— Duncan.

— Hum, hum. — Ela fez-lhe um sorrisinho, e depois pegou no blusão.

— Ouça, Phoebe. — Ele chegou à porta antes dela. — Posso ligar-lhe se me sentir suicida?

— Ligue para o número verde — disse ela sem olhar para trás. — O mais certo é que o consigam dissuadir.

Ele foi até ao corrimão para a ver partir. Determinação, pensou ele outra vez. Podia muito bem ficar caidinho por uma mulher com determinação.

Depois sentou-se no degrau e sacou do telemóvel. Ligou ao seu melhor amigo – o qual também era seu advogado – para o convencer a defender um empregado de bar suicida com o vício do jogo.

* * *

Na varanda do segundo andar, Phoebe viu o cão-pastor verde a exhibir-se. Parecia orgulhosíssimo de si mesmo, a acertar o passo com o pífaro e o tambor tocados por um trio de duendes.

Joe estava vivo e, embora ela tivesse perdido a abertura, estava exatamente onde queria para o segundo ato.

Não era uma maneira nada má de passar o Dia de São Patrício, afinal. A seu lado, a filha de sete anos saltitava nos ténis verdes brilhantes. Carly fizera uma grande e aturada campanha para conseguir aqueles ténis, Phoebe recordava-se bem disso, derrubando toda e qualquer resistência ao facto de serem caros e nada práticos.

Calçara-os e vestira calças verdes cortadas com pintinhas cor-de-rosa escuras, e uma camisa verde com gregas cor-de-rosa – outra longa e árdua campanha da pequenita diva da moda. Porém, Phoebe tinha de admitir, a miúda estava um doce.

O cabelo ruivo-claro de Carly saía à avó e à mãe. Os caracóis também eram da avó – e saltavam uma geração, já que o cabelo de Phoebe era liso. Os olhos azuis brilhantes e inteligentes saíam a Essie também. A geração intermédia, como Phoebe chamava amiúde a si própria, ficara-se pelo verde.

Todas as três tinham a pele pálida quase branca típica das ruivas, mas Carly herdara as covinhas que Phoebe tanto desejara em criança, e a boca bonita com a covinha acentuada no lábio superior.

Havia alturas em que Phoebe olhava para a mãe e para a filha e, no meio das impossíveis ondas de amor, perguntava-se como é que podia ser ela a ponte entre dois pontos combinados com tanta perfeição.

Phoebe passou a mão pelo ombro de Carly e depois curvou-se para dar um beijo naqueles caracóis ruivos e revoltos. Em resposta ao gesto, Carly brindou-a com um sorriso enorme que mostrava o intervalo dos dentes da frente que lhe faltavam.

— O melhor lugar da casa. — Por detrás delas, a um passo da porta, Essie sorria.

— Viste o cão, avó?

— Vi, pois.

O irmão de Phoebe virou-se para a mãe deles.

— Queres sentar-te, mamã?

— Não, querido. — Essie acenou para Carter. — Estou aqui bem.

— Podes voltar ao corrimão outra vez, avó. Eu dou-te a mão o tempo todo. É como o pátio.

— Pois é. Pois é. — Mas o sorriso de Essie era forçado quando atravessou a curta distância até ao corrimão.

— Podes ver melhor daqui — começou Carly. — Vem aí outra banda filarmónica! Não é linda, avó? Vê só como eles levantam as pernas.

Vê só como ela acalma a avó, pensou Phoebe. Como a mãozinha dela a segura para dar apoio. E Carter, vejam só, a pôr-se do outro lado da mãe, a passar-lhe uma mão pelas costas ao mesmo tempo que aponta para a multidão.

Phoebe sabia o que a mãe via quando olhava para Carter. Tendo um filho também, compreendia exatamente aquele amor duro e atordoante. Mas para ela seria a dobrar, pensou Phoebe. Bastava à mãe olhar para Carter, para o cabelo castanho rico, os olhos calorosos cor de amêndoa, a forma do queixo, do nariz, da boca, para ver o marido que perdera tão nova. E todas as expectativas que tinham morrido com ele.

— Limonada acabada de fazer! — Era Ava e trazia um carrinho até à porta.

— Com muita hortelã para termos verde.

— Ava, não era preciso estares com tanto trabalho.

— Ai era, pois. — Ava riu-se para Phoebe e sacudiu a melena de cabelo louro e atrevido. Aos quarenta e três anos de idade, Ava Vestry Dover continuava a ser a mulher mais bonita que Phoebe conhecia. E talvez a mais bondosa.

Quando Ava pegou no jarro, Phoebe interrompeu-a.

— Não, eu sirvo, vai lá ver um bocadinho. A mamã sente-se melhor contigo ao lado — acrescentou Phoebe baixinho.

Ava assentiu, aproximou-se de Essie, tocou-lhe no ombro e depois pôs-se do lado oposto ao de Carly.

Aquela era a família dela, pensou Phoebe. Sim, o filho de Ava estava fora, na universidade em Nova Iorque, e a bonita mulher de Carter estava a trabalhar, mas aquela era a base, aqueles eram os alicerces. Sem eles, ela não sabia bem se não começaria a flutuar no ar como uma simples traça.

Deitou limonada nos copos, distribuiu-os, foi pôr-se ao lado de Carter e encostou a cabeça ao ombro dele.

— É uma pena que a Josie não possa cá estar.

— Pois é. Mas há de vir jantar, se puder.

O maninho dela, pensou Phoebe, casado.

— Vocês dois deviam cá passar a noite, evitar o trânsito do feriado e a loucura dos farristas.

— Gostamos da loucura dos farristas, mas hei de ver se ela prefere ficar. Lembras-te da primeira vez que aqui estivemos a ver o desfile? Aquela primeira primavera depois do Reuben.

— Lembro.

— Era tudo tão garrido e barulhento e tolo. Estava toda a gente tão feliz. Acho que até a prima Bess fez um sorrisinho, ou dois.

Devia ser apenas indigestão, pensou Phoebe, com um resquício de azedume.

— Eu senti, senti mesmo, que talvez tudo voltasse a ficar bem. Que ele não ia fugir e vir atrás de nós, que não ia matar-nos enquanto dormíamos. O Natal não ajudou nada, não nesse primeiro ano, e os meus anos

também não. Mas aqui de pé há tantos anos, achei que talvez fosse ficar tudo bem.

— E ficou.

Ela pegou-lhe na mão e eles ficaram ligados, pelo corrimão fora.

2.

De banho tomado e ressaca, Duncan estava sentado ao balcão da cozinha a matutar no computador portátil com uma caneca de café. Fizera tenções de não beber mais de duas cervejas, no convívio com clientes habituais do Slam Dunc, antes de ir ouvir música e beber mais uma cerveja no Swifty's, o seu pub irlandês.

Quando se era dono de bares, coisa que ele já aprendera, era melhor ficar sóbrio. Ele até podia contornar essa regra um bocadinho no Dia de São Patrício ou na Passagem de Ano, mas sabia como passar a noite com duas cervejas.

Não fora a vontade de comemoração que pusera o Jameson com um shot de cerveja na mão dele, vezes de mais. Fora puro alívio. Joe não era uma mancha no passeio à porta do bar.

Bebo a isso.

E era melhor estar ressacado por boas notícias do que ressacado por más. Ainda nos sentimos uma merda, admitiu Duncan quando as cornetas e gaitas lhe castigaram a cabeça cansada, mas sabemos que há de passar.

Ele precisava de sair de casa. Dar um giro. Ou dormir uma sesta na rede. Depois descobrir o que fazer a seguir. Andava a descobrir o que fazer a seguir há sete anos. E gostava.

Franziu o sobrolho a olhar para o computador mais um pouco, e depois abanou a cabeça. Se tentasse trabalhar agora, se tentasse fingir que trabalhava, o mais certo era a cabeça rebentar-lhe.

Em vez disso, levou o café para o terraço das traseiras. As pombas arrulhavam, a abanarem as cabeças enquanto debicavam no chão o que caía do comedouro. Gordas e preguiçosas, pensou Duncan, para se ralarem a levantar voo e comer mesmo lá em cima. Preferiam ficar com os restos.

Havia muita gente assim.

Os jardins dele floresciam, e ele gostava de saber que um pouco do seu esforço e do seu suor tinha contribuído para isso. Pensou em dar um passeio por eles naquele momento, perambular pelos carvalhos vivos e as espessas teias de aranha de musgo, até à doca. Dar uma volta de barco talvez, atravessar o rio.

Estava uma bela manhã para isso, agora que tomava atenção. Uma daquelas manhãs límpidas, cristalinas, com uma ligeira brisa que dava vontade de cristalizar para quando chegasse a julho.

Ou podia ir lá abaixo sentar-se na doca, contemplar os bancos de sal e ver o sol a brincar neles. Levar o café lá para baixo e sentar-se simplesmente sem fazer nada numa bela manhã de primavera – uma belíssima manhã.

E que andaria o Joe a fazer naquela belíssima manhã? Estaria sentado numa cela? Numa sala de paredes acolchoadas? O que estaria a ruiva a fazer?

Não servia de nada fingir que aquele era mais um dia de vida normal quando ele não conseguia tirar o dia anterior da cabeça. Não valia a pena pensar que queria sentar-se no molhe a curar a ressaca e a fingir que estava tudo uma beleza.

Por conseguinte, subiu a escada de volta ao quarto, procurou umas calças de ganga lavadas e uma camisa que não tivesse ar de ter servido de pijama. Depois sacou da carteira, das chaves e de outras tralhas dos bolsos das calças que tinham servido de pijama depois de ele se ter arrastado meio bêbado para a cama.

Pelo menos tivera a esperteza de apanhar um táxi, recordou-se quando passou os dedos pela massa emaranhada de cabelo castanho.

Talvez fosse melhor vestir fato. Deveria vestir um fato?

Merda.

Decidira que usar fato era uma espécie de exibicionismo quando se destinava a visitar um antigo empregado na atual situação de Joe. Além disso, não lhe apetecia nada usar a treta de um fato.

Mesmo assim, a ruiva poderia gostar de executivos, e dado que ele fazia tenções de a procurar, o fato podia dar-lhe vantagem.

Para o diabo com aquilo.

Saiu do quarto, fez a curva da escadaria a correr, passou o mar de mosaicos brancos polidos do grande átrio. Quando abriu uma das portas duplas da arcada, viu o pequeno Jaguar vermelho dobrar a última curva do acesso à casa dele.

O homem que saiu do carro vinha de fato, e de certezinha que era italiano – assim como os sapatos. Phineas T. Hector conseguia manter um aspeto impecável mesmo depois de uma luta de lama no meio de um furacão.

Duncan meteu os polegares nos bolsos da frente e ficou a ver Phin aproximar-se. Ocorreu a Duncan que Phin nunca parecia ter pressa alguma, mas aquela cabeça dele andava sempre de turbo ligado.

Parecia um advogado, achou Duncan, e daqueles bem caros. Exatamente o que ele era agora. Quando se tinham conhecido – já teriam pas-

sado dez anos? –, Phin mal podia pagar a corrida de táxi para o tribunal, quanto mais um fato Armani.

Agora usava-o como se tivesse nascido para aquilo, o cinza-claro uma excelente escolha na sua pele escura, no seu corpo tonificado pelo ginásio. O sol refletiu-se nos óculos escuros quando ele parou na base dos degraus brancos para observar Duncan.

— Estás com mau aspeto, ó amigo.

— E sinto-me igualmente mal.

— Era de prever, depois da quantidade de bebidas adultas que emborcaste ontem à noite.

— Na altura soube-me bem. O que te traz por cá?

— Venho à reunião.

— Tínhamos disso?

Phin limitou-se a abanar a cabeça e a subir a escada.

— Já devia calcular que não te lembrarias. Estavas entretido a beber irlandês e a cantar «Danny Boy».

— Não cantei nada «Danny Boy». — Oh, valha-me Deus.

— Não sei bem. Essas cantigas irlandesas parecem-me todas as mesmas. Vais sair?

— Ia. Acho que é melhor irmos para dentro.

— Aqui está-se bem. — Phin encostou-se ao corrimão comprido e branco, com os braços por detrás das costas. — Ainda pensas em vender isto?

— Não sei. Talvez. — Duncan olhou em redor – jardins, árvores, poços de sombra, relva verde, verde. Não conseguia decidir-se quanto ao que sentia por aquele sítio, de um dia para o outro. — Provavelmente. Com o tempo.

— É um belo sítio. Fica longe do burburinho.

— Já me chega de burburinho. Eu pedi-te que cá viesses, Phin? Estou confuso.

— Pediste-me que visse como estava o Joe Suicida esta manhã e que depois te viesse contar. Depois de eu concordar, abraçaste-me e deste-me um chocho. Parece-me que já circula o boato de que a minha mulher é a nossa fachada.

Duncan ponderou naquilo.

— E eu beijei-a também, ao menos?

— Beijaste. Queres saber do Joe?

Duncan remexeu nas chaves que tinha no bolso.

— Já ia dar um giro à cidade para saber dele.

— Poupo-te a viagem. Ele está melhor do que eu esperava, tendo em conta o estado dele ontem quando o vi pela primeira vez.

— A mulher dele...

— Estava lá — interrompeu Phin. — Muitíssimo zangada, mas estava lá. Ele apanhou um escaldão, está a ser tratado, e eu aprovei, enquanto advogado dele, o psiquiatra indicado pelo tribunal. Dado que tu não queres fazer queixa, ele não vai cumprir grande pena. Vai ter ajuda, como tu querias.

— Pois. — Então porque é que se sentiria tão culpado?

— Se lhe voltares a dar emprego, Dunc, dou-te um enxerto.

— Não me podes dar um enxerto. — Duncan fez-lhe um sorriso lento e enviesado. — Não sabes mexer-te bem, ó mano.

— Abro uma exceção. Ele vai ter ajuda. A mulher dele há de aceitá-lo de volta, ou não. Tu já fizeste mais do que muitos fariam, e contrataste o melhor advogado de Savannah.

— Bem pode, pelo que tu levas — resmungou Duncan.

Phin só sorria.

— Só te podes culpar a ti próprio. Bem, vou voltar à carga e levar bom dinheiro a mais uns clientes.

— E a ruiva?

— Qual ruiva? — Phin baixou os óculos escuros um bocadinho e franziu o sobrolho para Duncan. — Havia duas louras e uma morena deliciosa a tentarem fazer-se a ti ontem à noite, mas tu estavas entretido agarrado à cerveja e não soubeste contra-atacar.

— Não, não foi ontem à noite. A ruiva. Phoebe MacNamara. Tenente Phoebe MacNamara. Credo. — Duncan suspirou longa e exageradamente e deu palmadinhas no peito. — Só de o dizer fico mais animado, acho que vou repetir. Tenente Phoebe MacNamara.

Phin revirou os olhos e fixou-os no telhado branco do terraço coberto.

— És mesmo um tratado, Swift, sabe Deus. O que vais fazer com uma polícia?

— Ocorre-me toda a espécie de coisas. Ela tem olhos verdes, e aquele corpinho jeitoso. E foi para o telhado. Está um gajo sentado no parapeito com uma arma, um gajo que ela nunca viu mais gordo, mas ela foi.

— E achas isso atraente?

— Acho fascinante. E sensual. Tu viste-a, não viste? O que te parece?

— Achei-a despachada e frontal, bem-educada e astuta. E detentora de um excelente cu.

— Não me sai da cabeça. Acho que devia ir falar com ela, tentar perceber porquê. Podes dar-me boleia, preciso de ir buscar o carro, seja como for.

* * *

Depois de dar uma ação de formação de duas horas, Phoebe sentou-se à secretária. Tinha o cabelo apanhado, enrolado na nuca, principalmente para o tirar da cara. Além disso, pensava – esperava – que o estilo lhe conferisse mais autoridade. Muitos dos polícias a que ela dava formação – os homens – demoravam a levar uma mulher a sério.

Todos a viam com seriedade no fim, ou já teriam levado um pontapé no rabo.

Ela até podia ter tido um intermediário na pessoa de Dave para a ajudar a abrir a porta da esquadra, mas fora ela quem a escancarara, e ganhara a patente, a posição.

Agora, devido a essa patente e posição, tinha uma pilha de papelada para desbravar. E tinha de passar a tarde no tribunal, era testemunha das circunstâncias de uma disputa doméstica que acabara muito mal, com reféns.

Depois disso, precisava de voltar e terminar o que pudesse. Depois disso, tinha de ir às compras.

E depois de as coisas assentarem em casa, precisava de se atirar aos livros, para preparar uma palestra que ia dar sobre negociação de crises.

Algures pelo meio tinha de arranjar tempo de organizar as contas – já tardava – e ver se havia maneira de poder comprar um carro novo sem roubar um banco.

Abriu o primeiro dossiê, e lançou-se na gestão do seu cantinho da Direção de Polícia de Savannah-Chatham.

— Tenente?

— Hum? — Respondeu ela a Sykes, um dos negociadores da sua unidade, sem levantar os olhos.

— ‘Tá ali um tipo que quer vê-la. Chama-se Duncan Swift.

— Hum? — Desta vez ergueu os olhos, mas de cenho franzido. Olhou pela janela do gabinete e viu Duncan a estudar a sala da brigada como se fosse um planeta estranho.

Phoebe pensou no trabalho, no pouco tempo, e quase o descartou. Depois ele encarou-a. E sorriu.

— Enfim. — Phoebe levantou-se da secretária e foi até à porta do gabinete. — Sr. Swift?

Ele tinha um sorriso mesmo eficaz, decidiu ela. Havia algo nele que indicava ser fácil e frequentemente usado. E os olhos dele, um azul suave e fosco, fitavam mesmo uma pessoa. Phoebe sabia por experiência própria que muita gente não se sentia à vontade a estabelecer contacto visual. Porém, aquele homem indicava não estar simplesmente a olhar para uma pessoa, mas também a pensar nessa pessoa.

— Está ocupada. Parece ocupada — disse ele quando chegou ao pé dela. — Prefere que eu volte quando não estiver?

— Se o que o traz cá puder esperar cerca de uma década, prefiro.
 — Pois eu preferia que não.
 — Então entre.
 — Ena. Não é como na televisão, mas quase. Costuma ficar aborrecida aqui sentada e toda a gente a ver o que está a fazer, o dia todo?
 — Se ficar, posso sempre baixar as persianas.
 Ele meteu os polegares nos bolsos da frente das calças de ganga coçadas. Havia pernas compridas dentro daquelas calças, e ela reparou nisso.
 — Aposto que quase nunca o faz.
 — Falei com o advogado que você contratou para representar o Joe. Pareceu-me muito competente.
 — Ponha competente nisso. Portanto... Eu queria perguntar-lhe se acha que eu devo ir ver o Joe Suicida...
 — Como disse? Joe Suicida?
 — Desculpe, começámos a chamar-lhe isso ontem à noite. Ficou-me na cabeça. Acha que devo ir vê-lo, ou será melhor para ele se eu me afastar?
 — O que gostaria de fazer?
 — Não sei. Não é que fôssemos amigos do peito nem nada. Mas o que se passou ontem continua a atormentar-me a cabeça.
 — Vem mais ao caso o que está a atormentar a dele.
 — Pois é. Pois é. E tive um sonho.
 — Ai sim?
 — Sonhei que era eu sentado no parapeito em roupa interior.
 — Boxers ou slips?
 Ele riu-se.
 — Boxers. Seja como for, eu estava sentado no parapeito e você estava lá sentada comigo.
 — Está a sentir-se suicida?
 — Nem por sombras.
 — Chama-se transferência. Você está a pôr-se no lugar dele. Foi uma experiência traumática, para si e para o Joe, embora tenha acabado bem.
 — Já teve alguma que não acabou?
 — Já.
 Ele assentiu, mas não pediu pormenores.
 — O que chama ao facto de você me ter ficado na cabeça? Chorar por mais?
 — Depende do «mais» a que se refere.
 — Comecei a pesquisá-la no Google.
 Ela recostou-se e ergueu as sobrancelhas.
 — Achei que era um atalho para satisfazer a curiosidade. Mas por vezes queremos fazer o caminho mais comprido. Assim conseguimos saber

de alguém junto da fonte, talvez com comida ou bebida à mistura. E se ficou a pensar nisso, sim, estou a fazer-me ao piso.

— Fui treinada para saber observar. Não preciso de ficar a pensar quando sei. Agradeço a sinceridade, e o interesse, mas...

— Não diga «mas» logo à partida. — Ele debruçou-se, apanhou um gancho que devia ter caído do cabelo dela, e deu-lho. — Pode pensar nisso como serviço público. Eu sou o público. Poderíamos contar um ao outro a história da nossa vida, com comida e bebida à mistura. Diga você quando e onde. Se não gostarmos do que ouvimos, qual é o mal?

Ela deixou cair o gancho junto dos clipes.

— Agora está a negociar.

— E sou bom nisso. Podia simplesmente oferecer-lhe um copo. São quê – trinta minutos? Há muita gente que gasta mais tempo do que isso a escolher um par de sapatos. Meia hora depois do seu expediente, ou quando estiver de folga, não sei como lhe chama.

— Esta noite não posso. Tenho coisas combinadas.

— Alguma noite num futuro próximo em que não tenha?

— Muitas. — Ela balouçou-se devagar na cadeira, a estudá-lo. Porque é que ele tinha de ser tão giro, tão atraente? Ela não tinha mesmo tempo nenhum para aquilo.

— Amanhã à noite, das nove às nove e meia. Vou ter ao seu bar.

— Perfeito. Qual deles?

— Como?

— Não queira ir ao Dunc, está estranho depois de ontem, e há muito barulho e gajos a falar de desporto. O Swifty's.

— O Swifty's é seu?

— Mais ou menos. Já lá foi?

— Uma vez.

Ele juntou as sobrancelhas.

— Não gostou.

— Até gostei. Mas não gostei da companhia.

— Se quiser qualquer outro sítio...

— Pode ser o Swifty's. Às nove horas. Pode passar parte dos trinta minutos a explicar-me como é que é «mais ou menos» dono de dois bares e um prédio de apartamentos.

Ele usou o sorriso outra vez quando ela se levantou para assinalar o fim da conversa.

— Não mude de ideias.

— Raramente mudo.

— É bom saber. Até amanhã, Phoebe.

Um erro, disse ela de si para consigo enquanto o via ir-se embora.

Provavelmente seria um erro sair com um homem elegante e encantador, de olhos azuis suaves, e que lhe fazia apertos no estômago quando sorria para ela.

Mesmo assim, era apenas meia hora, apenas um copo.

E já há muito tempo que ela não arranjava meia hora para fazer um erro com um homem.

* * *

Phoebe arrastou-se para dentro de casa pouco passava das sete horas, com um saco de compras, uma pasta carregada e um caso sério de nervos em franja. O carro que ela nem tinha a certeza de poder substituir ficara-se com grande estrépito a um quarteirão da esquadra.

O custo de o mandar rebocar iria comer um grande naco do orçamento mensal. O custo de o mandar reparar tornava mais apetecível a possibilidade de um assalto ao banco.

Largou a pasta à porta e ficou a olhar para o elegante e belíssimo vestíbulo. A casa, por mais grandiosa que fosse, não lhe custava um tusto. E embora um tusto fosse uma expressão relativa, ela sabia que, mesmo que lhe fosse possível mudar-se, não teria dinheiro para isso, desse por onde desse. Era ridículo morar numa mansão e não saber como arranjar maneira de pagar a reparação de um Ford Taurus com oito anos.

Rodeada de antiguidades, de obras de arte, de pratos e cristais, de beleza e graciosidade – e não podia vender, empenhar nem trocar nada. Viver naquilo que se podia interpretar como sendo luxo, e ter uma dor de cabeça por causa de um maldito carro.

Phoebe encostou-se à porta e fechou os olhos tempo suficiente para se recordar que deveria estar grata. Tinha um teto, a família dela tinha um teto. E teria sempre.

Desde que ela obedecesse às regras ditadas por uma mulher que já morrera.

Endireitou-se, enterrou a ansiedade bem fundo para não lhe transparecer na cara. Depois levou o saco das compras pela casa fora até à cozinha.

Lá estavam elas. As miúdas. Carly à mesa da cozinha, de língua de fora a debater-se com os trabalhos de casa. A mãe e Ava ao fogão, a darem os últimos retoques ao jantar. Phoebe sabia que o ditado proibía duas mulheres de cozinharem ao mesmo tempo, mas aquelas duas conseguiam-no.

E o espaço cheirava a ervas, verduras e mulheres.

— Minha gente, eu disse-lhes que não me esperassem para jantar.

Quando Phoebe entrou, as três cabeças viraram-se.

— Mamã! Tenho a ortografia quase pronta.

— Linda menina. — Phoebe pousou o saco no balcão e foi dar um beijo repenicado a Carly. — Deves ter fome.

— Quisemos esperar por ti.

— Claro que esperámos. — Essie aproximou-se para fazer uma festinha no braço a Phoebe.

— Estás bem, pequenina? Deves estar tão cansada, com o carro a ir-se abaixo dessa maneira.

— Só me apetecia sacar da arma e dar-lhe um tiro, mas já me passou.

— Como é que vieste para casa?

— Vim de autocarro, e é assim que vou andar até o carro estar bom.

— Podes levar o meu — disse Ava, mas Phoebe abanou a cabeça.

— Sinto-me melhor sabendo que há um carro disponível aqui em casa. Não te apoquentes, o que é o jantar? Estou esfamada.

— Vai lá lavar as mãos. — Essie despachou-a. — Depois senta-te à mesa. Está tudo pronto, é só despachares-te.

— Então com licença. — Phoebe piscou o olho a Carly antes de ir à casa de banho ao lado da saleta.

Mais motivos para se sentir grata, recordou ela. Havia dúzias de tarefas e trabalhos que ela não tinha de acumular porque a mãe estava lá, porque Ava estava lá. Mil pequenas ralações que ela podia descartar. Não ia deixar-se atormentar por algo incomodativo como um simples meio de transporte.

Estudou o rosto ao espelho enquanto secava as mãos. Parecia cansada, e tensa, teve de admitir. Decerto teria rugas na cara na manhã seguinte, se não se descontraísse um pouco.

E, aos trinta e três anos, não faltariam rugas. Era a vida.

Porém, ela ia beber um belo copo de vinho com o jantar, fosse como fosse.

Era algo que a descontraía, assim como a comida bonita preparada pelas mãos de outrem, a luz suave, a música das vozes femininas.

Ouviu Carly contar do seu dia de aulas, e a mãe falar do livro que andava a ler.

— Estás tão calada, Phoebe. Estás mesmo cansada, não é?

— Um bocadinho — disse ela para Ava. — Mas quero ouvir.

— Porque não nos calamos cinco minutos? Conta-nos uma coisa boa que te tenha acontecido hoje.

Era uma brincadeira antiga, que a mãe fazia com eles desde sempre. Sempre que acontecia algo difícil ou irritante ou triste, Essie pedia-lhes que contassem algo bom.

— Ora vejamos. A ação de formação correu bem.

— Não conta.

— Então acho que agradar ao procurador-geral com o meu depoimento no tribunal esta tarde também não conta.

— Uma coisa boa que te tenha acontecido — recordou Essie. — É a regra.

— Pronto. É mesmo rigorosa — disse Phoebe, para Carly sorrir. — Não sei se é bom, mas é diferente. Hoje entrou-me pelo gabinete adentro um homem bonito.

— Só conta se te tiver convidado para jantar — começou Ava, e depois ficou boquiaberta perante a expressão de Phoebe. — Tens um encontro?

— Ora, pelo amor de Deus, não digas isso como se tivéssemos descoberto uma espécie nova.

— É quase tão raro quanto isso. Quem...

— Não é encontro nenhum. Aquele suicida que eu convenci a desistir ontem? Trabalhava para este homem. Ele só quer beber um copo.

— A Ava disse que tinha de ser jantar para contar — recordou Carly.

— Ele falou em jantar, mas negociámos e ficámos-nos pelos copos. Apenas meia hora amanhã. — Phoebe fez uma festa no nariz de Carly. — Depois de tu estares na cama.

— É giro? — Perguntou Ava.

O vinho e a companhia tinham funcionado. Phoebe sorriu.

— Muito giro. Mas só vou beber um copo com ele. Mais nada.

— Não é nenhuma doença terminal sair com homens.

— Olha quem fala. — Phoebe deu uma garfada no frango e olhou para a mãe. — E olha quem não fala. Mamã?

— Estava só a pensar em como seria agradável que tivesses alguém com quem ir jantar fora, ao cinema, dar um passeio. — Essie pôs a mão na de Phoebe. — A única vez que se ouve uma voz de homem nesta casa é quando o Carter cá vem, ou algum biscateiro. O que é que faz esse homem muito giro?

— Não sei bem, não tenho bem a certeza. — Phoebe bebeu mais vinho. — Acho que vou descobrir amanhã.

* * *

Sempre que estava em casa e conseguia, Phoebe gostava de deitar Carly. Tendo a filha mais de sete anos, Phoebe sabia que a fase de deitar não duraria muito mais tempo, pelo que desfrutava ao máximo.

— Já passa da hora de ir dormir, lindinha. — Phoebe curvou-se para dar um beijinho na ponta do nariz de Carly.

— Só passa um bocadinho. Posso ficar acordada até fora de horas na sexta-feira à noite?

— Hum. — Phoebe passou a mão pelos caracóis de Carly. — Pode arranjar-se. Vejamos como te saís no teste de ortografia de sexta.

Animada com a ideia, Carly sentou-se e deu um saltinho.

— Se eu tiver 100, podemos alugar um DVD, comer pipocas e ficar acordadas até fora de horas?

— Isso é uma grande recompensa. — Com gentileza mas firmemente, Phoebe encostou a base da mão à testa de Carly e empurrou-a para se deitar outra vez. — Tens teste de aritmética na sexta também, não tens?

O olhar de Carly refugiou-se nos lençóis com um padrão da Barbie.

— Talvez. É mais difícil do que ortografia.

— Sempre achei isso também. Mas se te saíres bem nos dois testes, estamos combinadas quanto ao DVD, as pipocas e o fora de horas. Agora dorme, para o cérebro estar pronto a estudar amanhã.

— Mamã? — Chamou Carly quando Phoebe apagou o candeeiro da mesa de cabeceira.

— Sim, fofinha.

— Tens saudades do Roy?

Não era papá, pensou Phoebe. Nem paizinho, nem sequer – amiúde – do meu pai. Era um comentário piedoso. Phoebe sentou-se na cama de lado, e fez uma festinha na face a Carly.

— Tu tens?

— Eu perguntei-te a ti.

— Pois perguntaste. — E a sinceridade era a pedra de toque do relacionamento que ela tinha com a filha. — Não, querida, não tenho.

— Ótimo.

— Carly...

— Não faz mal. Eu também não tenho saudades dele, e não faz mal. Estava só a perguntar por causa do que a avó disse ao jantar, de ter alguém com quem dar passeios e tal.

— Posso dar passeios contigo.

A boca bonita de Carly curvou-se.

— Podíamos dar um passeio no sábado. Um passeio grande. Pela River Street abaixo.

Sabedora do truque, Phoebe semicerrou os olhos.

— Não vamos às compras.

— Ver não é comprar. Podemos ver e não comprar nada.

— É o que tu dizes sempre. E a River Street há de estar cheia de turistas no sábado.

— Se calhar, devíamos ir ao centro.

— És esperta, miúda, mas não consegues ganhar esta. Nada de com-

pras este fim de semana. E nada de convencer a avó a comprar-te coisas na internet.

A isto Carly revirou os olhos.

— Está bem.

Phoebe riu-se e debruçou-se para lhe dar um abraço.

— Oh, senhores, eu gosto mais de ti do que de chocolate.

— Eu gosto mesmo de ti. Mamã, se eu tiver a melhor nota nos próximos três testes de ortografia, posso...

— As negociações estão encerradas por hoje, e também tu, Carly Anne MacNamara, estás.

Phoebe levou um dedo aos lábios quando se levantou. E, quando saiu, deixou a porta aberta uns centímetros para que a luz do patamar entrasse, tal como a menina dela gostava.

Precisava de começar a trabalhar. Ainda tinha umas boas duas horas pela frente. Porém, em vez de se dirigir ao escritório, Phoebe fez um desvio pela saleta da mãe.

Essie estava lá, como quase todos os serões, a fazer croché.

— Tive uma encomenda para um vestido de batizado — disse Essie, erguendo o olhar e sorrindo enquanto os dedos manipulavam agulhas e fios.

Phoebe sentou-se na bonita cadeira estofada que combinava com a da sua mãe.

— Fazes coisas tão bonitas.

— E gosto. Dá-me satisfação. Sei que não rende muito dinheiro, Phoebe, mas...

— A satisfação é o mais importante. As pessoas que compram o que tu fazes, ora, estão a comprar heranças de família. Sorte a delas. Mamã, a Carly perguntou pelo Roy.

— Ah sim? — As mãos de Essie estavam paradas. — Está transtornada?

— Não. De todo. Ela queria saber se eu tenho saudades dele. Disse-lhe a verdade, que não tenho, e resta-me esperar que seja a coisa acertada.

— Acho que foi, se queres saber. — Os olhos de Essie estavam cheios de preocupação. — Temos tido péssima sorte com os homens, não temos, pequenina?

— Oh, se temos. — Phoebe recostou-se e deixou que os olhos contemplassem o teto, o belíssimo estuque de uma casa antiga e grandiosa. — Estou a pensar se não deveria cancelar a espécie de encontro que tenho amanhã.

— Mas porque haverias de fazer isso?

— Estamos a dar-nos bem, não estamos? A Carly está feliz. Tu tens

trabalho que te dá prazer, eu tenho o meu. A Ava está satisfeita, embora quem me dera que ela e o Dave deixassem de fingir, agora que estão os dois solteiros, que não se sentem atraídos um pelo outro. Portanto, porque hei de misturar mais alguma coisa e ir beber copos a um bar qualquer com um homem que nem conheço?

— Porque és uma jovem e bonita mulher, com grande parte da vida pela frente. Às vezes tens de sair deste galinheiro. O que pode parecer uma tolice, dito por mim, mas é verdade. — As mãos de Essie começaram outra vez. — Era só o que faltava, começares a isolar-te, a esconder-te neste sítio nosso. Vai lá beber um copo e conversar com esse homem bonito. É uma ordem.

Divertida, Phoebe inclinou a cabeça para um lado.

— Faz o que eu digo e não o que eu faço?

— Exato. Privilégio de mãe.

— Então acho que vou mesmo. — Phoebe levantou-se, chegou à porta e virou-se. — Mamã? Nada de compras na internet para a Carly este fim de semana.

— Ai não? — A interjeição não disfarçava o desapontamento.

— Privilégio de mãe — repetiu Phoebe, e foi trabalhar.

3.

Phoebe foi para o seu lugar na parte da frente da sala. Tinha vinte e cinco agentes naquela ação de formação, um misto de fardados e civis de várias patentes.

Grande parte deles não queria ali estar, e ela sabia-o.

— Hoje vou falar do papel tático do negociador numa situação de crise ou de reféns. Primeiro, há dúvidas quanto à ação de ontem?

Apareceu uma mão. Phoebe engoliu a irritação instintiva. Agente Arnold Meeks, polícia de terceira geração. Casmurro, beligerante e tendencioso, na opinião de Phoebe, e bastante machista.

— Agente Meeks?

— Sim, dona. — O sorriso dele geralmente começava irónico, e permanecia assim. — Dissuadiu um homem a não saltar, no Dia de São Patrício?

— Correto.

— Bem, dona, estou interessado nuns pormenores, dado que estamos nesta ação de formação consigo. Ora, tenho curiosidade, já que a senhora infringiu algumas regras de negociação durante o incidente. A menos que o treino no FBI, que a senhora tem, faça diferença. É esse o caso?

A instrução que ela tivera a nível federal iria sempre incomodar agentes. Pois teriam de aprender a viver com isso.

— Que regras infringi, Agente Meeks?

— Bem, dona...

— Pode tratar-me pela patente, como eu o trato a si.

Viu o aborrecimento passar pela cara dele.

— O sujeito estava armado, mas abordou-o cara a cara, sem cobertura.

— Correto. E também está correto que um negociador deve evitar, se possível, qualquer contacto cara a cara com um sujeito armado. Todavia, as circunstâncias podem ditar o contrário, e falaremos nessa parte da situação de crise nas ações de representação de papéis da segunda parte deste curso.

— Porque é que...

— Lá cheguei. Na minha opinião, o incidente no Dia de São Patrício exigia cara a cara. Aliás, quem quer atirar-se de um prédio abaixo costuma reagir melhor a esse método. O sujeito não tinha antecedentes de comportamento violento, e não tinha disparado a arma. Numa situação como a do Dia de São Patrício, eu, enquanto negociadora, tive de avaliar e ponderar as vantagens e desvantagens de o abordar cara a cara. A meu ver, as vantagens compensavam os riscos. Visto que já tratámos das considerações relativas ao cara a cara numa ação anterior...

— Minha senhora, Tenente — corrigiu Arnie, com a hesitação suficiente para ela saber que fora de propósito, — também está correto que tenha dado álcool ao sujeito?

Deves ter uma pilinha mesmo pequenina, pensou Phoebe, mas assentiu.

— Dei ao sujeito, a pedido dele, uma cerveja. Não se recomenda dar álcool ao sujeito durante as negociações, mas também não é proibido. Esta decisão compete ao negociador, ao seu sentido da situação e à avaliação que faz do sujeito.

— Se o embebedasse, talvez ele caísse do telhado. — O comentário de Arnie causou alguma galhofa. Phoebe inclinou a cabeça e deixou-os terminar.

— Da próxima vez que você estiver num parapeito, Agente, hei de lembrar-me de que fica bêbado só com uma cerveja e levo-lhe antes Coca-Cola.

Mais galhofa, e ao ver a cara muito corada de Arnie, Phoebe acabou com ela.

— Como eu já disse, repetidamente, embora haja diretrizes para as negociações, o negociador deve ser flexível, ser capaz de avaliar, de pensar rapidamente.

— Mas concorda que dar álcool ou droga é arriscado?

— Certamente. A meu ver, neste caso, o risco era muito baixo. O sujeito não exigiu álcool; perguntou-me com toda a deferência se poderia beber uma cerveja. Quando lha levei, dei-lhe algo que ele queria, dei-lhe algum controlo, deixei que ele trocasse a cerveja pela promessa de que não me apontaria a arma, para me deixar lá ir falar com ele. Espere aí — mandou ela, antes que Arnie abrisse aquela boca trocista outra vez.

Depois Phoebe aguardou para que a voz lhe saísse calma e fria.

— A preservação da vida é e será sempre o principal objetivo da negociação. Tudo o mais, absolutamente tudo o resto, é secundário. Por conseguinte, e neste caso — dado que cada caso é um caso —, preferi um cara a cara, preferi dar ao sujeito uma única cerveja, porque acreditei que estas escolhas me ajudariam a dissuadi-lo de se matar. Visto que ele está vivo, visto que não houve feridos, visto que a arma que ele tinha não foi disparada, foi-me entregue por ele próprio, creio que — neste caso — as minhas escolhas foram acertadas.

— E também usou um intermediário alheio.

Agora Phoebe brindava-o com o seu sorriso mais doce.

— Agente Meeks, parece que tem várias dúvidas e problemas quanto a este incidente e o modo como procedi. Pergunto-me se o Agente ficaria mais satisfeito se o sujeito tivesse saltado para a morte.

— Visto que eram só quatro andares, ele não teria mais do que uns ossos partidos se saltasse. A menos que a matasse a si e a ele antes de saltar.

— Que maneira de pensar interessante. Não acreditar que um sujeito fala a sério quanto ao próprio suicídio, ou que pode de veras causar a própria morte.

Num gesto casual, Phoebe apanhou uma madeixa que lhe fugira dos ganchos do cabelo. E manteve a voz igualmente neutra.

— Conheci um negociador que tinha essa maneira de pensar, com um sujeito que queria saltar de cerca de quatro metros, desarmado. Na opinião desse meu conhecido, estava a ser um incómodo, a impedi-lo de fazer coisas muito mais importantes com o seu tempo. E este negociador deixou que essa opinião lhe transparecesse nos modos. O sujeito saltou, de cabeça, e esmagou o crânio no passeio. Ficou bastante morto, Agente Meeks. Alguém sabe porque é que este incómodo acabou com uma etiqueta no pé?

— Porque o negociador fez borrada — alvitrou alguém.

— Certíssimo. O negociador fez borrada pois esqueceu-se da diretriz suprema: preservar a vida humana. Se tiverem mais dúvidas ou comentários sobre o incidente, não se coíbam de mos fazer chegar por escrito. Mas de momento vamos avançar.

— Eu queria...

— Agente. — O mau génio a que Phoebe raramente se entregava puxava a rédea curta. — Poderá estar equivocado quanto a quem está a dar esta ação de formação. Sou eu. E também poderá estar equivocado quanto à patente aqui. Eu sou sua superiora.

— A mim parece-me, dona, que não quer abordar as suas decisões questionáveis durante uma negociação de crise.

— A mim parece-me, rapaz, que não sabe ouvir um não, de uma mulher de patente superior, e que é rígido de raciocínio e conflituoso de feitio. São defeitos muito grandes num negociador. Assim informarei o seu capitão, e espero que fiquemos dispensados da companhia um do outro muito em breve. Agora quero que cale a boca e apure os ouvidos. É uma ordem, Agente Meeks. Se não quiser cumpri-la, darei imediatamente parte de si por insubordinação. Fui clara?

A cara dele estava roxa de fúria, e os olhos faiscavam, mas assentiu num breve aceno de cabeça.

— Muito bem. Agora, tática, trabalho de equipa e o papel do negociador.

* * *

Assim que a ação de formação terminou, Phoebe dirigiu-se à casa de banho das mulheres. Não bateu com a cabeça na parede, mas vontade não lhe faltava. Em contrapartida, virou-se para o espelho e agarrou-se ao lavatório.

— Arnold Meeks tem uma pila do tamanho de uma cenoura-bebé, e aquele comportamento trocista, insultuoso, infantil é uma tentativa patética de compensar o dedo mindinho que tem entre as pernas.

Phoebe acenou com a cabeça e descontraiu os ombros. Depois deixou cair a cabeça quando ouviu o autoclismo. Mas que estupidez, desabafar ao espelho sem ver primeiro se estava alguém na casa de banho.

Phoebe conhecia a mulher que apareceu, mas não se sentiu menos envergonhada. A Detetive Liz Alberta era boa polícia, uma morena determinada que trabalhava em crimes sexuais.

— Tenente.

— Detetive.

Liz deixou correr água e virou o rosto para a esquerda e a direita, como se inspecionasse o reflexo.

— Arnie Meeks é um paspalho — disse ela em tom casual.

— Ah. — Phoebe suspirou. — Bem.

— Conta anedotas brejeiras na sala de convívio. Gosto de uma boa piada, e os homens são mesmo assim, e isso tudo. Mas chatee-me uma vez, e disse-lho na cara, quando ele me disse que a maioria das violações são

mentira, por causa da velha piada que é mais fácil uma mulher correr com a saia arregaçada do que um homem com as calças para baixo.

— O paspalho disse isso?

— Ah, pois disse. E eu fiz queixa. Não estou nas boas graças dele. — Liz mexeu no cabelo preto e curto.

— E não posso com ele, até à ponta daquela pilinha insignificante. — Liz fez um sorriso radioso enquanto secava as mãos. — Tenente.

— Detetive — rematou Phoebe quando Liz deitou o papel para o lixo e saiu.

* * *

Não lhe agradava nada, mas Phoebe foi falar com Dave. Tal como era seu hábito, subiu a correr os dois lanços de escadas da sala de formação até à sua secção. Ele ia a sair do gabinete, de casaco ao ombro, quando ela atravessou a porta das escadas.

— Ah, vais sair.

— Tenho uma reunião. Problemas?

— Talvez. Mas depois volto.

Ele olhou para o relógio.

— Posso dar-te dois minutos. — Esticou o polegar e voltou a entrar no gabinete. E nada disse quando Phoebe fechou a porta atrás de si.

Ainda estava quase na mesma, como no dia em que ela o conhecera. Alguns cabelos brancos nas têmporas, e as rugas, que se dizem ser de carácter num homem e de idade numa mulher, em redor dos olhos. Porém, os olhos ainda eram límpidos e azuis e, para ela, plenos de uma sabedoria calma.

— Não me agrada fazer isto porque, para começar, significa que falei. Mas peço-te que reconsideres tirar o Agente Arnold Meeks das minhas ações de formação.

— Porquê?

— Não lhe consigo ensinar nada. E, aliás, até posso estar a condicioná-lo contra quaisquer táticas e diretrizes básicas no terreno.

Dave encostou-se à secretária, gesto que indicava a Phoebe ter mais de dois minutos, se precisasse.

— Ele é estúpido?

— Não, senhor, mas é tacanho. A meu ver.

— O pai dele ainda está ao serviço. É um filho da mãe.

Phoebe descontraiu-se um pouco.

— Fico chocada e espantada por ouvir isso.

— Quero que todos os agentes destacados para as ações de formação as concluem. Podes reportar a tua opinião do Agente Meeks, nesta área, na

tua avaliação. Quero que eles todos façam a formação, Phoebe. Sabes tão bem quanto eu que pelo menos algo do que lhes ensinas há de ficar, mesmo em gente tacanha.

— Dei-lhe uma descompostura na ação de formação.

— Ele mereceu?

— Oh, se mereceu. Mas só ficou ainda mais irritado comigo, e ainda será mais difícil aprender.

— Minimiza os danos e passa à frente. — Ele deu-lhe uma palmadinha num ombro. — Vou chegar atrasado.

— Minimizar os danos — resmungou Phoebe, mas acercou-se dele para lhe ajeitar a gravata.

Ele sorriu-lhe.

— Tu és a melhor com quem já trabalhei. Não te esqueças disso, e trata do tacanho do Meeks.

— Sim, senhor, meu Capitão.

Ela saiu com ele e, quando se afastou, reparou em Arnie na cavaqueira com mais dois polícias à porta da sala da brigada. Phoebe até podia ter sentido um aperto na barriga, mas manteve o rosto sereno quando se dirigiu a ele.

— Agente Meeks, o Capitão pretende que todos os agentes destacados concluam a formação de negociadores. Conto consigo segunda-feira de manhã, conforme o combinado. Entendido?

— Sim, senhora.

— Tenho a certeza de que vocês três têm coisas mais importantes a fazer do que estar aqui. Vão lá fazê-las.

— Sim, minha senhora — repetiu ele, num tom que a irritou sobremaneira. Minimizar os danos, disse Phoebe de si para consigo.

— Espero que possamos aprender algo com estas formações.

Não ouviu o que ele disse quando ela se afastou; as palavras soaram baixas e indistintas. Mas ouviu muito bem a galhofa.

Deixou passar. Uma mulher que andara em Quantico, que aguentara a Academia, a instrução de negociadores, a única mulher em dez polícias, já ouvira galhofa antes.

Também sabia quando estavam de olhos postos no rabo dela e, embora a indignasse, Phoebe tornou a lembrar-se de que não podia ir a todas. E de que tinha um belíssimo rabo.

Quando entrou no seu gabinete, viu uma mensagem do mecânico, e compreendeu que tinha problemas maiores do que um polícia desbocado e olhares para o seu rabo.

O arranjo do carro ia custar setecentos e cinquenta e nove dólares não negociáveis.

— Raios partam isto.

Phoebe desistiu e pousou a cabeça na secretária, rendendo-se a um momento de pura autocomiseração.

* * *

Apanhou o autocarro para casa e, no momento em que entrou, arrependeu-se profundamente de ter de sair outra vez. Só a ideia de sair – a deslocação de autocarro, sentar-se num bar a fazer conversa, apenas para apanhar mais um autocarro e voltar à estaca zero – parecia-lhe extremamente estúpida.

Devia procurar o contacto de Duncan, cancelar. Fosse como fosse, aceitar os trinta minutos para beber um copo fora um momento de fraqueza – malditas covinhas. Tinha-lhe ocorrido uma dúzia de outras coisas a fazer em trinta minutos no caminho para casa, não tinha?

Um banho de espuma. Ioga. Uma máscara facial. Limpar a tralha da gaveta da secretária.

Tudo isso era melhor ocupação do tempo. Mas estava combinado.

Carly correu para o vestíbulo e deu um salto para os braços de Phoebe. Não havia irritações exteriores que aguentassem um abraço de Carly.

— Andaste a brincar com o perfume da avó. — Para fazer Carly rir-se, Phoebe cheirou exageradamente o pescoço da filha.

— Ela deixou-me dar uma borrifadela. O jantar está pronto, e já acabei os trabalhos de casa. — Carly afastou-se um pouco e sorriu para a mãe. — Tens dispensa de lavar a louça esta noite.

— Ena. Como é que foi isso?

— Para te preparares para o teu encontro. Anda lá! — Carly soltou-se e pegou na mão da mãe para a arrastar até à sala de jantar. — A avó acha que devias levar a camisola azul, e a Ava prefere a blusa branca que ata nas costas. Mas eu acho que devias levar o vestido verde.

— O vestido verde não fica bem para um encontro rápido à noite.

— Mas ficas tão bonita com ele.

— Ela devia guardá-lo — comentou Ava quando Carly arrastou Phoebe para dentro da sala. — Para quando ele a levar a jantar. Sentem-se lá, está tudo pronto. Quisemos dar-te muito tempo para te embonecares.

— É um copo. Apenas um copo num pub irlandês.

Ava pôs as mãos na cintura.

— Perdão? Esta noite representas todas as mulheres sozinhas nesta cidade, todas as mulheres prestes a sentarem-se para comer uma refeição solitária dos Vigilantes do Peso, uma massa primavera acabada de passar pelo micro-ondas. Todas as mulheres que se forem deitar esta noite com

um livro ou repetições do *Sexo e a Cidade* por única companhia. Tu — e apontou o dedo a Phoebe — és a nossa esperança cintilante.

— Oh, Deus.

Essie deu uma palmadinha no ombro de Phoebe antes de se sentar.

— Mas não há pressões.

* * *

Ela não queria ser uma esperança cintilante. Mas apanhou o autocarro. Teve de recusar a oferta do carro de Ava três vezes, e desapontar Carly ao escolher uma camisola preta e calças de ganga, em vez do vestido verde. Mas pôs os brincos que a filha escolheu e compôs a maquilhagem.

A vida estava cheia de cedências, e Phoebe sabia disso.

Ouviu um assobio de Johnnie Porter — quinze anos cheios de fanfaronice — quando ele deu uma volta por ela na bicicleta.

— Está muito gira esta noite, Menina MacNamara. Vai sair com o namorado?

Phoebe afligiu-se que tivesse aspeto de quem ia ter com o namorado.

— Ora, obrigada, Johnnie, mas não. Vou apanhar um autocarro.

— Se vai a algum lado, pode saltar para aqui comigo. — O miúdo fez um cavalinho para se exhibir. — Dou-lhe boleia.

— Que bom vizinho que tu és, mas acho que me fico pelo autocarro. Como está a tua mãe?

— Ah, está boa. Tem cá a tia Susie. — Johnnie revirou exageradamente os olhos e deu mais uma voltinha. — A falarem do casamento da minha prima Juliet. E eu vim-me embora. De certeza que não quer montar aqui no meu guiador?

Como é que um rapaz de quinze anos conseguia dizer isto com uma insinuação sexual?

— De certeza.

— Então até logo.

Vai lá meter-te em sarilhos, pensou Phoebe, a abanar a cabeça quando ele desceu o passeio largo. Que Deus ajudasse o bairro quando ele tivesse idade para conduzir.

Estava fresco e ela ficou contente por ter vestido a camisola, quando saiu do autocarro e percorreu a East River Street. Muita gente a desfrutar da noite e do passeio, a sair e a entrar dos restaurantes e discotecas, a parar para ver as montras ou apenas a contemplar a água.

Tantos casais, pensou ela, de mãos dadas, a desfrutarem do ar perfumado. A mãe tinha razão, parecia-lhe. Era agradável — poderia ser agradável — ter alguém a quem dar a mão numa bonita noite de primavera.

E era melhor, dada a situação pessoal dela, não pensar nesse tipo de coisa. Especialmente quando estava prestes a ir beber um copo com um homem muito giro.

Não lhe faltava a quem dar a mão. Tantas mãos, de facto, que um passeio solitário pela zona ribeirinha era uma indulgência rara. Goza o momento, aconselhou ela de si para consigo e, como tinha alguns minutos, abrandou, virou-se para a água, e desfrutou da indulgência.

E ela, ocorreu-lhe, não era a única sozinha. Viu um homem, solitário como ela, de pernas afastadas numa sombra a contemplar a água. A aba do boné descia-lhe pela cara abaixo, e tinha duas máquinas fotográficas penduradas por cima do corta-vento escuro.

Nem toda a gente era um casal.

Talvez trouxesse Carly para um longo passeio no sábado, pensou Phoebe enquanto inclinava a cabeça para trás e deixava a brisa adejar-lhe no cabelo. A miúda ficava encantada por andar por ali, a ver tudo, toda a gente.

Teriam de estabelecer as regras primeiro. Almoço, sim. Prendas fabulosas, não. Com o carro dela atualmente refém no mecânico, não.

Provavelmente seria mais inteligente dar esse agradável passeio por um dos jardins, longe das lojas.

Elas arranjariam maneira.

Phoebe calculou o tempo, virou costas à água e não reparou no homem solitário a pegar numa das máquinas fotográficas e a apontá-la na direção dela.

No Swift's, havia um trevo a fazer o ponto no i do nome no letreiro. O vitral da porta era um padrão de nós celtas bastante bonito. A maçaneta da porta era de bronze e as paredes exteriores tinham sido estucadas de amarelo-claro, num tom que ela se recordava de ter visto em bilhetes-postais de aldeias irlandesas. Havia vasos com flores pendurados e videiras muito verdes.

Pormenores, pensou ela. O homem dava atenção aos pormenores.

Quando entrou no pub, foi como recordar-se da sua única visita anterior. Um balcão grande e robusto dava o mote. Não era sítio para fetos ondulantes e martinis de maçã. Porém, quando se queria uma cerveja, ou um copo de *Irish coffee*, conversa e música, estava-se em casa.

Os assentos de pele eram fundos e fofos, as mesas de madeira escura e polida. Sombras e centelhas jorravam dos candeeiros de vidro colorido pendentes, enquanto um lume vermelho de turfa ardia numa lareira de pedra antiga.

O ambiente era caloroso e acolhedor.

Num dos assentos, com a mesa apinhada de copos, estavam os mú-

sicos. Uma rapariga, com uma melena de cabelo preto e pontas encarnadas, corria o arco nas cordas do violino com tal energia e velocidade que o movimento ficava desfocado, mas a música permanecia límpida. Um homem com idade para ser avô dela dava o ritmo num pequeno acordeão. Um jovem com cabelo tão claro que fazia Phoebe pensar em asas de anjo tocava flauta, enquanto outro mal pousara o copo de cerveja, pegara no seu violino, e entrara facilmente na canção.

Feliz, pensou Phoebe. Música feliz, conversa feliz por baixo. Luzes e cores alegres, com detalhes inteligentes aqui e ali. Canecas de estanho antigas, um tambor, cerâmicas que ela imaginava terem vindo da Irlanda, uma harpa irlandesa, anúncios antigos da Guinness.

— Cá está você, e muito pontual.

Quando ela se virou para o ver, Duncan pegou-lhe na mão. Aquele sorriso dele, apercebeu-se ela, tinha uma maneira de a fazer esquecer que não queria mesmo estar ali.

— Gosto do sítio — disse ela, — gosto da música.

— Sessões todas as noites. Arranjei-nos mesa. — Levou-a para uma mesa em frente da lareira sossegada, onde ela se afundou num sofazinho de dois lugares muito confortável.

Goza o momento, pensou Phoebe outra vez.

— O melhor lugar da casa.

— O que gostaria de beber?

— Um copo de Harp, obrigada.

— Um minuto. — Ele foi ao balcão e falou com a rapariga que atendia naquela ponta. Momentos depois voltou com um copo de cerveja dourada.

— Não bebe nada?

— Tenho uma Guinness a assentar. — Aqueles olhos azuis suaves concentraram-se logo nos dela. — Como está você?

— Estou bem. E você?

— Deixe-me responder perguntando se ligou o cronómetro.

— Lamento, deixei-o na outra mala.

— Então estou bem. Só queria despachar isso, para não continuar a distrair-me. Gosto mesmo do seu aspeto.

— Obrigada. Também gosto, a maior parte do tempo.

— Está a ver, não me saía da cabeça. — Ele levou um dedo à têmpora, e depois calou-se para fazer um sorriso à empregada que chegava com o copo de Guinness.

— Obrigado, P.J.

— De nada. — A empregada deixou uma tigela com pretzels na mesa, piscou o olho a Duncan, deu uma olhadela a Phoebe, e depois levou a sua bandeja para outra mesa.

— Bem, *sláinte*. — Ele tocou com o copo no de Phoebe e bebeu um gole. — Portanto, andei a perguntar-me se a Phoebe não me sairia da cabeça por causa do Joe Suicida ou por a Phoebe ser gira. Foi a minha segunda ideia quando a conheci, o que deve ter sido incorreto, dadas as circunstâncias.

Ela bebeu mais devagar, a observá-lo. Aquelas covinhas ao canto da boca quando ele sorria atraíam o olhar como um íman.

— A sua segunda ideia.

— Pois, a primeira foi mais: graças a Deus que ela vai resolver isto.

— Costuma ter essa confiança cega em estranhos?

— Não. Talvez. Vou pensar nisso. — Ele mexeu-se, e os joelhos deles tocaram-se, num roçar de ganga com ganga. — É que olhei para si e ocorreu-me que era alguém que sabe o que faz, que sabia o que estava a fazer – uma mulher mesmo gira que sabe o que fazer. Portanto, queria encontrar-me consigo, talvez descobrir porque é que não me sai da cabeça. Sei que a Phoebe é inteligente – uma qualidade – não só pelo que faz, mas enfim, é tenente, e parece nova de mais para isso.

— Tenho trinta e três anos. Não sou nova.

— Trinta e três? Eu também. Quando é que faz anos?

— Agosto.

— Novembro. Mulher mais velha. — Ele abanou a cabeça. — Agora é que estou tramado. As mulheres mais velhas são tão sensuais.

Ela riu-se, encolheu as pernas e virou-se um bocadinho na direção dele.

— Você é engraçado.

— Às vezes. Mas com lados sérios e sensíveis, se você estiver a contar os pontos.

— Pontos?

— Há sempre um sistema de pontos nestas situações. Ele é asseado. Ela tem peito. Mais pontos. Ele tem um riso estúpido, ela detesta desporto, menos pontos.

— Que tal vou eu?

— Não sei bem se vou conseguir somar tudo sem a calculadora.

— E esperto. Pontos para si. — Ela bebeu mais e estudou-o. Tinha uma pequena cicatriz, um corte fino na diagonal da sobrancelha esquerda. — Mesmo assim, é arriscado partir do princípio de que sou inteligente e competente – se incluir isso no total final – com tão poucos dados.

— Sou bom a avaliar pessoas. Formação contínua.

— Por ser dono de bares?

— Antes disso. Estive num balcão e tive um táxi. Duas profissões em que é garantido ver toda a espécie de gente, e consegue-se classificá-la bem depressa.

— Um empregado de bar taxista.

— Ou taxista empregado de bar, depende. — Ele estendeu a mão, ajeitou o cabelo dela atrás da orelha, deu um toquezinho no brinco de prata. O gesto foi tão casual e suave que ela ficou pasmada com o seu próprio sobressalto diante daquela intimidade.

— É fácil orientar as horas dos dois lados — continuou ele — e achei que conseguia poupar o suficiente para abrir um bar desportivo.

— E assim fez, cumprindo o sonho americano.

— Nem por isso — a parte do sonho americano, não — mas não ganhei o bastante para abrir o Slam Dunc ao volante nem ao balcão.

— Então como? A assaltar bancos, a vender droga, a vender o corpo?

— Todas opções viáveis, mas não. Ganhei a lotaria.

— Não posso! A sério? — Encantada, fascinada, ela ergueu o copo num brinde antes de estender a mão para os pretzels.

— Pois, um acaso. Ou o destino, mais uma vez depende, sabe? De vez em quando comprava um bilhete. Aliás, quase nunca. Depois um dia fui buscar uma embalagem de seis Coronas e comprei um.

— Escolheu você os números ou foi o computador?

— Escolhi eu. A idade, o número do táxi — coisa deprimente, já que não tencionava nada andar ainda na rua — seis pelas seis garrafas. Assim aleatório e... A gorda. Sabe quando ouvimos gente a dizer que, se ganhar, ou mesmo quando ganham, que vão continuar a trabalhar e a viver praticamente como viviam?

— Sei.

— Mas que se passa com essa gente?

Ela tornou a rir-se, tirou outro pretzel.

— É óbvio que você se aposentou como empregado de bar taxista.

— Pode apostar. Comprei o bar desportivo. Muito fixe. Coisa curiosa, e se calhar vou perder pontos com isto, ao fim de uns meses comecei a pensar que não queria nada passar as noites num bar.

Ela olhou em redor do Swifty's, onde a música ficara lenta e sonhadora.

— Mas tem dois. E cá está você.

— Ainda cá estou. Vendi metade do Dunc a um conhecido. Bem, quase metade. Depois pensei, ora, um pub irlandês.

— Daí o Swifty's.

— Pois.

— Nada de viagens, carros espampanantes?

— Algumas, alguns. Seja como for, como é que você...

— Oh, não, a pergunta tem de ser feita. — Ela apontou-lhe o dedo. — É falta de educação, mas tem de se perguntar. Quanto?

— Cento e trinta e oito milhões.
 Ela engasgou-se com o pretzel, e levantou uma mão quando ele lhe deu palmadinhas nas costas.
 — Valha-me Deus.
 — Pois, foi o que eu disse. Quer outra cerveja?
 Ela abanou a cabeça, a olhar para ele.
 — Ganhou cento e trinta e oito milhões de dólares com um bilhete de lotaria?
 — Pois, vá-se lá perceber. A melhor embalagem de cerveja que já comprei. Na altura falou-se muito nisso. Não ouviu nada?
 — Eu... — Ela ainda tentava assimilar. — Não sei. Quando foi?
 — Fez sete anos em fevereiro passado.
 — Bom. — Ela exalou, passou a mão pelo cabelo. A palavra milhões não lhe saía da cabeça. — Fez sete anos em fevereiro passado que eu estive em trabalho de parto.
 — É difícil acompanhar a atualidade. Tem um filho? De que marca?
 — Uma menina, Carly. — Ela viu-o olhar para a sua mão esquerda.
 — Divorciada.
 — Está bem. Muito malabarismo, mãe sozinha, carreira turbo. Apos-
 to que você tem uma excelente coordenação visual e manual.
 — É preciso prática. — Milhões, pensou ela. Milhões em cima de milhões, e ali estava ele, a bebericar uma Guinness num pub simpático em Savannah, como o tipo mais normal do mundo. Bem, o tipo mais normal com covinhas muito fofas e uma cicatriz gira, um sorriso arrebatador. Mas mesmo assim.
 — Porque é que não está a morar numa ilha no Pacífico Sul?
 — Gosto de Savannah. Não vale a pena ser mesmo rico quando não se pode viver onde se gosta. Há quanto tempo é que você é polícia?
 — Hum. — Ela sentia-se siderada. O tipo giro e engraçado agora era um multimilionário giro e engraçado. — Eu, hum, comecei no FBI logo quando saí da faculdade, depois...
 — Esteve no FBI? Tipo Clarice Starling? Como no *Silêncio dos Inocentes*? Ou a Dana Scully, outra ruiva boa, já agora. Agente Especial MacNamara? — Ele exalou longa e exageradamente. — Você é mesmo boa.
 — Por causa disto, e da outra coisa, decidi mudar para a Direção de Polícia de Savannah-Chatham. Negociadora em crises e reféns.
 — Reféns? — Os olhos sonhadores dele coruscaram. — Tipo, se um gajo se fechar num escritório qualquer com gente inocente e quiser dez mil-
 lenas, ou a libertação de todos os presos com olhos castanhos, é consigo que ele vai falar?

— Se for em Savannah, há boas hipóteses.
— Como é que sabe o que dizer? O que não dizer?
— Os negociadores têm formação, e experiência policial. O que foi?
— Perguntou ela, ao ver que ele abanava a cabeça.
— Não. É preciso saber. Formação, claro, experiência, pois, mas tem de se saber.

Era estranho, pensou ela, que ele compreendesse quando havia polícias – veio-lhe à ideia Arnie Meeks – que não compreendiam. Nunca compreenderiam.

— Espera-se saber. Tem de se saber ouvir, não apenas estar ali. E ao ouvi-lo a si, eis o que fiquei a saber. Mora em Savannah porque não haveria que fazer nessa ilha do Pacífico Sul, nem gente suficiente com quem fazer. Não descarta a sorte de ter comprado o bilhete premiado com umas cervejas, mas também não descarta a possibilidade de as coisas estarem destinadas, por vezes. Ao contar-me sobre o dinheiro não estava a gabar-se, é um facto – e engraçado. Ora, a maneira como eu reagi interessa porque, se eu começasse a fazer-me a si, acabaríamos a noite na cama, o que também seria engraçado. Mas eu deixaria de estar na sua cabeça.

— Outra coisa de que gosto mesmo — comentou ele. — Uma mulher que faz aquilo em que é boa, e que é boa naquilo que faz. Se o Joe Suicida ainda trabalhasse para mim, daria ao filho da mãe um aumento.

Ela teve de sorrir e, por Deus, estava encantada até às pontinhas dos pés. Mas...

— E já é muito para um simples copo — decidiu. — Tenho de ir para casa.

— Você adora a sua filha – primeiro e acima de tudo. Os seus olhos brilharam quando disse o nome dela. O divórcio ainda a incomoda de algum modo. Não sei como, ainda não sei. O seu trabalho não é carreira, é vocação. Empregado de bar taxista — disse ele, — também sei ouvir.

— Pois sabe. É muito, de ambas as partes, para um simples copo.

Ele levantou-se junto com ela.

— Acompanho-a até ao carro.

— Teremos de andar. Está na oficina. Vou apanhar um autocarro.

— Credo, eu levo-a. Não seja parva, pois não é nada parva. — Agarrou-lhe no braço e acenou para o balcão com a outra mão a caminho da porta.

— É o segundo homem que me oferece boleia esta noite.

— Ai sou?

— O primeiro implicava saltar para o guiador da bicicleta. Disse-lhe o mesmo, posso apanhar o autocarro.

— Levamos o mesmo tempo até à paragem que daqui ao estacionamento. E prometo-lhe uma viagem mais calma até casa. — Olhou para ela. — Está uma bela noite para conduzir.

— Eu moro logo na Jones.

— Uma das minhas ruas preferidas na cidade. — Ele já estugava o passo, e deixou correr a mão pelo braço, até entrelaçar os dedos nos dela. — Esta também.

E ali estava ela, pensou Phoebe, metade de um casal a passear na River Street, de mão dada. A mão dele era quente, a palma dura e larga. O tipo de mão, imaginou ela, que poderia abrir a tampa de um boião, apanhar uma bola em voo, ou rodear o seio de uma mulher, com a mesma facilidade.

As pernas dele eram compridas, o passo descontraído e solto. Um homem, avaliou Phoebe, que sabia demorar-se quando queria.

— Bonita noite para um passeio, especialmente ao longo do rio — comentou ele.

— Tenho de ir para casa.

— Pois tem. Não tem frio, pois não?

— Não.

Ele entrou no parque de estacionamento e cumprimentou o empregado.

— Que tal vai isso, Lester?

— Faço o que posso, chefe. Boa-noite, minha senhora.

Uma nota trocou de mãos com tanta destreza que Phoebe quase não a via. Depois deu consigo espedaçada a olhar para um Porsche branco reluzente.

— Não tem guiador. — Duncan encolheu os ombros, sorriu e depois abriu-lhe a porta.

— Sou obrigada a admitir que isto vai ser melhor do que o autocarro, ou a Schwinn do Johnnie Porter.

— Gosta de carros?

— Se me tivesse perguntado há umas horas, ter-lhe-ia dado várias razões para estar de relações cortadas com carros. — Ela fez uma festinha na parte lateral do assento de pele macia. — Mas este está muito bem.

Ele não guiava como um doido, coisa que ela mais ou menos esperava, e teve de admitir que também desejava. Guiava, porém, como alguém que conhecia a cidade, como ela conhecia o seu próprio quarto – todos os cantos e recantos.

Deu-lhe a morada e deixou-se gozar da viagem que nunca imaginara ter. Quando ele encostou em frente à casa, Phoebe suspirou longamente.

— Muito bom. Obrigada.

— Com muito gosto. — Ele saiu, deu a volta e deu-lhe a mão outra vez no passeio. — Bela casa.

— Pois é. — Lá estava, pensou ela, tijoleira rósea, acabamentos em branco, janelas altas, varandas graciosas.

Era dela, quer gostasse, quer não.

— Casa de família, obrigação de família. História comprida.

— Porque não ma conta ao jantar amanhã à noite?

Algo nela ansiava ativamente quando se virou para ele.

— Oh, Duncan, você é tão giro, e tão rico, e tem um carro todo bom.

Mas eu não estou em posição de começar a namorar.

— Está em posição de jantar?

Ela riu-se, abanou a cabeça quando ele a levou à entrada.

— Várias noites por semana, depende.

— Você é funcionária pública. Eu sou o público. Jante comigo amanhã à noite. Ou escolha outra atividade, outro dia. Eu cá me arrango.

— Tenho encontro com a minha filha amanhã à noite. Sábado, jantar, desde que fique claro que isto não vai a lado nenhum.

— Sábado.

Ele inclinou-se. Foi bem feito, mas ela reparou. Mesmo assim, seria tolice e criancice impedi-lo. Deixou que os lábios dele roçassem nos dela. Doce, pensou ela.

Depois as mãos dele desceram dos ombros para os pulsos, a boca dele abriu-se sobre a dela. E não conseguiu pensar de todo. Calor fundo e penetrante, rápido, borboletas, um salto na pulsação.

Sentiu tudo, e o corpo dela parecia exalar um suspiro há muito reprimido.

Sentiu mesmo a cabeça à roda antes de ele se afastar, e ficou a olhar, a olhar para os olhos dele. E disse:

— Oh, pois, que se lixe.

Ele brindou-a com aquele sorriso.

— Venho buscá-la às sete. Boa-noite, Phoebe.

— Pois, boa-noite. — Ela conseguiu destrancar a porta e, quando olhou para trás, ele estava no passeio, ainda a sorrir para ela.

— Boa-noite — disse ela outra vez.

Lá dentro, trancou a porta, apagou a luz do alpendre. E pensou no que diabo se tinha acabado de meter.

4.

Phoebe mal chegara ao cimo da escada quando a mãe e Ava saíram da sala da televisão com grandes sorrisos expectantes.

— Então? — Começou Essie. — Como foi?

— Foi bom. Bebemos um copo. — Se ela tivesse calçado meias, pensou Phoebe a caminho do quarto, ter-lhe-iam saltado dos pés e voado pela Jones Street fora durante aquele beijo de boa-noite.

Atrás dela, Essie e Ava entreolharam-se e depois lançaram-se no encalço de Phoebe.

— Então, como foi? De que falaram? Vá lá, Phoebs. — Ava entrelaçara as mãos como se fosse rezar. — Conta lá aqui às maravilhas sem namorado.

— Bebemos uma cerveja num pub que ele tem muito agradável. Gostei. Vou fazer ginástica.

As mulheres trocaram outro olhar quando Phoebe foi à cómoda tirar calças de ioga e um sutiã de desporto.

— De que é que conversaram?

Phoebe olhou para a mãe ao espelho e encolheu os ombros. Começou a despir-se e a mudar de roupa. Já vivera entre mulheres tanto tempo que não se ralava com a nudez.

— Disto e daquilo. Ele já foi empregado de bar e taxista.

— Hum. Então é empreendedor, não é?

— Pode dizer-se.

— Onde mora? — Insistiu Ava. — Na cidade?

— Não perguntei.

— Oh, pelo amor de Deus. — Essie revirou os olhos. — Porque não?

— O assunto não surgiu. — Phoebe meteu a mão na caixinha prateada dos acessórios que tinha em cima da cómoda em busca de um elástico, e torceu o cabelo num rabo-de-cavalo.

— E a gente dele? — Perguntou Essie. — Quem é a família, a...

— Isso também não veio à conversa. Fiquei distraída.

— Porque ele foi encantador — decidiu Essie.

— Foi – é – deveras encantador. Mas distraí-me, consideravelmente, quando ele me contou que ganhou na lotaria, há alguns anos, a módica quantia de cento e trinta e oito milhões.

E com isto, Phoebe saiu pela porta, espreitando automaticamente para o quarto de Carly, antes de subir a escada ao terceiro andar.

Remodelara o que outrora fora o quarto de uma criada para seu ginásio caseiro. Uma indulgência, sem dúvida, mas também lhe poupava a

mensalidade num clube qualquer, e significava que podia treinar bem cedo pela manhã, ou à noite, depois de Carly estar deitada.

O trabalho já a mantinha longe de casa o suficiente sem acrescentar a ida a um ginásio.

Investira numa elíptica, alguns pesos e até uma televisão pequena para ver cassetes com exercícios. Carly costumava fazer ginástica enquanto ela treinava, pelo que era mais tempo entre mãe e filha. A mãe e Ava também usavam o equipamento, e assim fora um bom investimento.

No fim de contas, era mais conveniente e também mais económico. Pelo menos, era assim que ela justificava a despesa.

Phoebe sorriu de si para consigo quando subiu para a elíptica e a ligou. A mãe e Ava já estavam à porta, boquiabertas.

— Disseste milhões? — Perguntou Essie.

— Disse.

— Eu lembro-me disso, lembro-me de qualquer coisa sobre isso. — Ava pôs uma mão sobre o coração. — Taxista milionário. Foi o que lhe chamaram. Rapaz da terra. Bilhete único. Oh, meu Deus! É ele?

— Em carne e osso.

— Bem. Meu Deus. Acho que me vou sentar. — Essie sentou-se no chão. — Não é apenas riqueza, não é apenas abundância. Não sei o que é.

— Sorte? — Alvitrou Phoebe.

— Põe sorte nisso. — Ava sentou-se no chão ao lado de Essie. — E pagou-te uma cerveja.

Divertida, Phoebe aumentou o aquecimento para o nível seguinte.

— Pois. E pretzels. E trouxe-me a casa num Porsche.

— É malandro? — As sobrancelhas de Essie juntaram-se, e o cenho franzido que Phoebe herdara em vez das covinhas acentuou-se. — Com tanto dinheiro, só pode ser malandro.

— Não. É jeitoso — decidiu Phoebe passado um momento. — É bastante jeitoso, ou seja, tem bastante jeito. Convenceu-me a jantar com ele no sábado.

— Namoras com um milionário. — Ava deu uma cotovelada a Essie. — A nossa menina está a namorar com um milionário.

Como a ideia a deixava nervosa, Phoebe aumentou a resistência – na máquina e em si.

— De namoros não sei. Não me interessa namorar com ninguém. É uma carga de problemas. O que se vai vestir, de que se vai conversar? Ele vai querer fazer sexo? E a isto respondo eu: lógico. Vai haver vontade de fazer sexo, o que, na realidade, implica alguma reflexão e ponderação.

— Jantar — recordou Ava. — Sábado à noite.

— Pois sim, ele é jeitoso — resmungou Phoebe. — Bastante jeitoso.

* * *

O local era uma operaçãozinha num escritório. Jasper C. Hughes, Advogado. As informações de que Phoebe dispunha indicavam que Hughes, uma Tracey Percell e um homem armado chamado William Gradey estavam barricados lá dentro.

A equipa tática continuava a montar perímetros exteriores e interiores. Phoebe agarrou na sua pasta e dirigiu-se ao graduado de serviço. Já estava descontente sabendo que era Arnie Meeks.

— Situação.

Arnie tinha óculos escuros, mas ela podia sentir o descaso nos olhos dele quando a fitou.

— O gajo tem dois reféns. As testemunhas ouviram tiros. Quando cheguei, o sujeito gritou que se alguém tentasse entrar, matava os dois.

Phoebe aguardou e depois perguntou:

— Mais nada?

Arnie encolheu os ombros.

— O sujeito diz que o advogado lhe roubou seis mil dólares e que os quer de volta.

— Onde está o registo, Agente?

Da maneira que ele mexeu o lábio, Phoebe perguntou-se se ele andaria a praticar sarcasmo ao espelho.

— Estou a tentar impedir que este tanso mate duas pessoas. Não tive tempo para registos.

— A que horas ouviram tiros?

— Aproximadamente às nove da manhã.

— Nove? — Phoebe já sentia a fúria e o medo a enrolarem-se dentro dela. — Há quase duas horas, e você acabou de decidir chamar um negociador?

— Tenho a situação controlada.

— Está dispensado. Você... — Phoebe apontou para outro polícia fardado e sacou de uma folha de registo da sua pasta.

— Fica tudo por escrito. Horas, atividades, quem diz o quê e quando.

— Phoebe tirou mais um caderno.

Arnie agarrou-lhe no braço.

— Não pode chegar aqui e começar a mandar.

— Posso, sim senhor. — Phoebe soltou-se. — O Capitão está a caminho, e o Comandante Harrison está a dirigir a equipa tática. Entretanto, sou eu quem manda aqui, sou a negociadora. Ligue para o homem lá dentro — ordenou ela ao polícia que nomeara segundo negociador.

— Sou eu quem impede que isto rebente.

— Ai sim? — Phoebe girou nos calcanhares para encarar Arnie. — Já falou com algum dos reféns? Já se assegurou de que estão vivos? Se estão feridos? Se alguém precisa de cuidados médicos? Onde está o seu quadro da situação? O registo? Que progressos fez para terminar esta situação sem perda de vidas nas malditas quase duas horas antes de se dignar a dar parte disto?

Ela agarrou no telefone e olhou para o caderno onde já escrevera uns nomes.

— Não quero falar consigo! — A voz que atendeu gritava de fúria e emoção. — Já disse que não falo mais consigo.

— Sr. Gradey? Chamo-me Phoebe MacNamara. Sou negociadora policial. É comigo que o senhor vai falar agora. Parece irritado. Está toda a gente bem aí dentro, Sr. Gradey? Alguém tem problemas médicos de que eu deva saber?

— Foi tudo para o inferno. Tudo para o inferno.

— Vamos tentar resolver isto. Não se importa que eu o trate por William? É assim que lhe chamam?

— Estou farto de falar!

— Estou aqui para ajudar. — Ela ouviu-o na voz dele, estava farto de falar e pronto a agir. — Precisam de alguma coisa aí dentro? Cuidados médicos? Água? Talvez algo para comerem.

— Eu precisava do meu dinheiro.

— O senhor precisa do seu dinheiro. Porque não me fala sobre isso, Sr. Gradey? Deixe-me ver se o consigo ajudar nisso. — Phoebe tomou nota: *falou no pretérito*.

— Já disse tudo. Ninguém ouviu.

— Ninguém lhe deu ouvidos. Parece zangado por isso. Eu compreendo, e peço desculpa se o senhor acha que não deram atenção ao seu problema. Mas eu estou a ouvir, Sr. Gradey, estou a dar-lhe ouvidos agora. Quero ajudá-lo a resolver isto tudo.

— É tarde de mais. Acabou.

Ela ouviu o tiro na sua cabeça um segundo antes de este rasgar o ar. Ouviu-o na voz dele.

* * *

O advogado tinha uma concussão ligeira, alguns altos e hematomas. A secretária estava histérica mas ilesa. William Gradey morrera com um tiro na cabeça.

— Bela negociação — disse Arnie Meeks atrás dela.

Ela virou-se, muito devagar, até os seus olhos penetrarem nos dele como verrumas.

— Seu filho da mãe arrogante.

— Ele matou-se enquanto você estava em linha. Não era eu. — Com o sorrisinho do costume, Arnie saiu dali todo gingão.

Ela obrigou-se a não ir atrás dele, agora não, agora não quando a sua raiva era tanta e tão profunda que podia muito bem – iria mesmo – fazer algo de que se arrependeria depois.

Podia esperar. Prometeu a si mesma que depois trataria do Agente Arnold Meeks. Nesse momento, Phoebe deixou-se ficar a observar os técnicos entrarem e saírem do edifício. Sentiu uma mão no ombro.

— Não tens nada mais a fazer aqui. — Era Dave.

— Nunca tive hipótese com ele. Um minuto, talvez dois. Terminou antes de eu cá chegar. Não consegui trazê-lo de volta.

— Phoebe.

Ela abanou a cabeça.

— Agora não, por favor. Quero interrogar os reféns, e tirar depoimentos das testemunhas possíveis. — Phoebe virou-se. — Quero todos os interrogatórios e declarações gravadas, e quero que assistas a tudo.

— Tu e eu sabemos que as coisas às vezes acabam mal.

— Só não sei se esta tinha de acabar assim. — A raiva quase a fazia tremer. Recusou-se a isso. — Vou descobrir. Os reféns estão a caminho do hospital, mas a mulher não parecia ferida. Pode falar. Gostaria que fosses comigo, agora, falar com ela.

— Muito bem. Poderá ser boa ideia falares com o terapeuta. Quando se perde um...

— Eu não o perdi, e disso sei muito bem. — Phoebe mordeu as palavras, para que ambos soubessem o quão perto ela estava de rebentar. — Nunca o tive.

Não falou a caminho do hospital, e Dave não insistiu. No silêncio, Phoebe olhava pela janela e esquematizava as perguntas que faria, o tom com que falaria, a fim de criar uma base para o que precisava de provar.

Tracey Percell estava numa maca na sala de exames das Urgências. Phoebe reparou que era nova, quase não tinha idade para beber. Uma jovem loura bem nutrida que precisava de pintar as raízes.

Os olhos vermelhos e inchados ainda estavam chorosos, e ela roía a unha do polegar.

— Ele matou-se. Matou-se mesmo à nossa frente.

— A Tracey teve uma experiência horrível. Poderá ajudar se falar sobre isso, e a nós ajuda-nos certamente. Parece-lhe que pode fazer isso, Tracey?

— Está bem. Fiquei com falta de ar, disseram eles. Desmaiei. Disseram que tenho de estar deitada um bocado, mas ele não me fez mal. Tenho mesmo sorte pois ele não me fez mal. Deu um murro ao Jasper, e meteu-lhe a pistola na cara. E...

— Deve ter ficado muito assustada. — Phoebe sentou-se ao lado da cama, deu uma palmadinha na mão de Tracey antes de sacar do gravador. — Não se importa que eu grave a nossa conversa?

— Na boa. Disseram que iam ligar ao meu namorado. O Brad? O meu namorado Brad vem aí.

— Isso é bom. Se ele não aparecer antes de nos irmos embora, eu própria chamo o Brad. O que lhe parece?

— Obrigada. Obrigada. — Tracey parou de roer as unhas, como se a simples ideia de ter ali o namorado bastasse para a acalmar. — Sinto-me tão estranha. Como se tivesse visto um filme de terror, e entrasse nele.

— Bem sei. Mas já acabou. Trabalha para o Sr. Hughes?

— Hã, hã. Sou secretária jurídica. Não é grande coisa, mas enfim.

— E hoje foi trabalhar como de costume.

— Fui abrir o escritório por volta das dez para as nove. O Jasper chegou ao mesmo tempo hoje. Há montes de vezes em que se atrasa, mas hoje chegámos antes das nove. Mal tínhamos aberto quando ele entrou. O Sr. Gradey. Entrou pela porta adentro e deu um murro na cara ao Jasper. Deitou-o abaixo. Eu gritei porque ele estava armado. Parecia louco.

Os olhos de Tracey ficaram marejados de lágrimas outra vez, e ela tirou dois lenços de papel da caixa que tinha no colo.

— Parecia mesmo louco.

— O que aconteceu depois?

— Mandou-me levantar e trancar a porta. Disse que matava o Jasper se eu tentasse fugir. Tinha a pistola apontada à cabeça dele, e tive medo; fiz o que ele mandava. Mandou-nos encostar a secretária à porta e, como não nos despachámos, acho eu, disparou um tiro.

— Na sua direção?

— Não. Apontou para o chão, e fez um buraco na alcatifa. Devo ter gritado outra vez, e comeci a chorar. Ele mandou-me calar e fazer o que ele dizia. E fizemos. Depois tornou a esmurrar o Jasper e começou a berrar que queria o dinheiro dele. Seis mil quinhentos e vinte e oito dólares e trinta e seis centimos. Até ao último tusto. — Tracey voltou a roer a unha. — Hum, acho que o Jasper o convenceu a pagar por causa das despesas e custas do processo. E, hum, o processo não teve andamento.

— Era cliente?

— Bem, acho que o Jasper não o incluiu na contabilidade. Por assim dizer. — Tracey afastou o olhar. — Não sei pormenores, não sei mesmo.

— Lá chegaremos.

— Está bem. Seria melhor se perguntasse ao Jasper disso tudo, seja como for. O Jasper disse-lhe que não tinha dinheiro, e ele disse que era melhor o Jasper arranjá-lo, senão... Estavam a falar que iam ao banco, quando o polícia chegou.

— O primeiro agente chegou ao local nessa altura.

— Sim, mais ou menos. Ouviam-se as sirenes, e o Sr. Gradey fez-me ir com ele à janela espreitar pelo estore. O Sr. Gradey gritou uma coisa do género: «Saíam daqui para fora. Se tentarem entrar, mato toda a gente». Disse que tinha duas pessoas lá dentro e uma pistola, e que ia usá-la. Gradey disse-me que gritasse também, e eu gritei, tipo, por favor, ele está a falar a sério. Tracey esfregou os olhos.

— Credo.

— Deve ter ficado aterrada.

— Valha-me Deus, minha senhora, nunca tive tanto medo em toda a minha vida.

— O Sr. Gradey fez-lhe mal nessa altura?

— Não. Não. Fez-me deitar no chão de barriga para baixo, e ao Jasper também. Depois o polícia, acho que ele tinha uma coisa, como é que se chama? Megafone? Disse que era o Agente Arnold Meeks, e que o Sr. Gradey tinha de largar a arma e sair com as mãos no ar. E bem depressa, disse ele, como se falasse a sério. E o Sr. Gradey só berrou que se chamava William Gradey e que podíamos todos ir para o inferno, a menos que ele recebesse os seus seis mil quinhentos e vinte e oito dólares e trinta e seis cêntimos. Depois ficaram a berrar um com o outro algum tempo.

— A berrar um com o outro?

— A berrar e a praguejar um com o outro, nem sei por quanto tempo. O Sr. Gradey queria saber onde é que estava a polícia, onde é que estava a lei quando o Jasper lhe roubara dinheiro. E o polícia diz: «Não estou nada ralado com o seu dinheiro, e é melhor vir cá para fora, rapaz, com as mãos no ar».

Phoebe olhou para Dave.

— Ficou muito zangado, sabe, especialmente quando o polícia disse que o Sr. Gradey não tinha coragem para nos dar um tiro. Palavra de honra, pensei que ele nos ia dar um tiro naquele momento, só para fazer ver ao polícia. Não conseguia parar de chorar.

— Ouviu o agente dizer isso?

— Ouvi, sim senhora. Só que ele não disse que o Sr. Gradey não tinha coragem, chamou-lhe «seu anormal».

Phoebe olhou para Dave quando Tracey começou a rasgar um dos lenços em bocadinhos de papel.

— E o Sr. Gradey disse ao polícia que entrasse e fosse buscá-lo, que lhe dava um tiro, e a nós também. Que precisava do dinheiro. Que teve de vender o carro, que não tinha onde morar, e o polícia a dizer que ele iria morar numa cela e que não precisaria de carro. Ao fim de um bocado, pareceu-me muito tempo, chegaram mais polícias. Acha que o Brad já chegou?

— Vou lá fora saber daqui a nada. O que aconteceu a seguir, Tracey?

— Bem, o Sr. Gradey ficou ainda mais irritado. Pensei, pensei mesmo, que ele nos ia matar e acabar com aquilo. Comecei a chorar outra vez, mais alto, parece-me. Ele disse-me que não me afligisse, que a culpa não era minha. Polícias e advogados, disse ele. Era dos polícias e advogados, que lixam sempre as pessoas normais. Parece-me que...

— O que é que lhe parece? — Instou Phoebe.

— Parece-me que ele ia deixar-me sair. Tive essa sensação. A mim, não ao Jasper. Porque me perguntou, se me deixasse sair, se eu contava aos polícias do dinheiro, e eu disse que sim. Claro que contava. Depois o telefone tocou. O tal polícia Meeks berrou que queria que o Jasper atendesse. «Atenda o telefone, seu filho da puta».

Tracey suspirou.

— Sei que parece uma estupidez, mas aquele agente meteu-me tanto medo quanto o Sr. Gradey e a pistola dele. — Tracey passou uma mão pelos olhos. — Só queria que ele se calasse. Quem me dera que ele se tivesse calado, porque acho que o Sr. Gradey me ia deixar sair, e talvez não tivesse dado um tiro na cabeça à minha frente. Sei lá.

— Pronto, Tracey. Está tudo bem agora — Phoebe acalmou-a quando Tracey começou a choramingar.

— Foi pavoroso de se ver. Ele disse-me que me podia sentar quando me perguntou se eu podia contar à polícia do dinheiro. Eu estava sentada no chão quando o telefone tocou e tudo. Não pude ouvir o que dizia do outro lado, mas vi a reação do Sr. Gradey. Estava a observá-lo e a pensar que, se ele me deixasse sair, nunca mais havia de voltar àquele escritório. Ia voltar a estudar, tirar mais cursos comerciais, arranjar um emprego melhor. O Sr. Gradey não disse grande coisa, mas parecia triste. Triste e assustado como eu, e desligou. Quando tocou a seguir, não achei que ele fosse atender. Depois olhou para mim e disse que ia pôr em alta-voz para eu ver como vocês todos tratam pessoas como nós. E eu vi que não tínhamos hipótese. Era uma mulher ao telefone dessa vez. Era você — Tracey concluiu passado um momento. — Claro, era você. Portanto sabe o que se passou a seguir.

— Sim. Eu sei o que se passou a seguir.

Phoebe esperou até chegarem à rua, longe da multidão, ao ar fresco da primavera.

— Ele incitou ao suicídio. Arriscou as vidas de dois reféns com aquela fanfarronice. Ignorou os procedimentos, passou por cima de qualquer diretriz de negociação. E para quê?

— Nem todos os agentes têm talento para negociações, ou compreendem como lidar com uma situação de reféns dessa perspectiva.

Phoebe contra-atacou, não conseguiu impedir-se.

— Caraças, Dave. Estás a defendê-lo? Estás, por um segundo que seja, a defender o que ele fez?

— Não. — Dave ergueu a mão. — E não vou discutir contigo, Phoebe. Tens razão, não discuto. O Agente Meeks vai responder por isto.

— Vai-me responder a mim. É da minha alçada — disse ela antes que Dave pudesse negar.

— E já há crispação que chegue entre ti e o Arnie Meeks. Estavas em linha com o sujeito quando ele acabou com tudo.

— Se o Meeks não me responder a mim, fico desautorizada. Ele não deu parte da ocorrência durante quase duas horas. Só aí, já ganhava uma reprimenda. Não se trata de ele ter um problema comigo. Trata-se de ele ser um problema com distintivo.

— Tem cuidado para não parecer desforra.

— Morreu um homem. Não há desforra possível.

* * *

Phoebe demorou-se, demorou mesmo o resto daquele dia comprido, para recolher depoimentos, informações, para elaborar apontamentos e concluir o relatório da ocorrência.

Depois chamou Arnie ao gabinete.

— Vou sair de turno — disse ele.

— Feche a porta. Sente-se.

— Estou das oito às quatro. Se passar das quatro, ponho horas extraordinárias. — Mas aproximou-se, todo gingão, e sentou-se. Esticou o queixo na direção do gravador que ela tinha em cima da secretária. — O que é isso?

— Esta conversa vai ser gravada para sua e minha proteção.

— Se calhar, preciso do meu delegado.

— Se quiser a presença do seu delegado, é livre de o chamar. — De propósito, ela empurrou o telefone em cima da secretária na direção dele. — Esteja à vontade.

Arnie encolheu os ombros.

— Tem cinco minutos antes de começar a contar horas extraordinárias.

— Às nove horas desta manhã, você respondeu a uma queixa de tiro-teio no escritório de Jasper C. Hughes, Advogado. Correto?

— Correto.

— Respondeu a este local, bem depressa, acercou-se do edifício em questão. Nessa altura, um indivíduo lá dentro informou-o de que estava armado e tinha feito dois reféns. Correto?

— Se vai passar o relatório todo, estamos a perder tempo.

— Chamou reforços ou uma equipa de negociação nessa altura?

— Não. Tinha tudo controlado. Até você chegar.

— Identificou-se como agente da polícia, com um megafone.

— Resguardei-me, conforme o procedimento, e identifiquei-me, claro. Mande o tipo largar a arma e sair. Ele recusou-se.

Phoebe recostou-se na cadeira.

— Tem razão. Estamos a perder tempo. Os relatórios estão aqui, incluindo depoimentos das testemunhas, depoimentos dos dois reféns, declarações dos agentes que chegaram ao local a seguir. Incluindo o facto de você não seguir os procedimentos, não chamar uma equipa de negociação, não seguir nenhuma das diretrizes de negociação de reféns e, antes pelo contrário, ameaçar e levar o causador da situação a um estado de grande agitação.

— Se entra a matar num escritório, já está em grande agitação.

— Aí, está correto. Nunca tentou dissuadi-lo. — Embora os olhos dela faíssem de fúria, a voz continuava neutra, fria, completamente calma. — Disse-lhe que não se ralava, disse-lhe que ele ia para a prisão.

Ele brindou-a com aquele sorriso trocista.

— Não se deve mentir nas negociações.

— Será melhor tirar esse sorrisinho da cara, Agente. Você insistiu e insistiu. — Phoebe agarrou numa página do relatório. — «O Agente Meeks depois contactou o sujeito por telefone e disse ao sujeito que ele faria melhor em apontar a arma à cabeça e carregar no gatilho».

— Psicologia invertida. Estava tudo controlado até você entrar em linha. Os reféns safaram-se, não safaram? Não se perderam vidas.

— Havia três pessoas naquele escritório. Só saíram duas vivas.

— Só duas importavam.

— Na sua opinião, sim, e depreendo que por isso se sentiu à vontade para chamar nomes ao sujeito. Embora eu nada veja no relatório a indicar que os reféns lhe importavam. Você nunca perguntou nem verificou o estado deles, e fez coisas que só contribuíram para o mal-estar deles, incluindo dizer ao sujeito armado que ele não tinha coragem para dar um tiro nos reféns.

— Se quiser culpar alguém por ter metido água, minha senhora...

— Os meus atos respondem por si, Agente, garanto-lhe. Os seus, por outro lado, não. Está suspenso por trinta dias.

Ele levantou-se da cadeira.

— Tretas.

— O incidente será investigado, bem como os seus atos nele. Entretanto, tem ordens para se apresentar no departamento de psiquiatria para uma avaliação nas próximas setenta e duas horas.

A cor encarnada muito feia espalhou-se pela cara dele, tal como acontecera na sala de formação.

— Você não vai espezinhar-me desta maneira.

— É livre de recorrer da suspensão, mas posso dizer-lhe que o Capitão McVee tem cópias de todos os depoimentos e aceitou a minha decisão.

— Ele até aceitava abanar as asas como uma galinha, já que você anda a chupá-lo.

Ela pôs-se lentamente de pé.

— O que é que acabou de me dizer?

— Acha que é segredo que você está aqui sentada porque deixa o McVee comê-la? Veremos quem é que fica suspenso, porra, quando eu acabar consigo. Cabra.

— Está suspenso, trinta dias, e a marca de insubordinação fica registada. Será melhor sair daqui, Agente, antes de piorar as coisas.

Ele aproximou-se da secretária, postou as mãos nela e debruçou-se.

— Vai piorar, para si. Isso garanto.

Ela sentiu a garganta presa.

— Está dispensado. Distintivo e arma, Agente.

A mão dele chegou ao coldre lateral, os dedos dançaram sobre a arma, e Phoebe viu algo nos olhos dele a dizer-lhe que ele era mais do que um filho da puta arrogante.

Bateram à porta e Phoebe teve de se esforçar para não dar um salto. Sykes meteu a cabeça pela porta.

— Desculpe interromper. Preciso de um minuto, Tenente, quando o tiver.

— Tenho um minuto. Agente Meeks? Dei-lhe uma ordem.

Ele desprendeu a arma, atirou-a e ao distintivo para cima da secretária. Quando se virou e saiu, Phoebe permitiu-se tremer e exalar.

— Tudo bem, Tenente?

— Sim. Sim. De que precisa?

— De nada. Achei que as coisas aqui estavam a aquecer, mais nada.

— Está bem. Pois. Obrigada. — Apetecia-lhe afundar-se na cadeira, mas obrigou-se a ficar de pé. — Detetive? Você anda por cá há muito tempo.

— Doze anos.

— Ouve muitas cusquices, muitas ondas?
— Claro.
— Detetive, é do senso comum que eu e o Capitão McVee tenhamos uma relação de natureza sexual?
Ele fez um ar tão aturdido que o estômago dela se acalmou de imediato.
— Credo, Tenente, não. — Sykes entrou e fechou a porta. — Aquele anormal disse isso?
— Disse. Que isto não saia daqui, se faz favor. Não falemos mais disto fora daqui.
— Se assim entender. — Sykes apontou com a cabeça para o distintivo e a arma de Arnie. — E direi mais uma coisa que não sai deste gabinete. Não me desgosta nada ver isso. Quer saber a minha opinião, só entre nós dois?
— Quero. Quero saber a sua opinião.
— Ele nunca teria isso se não fossem as cunhas da família. O gajo é tarado, chefe. Tenha cuidado consigo.
— Vou fazer isso mesmo. Muito obrigada. Obrigada, Bull.
Sykes animou-se quando ela o tratou pela alcunha. Avançou para a porta, mas parou com a mão na maçaneta.
— Acho que alguns de nós a consideram a sobrinha preferida do Capitão. Houve resmunguice quando você veio dos federais e começou a mandar aqui. Resmunguices minhas também. A resmunguice parou bem depressa, na maioria dos casos. A Tenente é boa chefe. É só o que conta por estes lados.
— Obrigada.
Depois de ele sair, Phoebe deixou-se sentar. Deixou-se tremer.

5.

O que não era nada mau, decidiu Phoebe, era chegar a casa depois de um dia requintadamente mau e encontrar duas dúzias de lírios à sua espera. Essie já pusera o ramo com grande pompa na jarra Waterford da prima Bess, e tirara três para pôr no quarto de Phoebe.
— Podes levar tudo para o quarto, claro, mas pensei...
— Não, assim está bem. Está lindo. — Phoebe debruçou-se para cheirar as flores, elegantes e abertas ali em cima da mesa da salinha da família. — Aqui podemos todas apreciá-las.
— Não abri o bilhete. — Essie entregou-lho. — E tenho de admitir que foi uma guerra amarga entre consciência e curiosidade. Embora saiba quem as mandou.

— Acho que foi ele. Enfim. — Phoebe tamborilou no envelope que tinha na palma da mão.

— Oh, pelo amor da santa, Phoebe, lê lá! — Ava estava atrás de Carly a massajar os ombros da menina. — Estamos a morrer aqui. Cheguei a pensar em deitar a tua mãe ao chão por causa desse bilhete.

Phoebe calculou que, quando um homem manda flores para uma casa com quatro mulheres, está a mandar para todas. Abriu o envelope e leu.

— «Até sábado. Duncan».

— Mais nada? — A voz de Ava não escondia o desapontamento. — Não é lá grande poeta, pois não?

— Eu diria que ele deixa as flores falarem por si — corrigiu Essie. — É poético que chegue.

— Mamã, é teu namorado?

— É apenas alguém com quem vou jantar amanhã — disse Phoebe para Carly.

— Porque a irmã mais velha da Sherrilynn tem namorado, e ele fá-la chorar o tempo todo. Ela atira-se para cima da cama e chora o tempo todo, diz a Sherrilynn.

— E aposto que a irmã mais velha da Sherrilynn adora. — Phoebe debruçou-se e rodeou o rostinho de Carly com a mão. — Eu não sou muito de chorar.

— Choraste da última vez que ligaste ao Roy.

Uma mãe nunca consegue esconder lágrimas de um filho, e a mãe que pensa o contrário ilude-se.

— Nem por isso. Vou subir e mudar de roupa. Ouvi dizer que é noite de piza por aqui.

— E DVD e pipocas!

— Assim me constou. Quero despir o trabalho e vestir o lazer.

Lá em cima, Phoebe sentou-se na cama. Poderia uma mãe proteger mesmo uma filha dos seus erros, ou das repercussões ao longo de uma vida inteira?

Não estavam elas naquela casa devido a um único acontecimento que remontava a mais de vinte anos? Não eram elas quem eram, com as suas vidas emaranhadas debaixo daquele teto, por causa daquela noite quente de verão quando ela tinha doze anos? As decisões que tomara, as coisas que fizera, até palavras que dissera, poderiam afetar a filha para sempre. Tal como as da sua mãe a afetavam.

A mãe fizera o melhor que pudera, pensou Phoebe. Mas ao confiar-se e aos filhos a um homem, mudara o rumo das suas vidas.

E ela recordou-se de tudo, de todos os gestos, todos os momentos, como se fosse ontem.

* * *

O espaço era uma caixa de calor, manchado pela gordura do suor dele. Começara a beber uísque da garrafa de Wild Turkey que a mãe tinha em cima do armário da cozinha, pelo que o fedor do uísque acrescentava mais uma mancha ao ar inquinado.

Phoebe esperava que ele bebesse o bastante para desmaiar antes de disparar a arma de calibre 45 que tinha na outra mão, e com que acenava como um rapazinho mau de pau na mão.

Ainda te vazo um olho se não tiveres cuidado.

Já dera alguns tiros, mas apenas nos candeeiros ou bibelôs e fizera buracos nas paredes. Também a apontara à cabeça da mãe, a berrar e a praguejar e a arrastá-la pelos cabelos ruivos e compridos.

Mas não dera nenhum tiro na mãe, ainda não, nem cumprira as ameaças de alvejar Carter, o irmãozinho de Phoebe, ou a própria Phoebe.

Mas podia, podia, e garantia que eles sabiam que o faria se refilassem. Por conseguinte, o medo vivia naquela caixa também, um medo terrível e impotente que pesava no ar como moscas varejeiras.

Embora todos os estores estivessem para baixo e os cortinados corridos nas janelas, ela sabia que a polícia estava lá fora. Ele falava com eles ao telefone, Reuben. Quem lhe dera saber o que lhe diziam, porque ele acalmava-se sempre depois.

Se ela soubesse, de certeza, o que lhe estavam a dizer, talvez pudesse dizê-lo também, nos entretantos quando ele se cansava de falar com eles e desligava, e antes de se enraivecer outra vez e eles tentarem acalmá-lo, mais uma vez.

Tratava a pessoa na outra ponta da linha por Dave, como se fossem amigos, e até fizera uma grande conversa sobre pesca.

Agora voltara a andar de um lado para o outro e a beber. Os entretantos terríveis. Phoebe já não se encolhia quando ele abanava o canhão da arma na direção do sofá onde ela e Carter se tinham enfiado.

Estava cansada de mais para se encolher.

Ele entrara logo depois do jantar, com o Sol ainda no céu. Este já se pusera há muito tempo. Há tanto tempo que ela pensava que talvez viesse a nascer outra vez daí a pouco.

Reuben dera um tiro no bonito relógio de mostrador madrepérola que fora prenda de casamento para a mãe e o pai, em cima da mesa de abas, e Phoebe não sabia quantas horas tinham passado desde a morte do relógio, cinco minutos depois das sete.

A mãe adorava aquele relógio. Phoebe sabia que era por isso que

Reuben o estragara, porque a mãe dava tanto valor àquele relógiozinho amoroso.

Quando o telefone tornou a tocar, ele bateu com a garrafa na mesinha e atendeu.

— Dave, seu filho da puta, eu disse que quero a eletricidade ligada outra vez. Não me venha dizer que está a tratar disso, porra.

Brandiu a arma, e Phoebe ouviu Carter sustar a respiração. Fez-lhe uma festinha na ponta do joelho para o aquietar, para o sossegar.

Por mais que a mãe desse valor ao relógio, dava muito mais a Carter. E Reuben também sabia disso. Por conseguinte, fazer mal a Carter devia estar na lista de Reuben.

— Não me diga que vai resolver isto, porra. Não é você que está aqui a suar como a merda de um porco, com a merda de umas lamparinas a óleo. Ligue o ar daqui outra vez, e bem depressa, e a luz, senão vou fazer mal a um destes miúdos. Essie, mexe esse cu esquelético e imprestável e vem dizer-lhe que estou a falar a sério. Já!

Phoebe viu a mãe levantar-se da cadeira onde ele a mandara sentar-se. Tinha o rosto encovado à luz da lamparina, os olhos arregalados como um coelho apanhado na armadilha. Quando ela chegou perto do telefone, ele fechou um braço à roda do pescoço dela e encostou o cano da arma à cabeça dela.

Ao lado de Phoebe, Carter preparou-se para saltar. Phoebe agarrou-lhe na mão, com força, e abanou a cabeça, para o impedir de sair do sofá. — Não. — A palavra era menos que um murmúrio. — Ele faz-lhe mal se tentares.

— Diz-lhe que estou a falar a sério!

Essie continuou a olhar em frente.

— Ele está a falar a sério.

— Diz-lhe o que estou a fazer agora.

As lágrimas corriam pelas faces de Essie, saltando no sangue seco do corte que o punho dele abrira antes.

— Ele tem a arma encostada à minha cabeça. Os meus filhos estão sentados no sofá. Estão apavorados. Por favor, faça o que ele quer.

— Tu é que devias ter feito o que eu queria, Essie. — Ele fechou a mão no peito dela e apertou. — Devias ter continuado a fazer o que eu queria, e nada disto teria de acontecer. Eu disse-te que te havias de arrepender, não disse?

— Sim, Reuben, disseste.

— Está a ouvir, Dave? A culpa é dela. Aconteça o que acontecer aqui, a culpa é dela. Se eu meter uma bala no cérebro inútil dela neste momento, a culpa é só dela, catano.

— Sr. Reuben? — Phoebe ouviu a própria voz, calma como uma manhã de primavera. Parecia que saía de outro lado, de alguém cujo coração não batesse como punhos na garganta dela. Mas os olhos duros de Reuben dardejaram e apanharam-na.

— Eu mandei-te falar, cabriola?

— Não, senhor. Só pensei que o senhor talvez estivesse com fome. Talvez queira que eu lhe faça uma sandes. Temos um presunto muito bom.

Phoebe não se deixou – não conseguia deixar-se – olhar para a mãe. Sentia o medo da mãe a subir como uma cheia, e se a olhasse de frente, poderia afogar-se nela.

— Achas que, se me fizeres uma sandes, eu não dou um tiro na cabeça à puta da tua mãe?

— Não sei. Mas temos presunto muito bom, e salada de batata. — Phoebe apercebeu-se de que não ia chorar. Admirou-se por não haver lágrimas a quererem aparecer naquele coração galopante. Mas havia fúria, a borbulhar com os nervos na barriga dela. — Fui eu quem fez a salada de batata. Está boa.

— Então vai lá, leva a lamparina contigo. Não penses que não te vejo daqui. Se tentares fazer alguma estupidez, dou um tiro nos tomates ao teu irmãozinho.

— Sim, senhor. — Ela levantou-se, pegando na lamparina a óleo. — Sr. Reuben? Posso ir à casa de banho primeiro, se faz favor? Tenho mesmo vontade.

— Pelo amor de Deus. Cruza as pernas e aguenta.

— Tenho estado a aguentar, Sr. Reuben. Se me deixar ir à casa de banho, depressinha, eu faço-lhe um bom prato de comida. — Phoebe baixou o olhar. — Posso deixar a porta aberta. Por favor?

— É bom que mijes depressa. Se eu não gostar do tempo que demorares, começo a partir os dedos à tua mãe.

— Não demoro. — Correu para a casa de banho mesmo ao lado da sala.

Pousou a lamparina na parte de trás da sanita, baixou as calças, rezou para que os nervos e a simples vergonha não lhe fechassem a bexiga. Deu uma olhadela pela janela por cima da banheira. Sabia que era pequena de mais para ela fugir. Carter talvez conseguisse. Se ela convencesse Reuben a deixar Carter ir à casa de banho, diria a Carter que fugisse.

Endireitou-se, puxou o autoclismo com uma mão, e estendeu a outra para abrir o armário dos medicamentos.

— Sim, senhor! — Gritou ela quando Reuben a mandou despaçar-se.

Tirou o frasquinho de Valium da mãe da prateleira de cima e meteu-o no bolso.

Quando Phoebe saiu, Reuben empurrou Essie de tal maneira que esta aterrou no sofá.

— Está aí, Dave? Vou comer qualquer coisa. Se a luz não tiver voltado quando eu acabar, vou começar a jogar um-dó-li-tá e mato um destes miúdos. Vai fazer a sandes, Phoebe. E não sejas somítica com a salada de batata.

Era uma casa comprida, e pequena. Phoebe tratou de ficar no campo de visão dele enquanto tirava o presunto e a salada do frigorífico.

Ouvia-o falar com Dave, e tentava impedir que as mãos lhe tremessem a tirar um prato e um pires. Um milhão de dólares? Agora ele queria um milhão de dólares e um Cadillac, mais livre-trânsito para passar a fronteira do Estado. Além de mau, também era estúpido, decidiu Phoebe. Com a tigela azul grande da salada de batata a servir de escudo, deitou comprimidos no pires. Com o pilão do almofariz da mãe, moeu-os o melhor que pôde. Deitou uma generosa colherada de salada por cima dos comprimidos, e mexeu tudo.

Barrou duas fatias de pão com mostarda, pôs presunto e algumas fatias de queijo americano entre elas. Se conseguisse tirar uma faca da gaveta, talvez...

— Mas porque demoras tanto tempo, catano?

Phoebe esticou a cabeça. Ele pousara o telefone – ela não estivera a tomar atenção – e com a arma debaixo do queixo de Carter, estava a meio caminho da porta da cozinha.

— Desculpe. Só tenho de arranjar um garfo para o senhor comer a salada. — Phoebe rodeou o frasco dos comprimidos com a palma da mão, virou-se, e abriu a gaveta dos talheres. Deixou cair o frasco e tirou um garfo.

— Quer limonada, Sr. Reuben? A mamã fez há pouco...

— Traz lá o comer, miúda, e depressa.

Ela agarrou no prato. Era fácil deixar transparecer o medo, deixá-lo obstruir tudo o resto. Phoebe, ao ver a arma debaixo do queixo de Carter, sentiu-se esmagada até na sua raiva. As mãos tremiam-lhe e o prato ondulava. Quando ele sorriu, ela percebeu que o medo era parte do que ele queria. Não lhe custava nada dar-lho.

— Põe lá o prato ao pé do telefone, e vai sentar esse cu franzino no sofá.

Ela fez exatamente o que lhe mandavam, mas antes de Phoebe se sentar, Reuben levantou a perna e deu um forte pontapé no rabo de Carter, e o miúdo caiu para a frente. Essie saltou e só parou quando Phoebe lhe impediu o caminho, com um olhar feroz.

Phoebe foi levantar Carter do chão.

— Caluda, Carter! O Sr. Reuben não quer ouvir choradeiras quando está a tentar comer.

— Tem juizinho. — Reuben assentiu, sentou-se e pôs a pistola no colo. Pegou no garfo com uma mão e no telefone com a outra.

— Não sei como é que o arranjaste com a puta imprestável que te criou. Essa luz, onde está, Dave? — Disse ele para o bocal, e deu uma garfada na salada de batata.

Enquanto Carter fungava nos braços da mãe, Phoebe observava Reuben a comer. Teria posto comprimidos que chegassem? Que chegassem para ele desmaiar? O álcool com que engolia a comida iria ajudar, não iria?

Talvez o matasse. Ela já lera coisas assim, comprimidos e álcool. Talvez o filho da mãe morresse e pronto.

Debruçou-se e sussurrou ao ouvido de Carter. O irmão abanou a cabeça, e ela deu-lhe um beliscão com força.

— Fazes o que te digo ou dou-te um estalo.

— Caluda aí atrás! Mas eu mandei-os falar?

— Desculpe, Sr. Reuben. Estava só a dizer-lhe que não chorasse. Ele também tem de ir fazer chichi. Ele pode ir à casa de banho, Sr. Reuben? Desculpe, Sr. Reuben, mas será uma porcaria se ele fizer nas calças. Ele só demora um minuto.

— C'um catano! Vá lá, 'atão!

Phoebe fechou a mão na de Carter e apertou ferozmente.

— Vai lá, Carter. Faz o que te digo.

Carter esfregou os olhos, saiu do sofá e arrastou-se para a casa de banho.

— Sr. Reuben?

A mãe mandou-a estar quieta num silvo, mas Phoebe não ligou. Carter podia safar-se. Se Reuben não pensasse nele por uns minutos, Carter podia safar-se.

— Acha que se eu pedisse ao tal homem que ligasse a eletricidade, ele ligava? Está tanto calor. Se eu lhe pedisse, se lhe dissesse que temos tanto calor, ele ligava?

— Está a ouvir, Dave? — Reuben recostou-se na cadeira e fez um esgar. Os olhos vítreos estavam descaídos. — Tenho uma miúda que quer negociar consigo. Claro, mas que raio. Anda cá.

Quando Phoebe se pôs à frente dele, Reuben passou-lhe o telefone. E meteu-lhe a arma na barriga.

— Diz-lhe o que estou a fazer primeiro.

O suor serpenteou numa linha lenta e gorda pelas costas dela. Porque

é que os comprimidos não faziam efeito? Será que Carter já se escapulira pela janela?

— Senhor? Ele tem a arma espetada na minha barriga, e eu estou apavorada. Temos tanto calor. Não, não estamos feridos, mas temos tanto calor que vamos ficar doentes. Se pudéssemos ter o ar condicionado ligado, talvez pudéssemos dormir, só que eu tenho tanto medo que acho que preciso de um monte de comprimidos para dormir ou coisa assim. Por favor, senhor, não se importa de ligar a eletricidade?

— Senhor? — Ela agarrou bem o telefone quando Reuben estendeu a mão. Ele encolheu os ombros, recostou-se e a onda de alívio foi como júbilo.

— Não se importa de lhe dar o dinheiro e o carro que ele quer? Ele tem sido muito bom para nós desde que lhe dei a salada de batata que eu fiz. Até me deixou ir à casa de banho primeiro. Estamos todos tão cansados que podemos desmaiar a qualquer minuto, sabe?

Reuben estendeu a mão para o telefone, e depois deu-lhe um empurrão com a arma para ela se afastar.

— Está a ouvir, Dave? A miúda aqui quer a eletricidade ligada. Quer que eu receba o dinheiro e o Caddy. Raios partam, não, não lhes dei nada para comer, e só dou quando voltar a eletricidade. Aliás, vou começar um-dó-li-tá agora mesmo e... Onde é que está o rapaz? Onde está aquele merdas?

— Sr. Reuben, ele está logo... — Phoebe esticou o braço como se fosse apontar e derrubou a garrafa de Wild Turkey.

— Oh, desculpe! Desculpe! Eu limpo já tudo. Eu...

Foi-se abaixo, a dor a rasgar-lhe o rosto quando ele lhe bateu com as costas da mão.

— Cabra estúpida! — Ele pôs-se de pé, cambaleou. Phoebe ficou a olhar para o cano da pistola.

Como a ira de Deus, Essie saltou do sofá para as costas dele.

Ele foi-se abaixo, ela mordeu. As unhas dela eram como navalhas na cara dele e ambos gritavam, ambos praguejavam. Phoebe afastou-se como um caranguejo, mal fugiu à bala quando Reuben caiu de joelhos com o ataque de Essie.

— Ajudem-nos! Ajudem-nos agora! — Gritou Phoebe até lhe arde-rem os pulmões. Agarrou na garrafa, pronta para atacar, mas Reuben caiu de borco. A chorar, a gritar, Essie continuou a bater-lhe com os punhos, mesmo quando a porta se abriu de rompante. Mesmo quando entraram homens armados.

— Não disparem. Não disparem. — A chorar, Phoebe gatinhou até à mãe.

* * *

As coisas abrandaram até parecerem um sonho. E no sonho havia pessoas a andarem com ela pela água onde as vozes ecoavam e as luzes lhe feriam os olhos. Adormeceu uma vez, e sonhou. Mas o sonho metia tanto medo que ela se obrigou a acordar outra vez.

Tiveram de fazer radiografias à cara da mãe para ver se não tinha o maxilar partido, e teve de levar pontos no corte. Phoebe estava sentada no quartinho do hospital. Não queria deitar-se, não queria dormir outra vez e voltar ao sonho onde a arma explodia, e a bala – como uma coisa viva – a perseguia e a matava.

Carter dormia enrolado em posição fetal na cama estreita. Tinha os punhos cerrados, e de vez em quando o corpo agitava-se como o de um cavalo quando as moscas o importunam.

Médicos, enfermeiras e polícias entravam e saíam, e faziam perguntas. Quando lá estavam, ela queria que se fossem embora. Quando iam, ela desejava que voltassem para não ficar sozinha.

Mas houvera água para beber, para lavar a secura que lhe entupira a garganta. E depois Coca-Cola gelada, diretamente da garrafa.

Ela queria a mãe. Queria-a tanto que lhe doía mais do que a mão de Reuben na cara.

Quando um homem entrou com um grande saco da McDonald's, o cheiro de hambúrgueres e batatas fritas agitou-lhe o estômago com uma fome súbita e aguda.

Ele sorriu-lhe, olhou para Carter e foi sentar-se na cama ao lado de Phoebe.

— Achei que podias ter fome. Não sei o que te parece, mas eu dispenso comida de hospital. Sou o Dave.

Ela sabia que estava a olhar fixamente para ele, que era falta de educação. Porém, esperava que Dave fosse velho – mais velho, pelo menos. Parecia pouco mais velho do que os rapazes do liceu em quem Phoebe gostava de pensar em segredo. O cabelo dele era castanho-claro com muitos caracóis, os olhos mais claros e azuis. Tinha uma camisa azul-escura, aberta no colarinho. E cheirava um bocadinho a suor.

Ele estendeu a mão mas, quando Phoebe mostrou a sua, não a apertou. Segurou-a, com firmeza, e sustentou o olhar dela também.

— Fico mesmo contente por te conhecer, Phoebe. Muito contente por te ver.

— Também estou contente por conhecê-lo.

Depois ela fez o que não fizera nas horas todas que passara dentro da

casinha escaldante, no tempo todo que aguardara enquanto o irmão dormia.

Chorou.

Dave sentou-se e segurou-lhe na mão. Não disse nada. A dado momento levantou-se, foi buscar uma caixa de lenços e pô-la no colo dela. Quando as lágrimas dela abrandaram, ele tirou os hambúrgueres e as batatas de dentro do saco.

— A minha mamã — começou Phoebe.

— Vai ficar bem. Já fui saber dela, e perguntei se podia passar algum tempo contigo antes de te levarem e ao teu irmão para junto dela, ou de a trazerem até cá. Parece que ele precisa de dormir, seja como for.

— Acho que sim.

— Sei que estavas assustada, mas também foste esperta, e foste corajosa.

— Não fui corajosa. Estava irritada. — Ela pegou no hambúrguer e deu uma dentada. O estômago apertou-se como que a decidir se aceitava ou não a comida. Depois descontraiu-se outra vez. — O Carter foi corajoso ao sair pela janela.

— Ele disse que o mandaste, que disseste que lhe batias se ele não saísse.

Ela corou um pouco, pois estava proibida de bater no irmão. Embora houvesse ocasiões em que julgava que ele merecia o suficiente para ela infringir a regra.

— Acho que disse.

— Porquê?

— O Reuben ia fazer-lhe mal. Ia fazer-lhe mesmo mal antes de me fazer a mim, ou até à mamã outra vez. Porque ele é o bebé, e o Reuben sabe que a mamã o adora mais do que tudo.

— Tu já tinhas posto os comprimidos na comida antes de mandares o Carter sair pela janela.

— Devia ter posto mais. Não sabia quantos. O senhor soube o que eu lhe estava a tentar dizer, soube logo. — Ela tirou uma batata frita. — Senti-me melhor quando estava a falar consigo.

— Foste esperta em arranjar maneira de me dizer que tinhas posto qualquer coisa na comida dele. Assim ganhei mais um bocadinho de tempo.

— Porque é que não ligaram a eletricidade? Ele estava tão passado com isso.

— Bem, sabes como o convenceste a deixar-te ir à casa de banho antes de lhe arranjares a comida? É mais ou menos assim. Tenta-se receber algo em troca. A verdade é que eu ia mandar ligar quando vimos o Carter

a sair pela janela. Queria que o Reuben continuasse a falar – ou a deixar-te falar a ti – enquanto púnhamos o Carter em segurança e resolvíamos a situação nova. Derrubaste a garrafa para o distrair, para ele se zangar contigo e não ligar ao Carter?

— Achei que ele me iria bater, mas não sabia que iria ficar tão passado. Acho que me teria dado um tiro se a mamã não tivesse saltado para cima dele. Devia ter-lhe dado mais comprimidos, é isso. Ele não levaria tanto tempo a desmaiar. A mamã nem nunca teria comprimidos em casa se não fosse ele. Que ironia. — Ela sorriu um pouco quando Dave se riu. — Aprendi o que é a ironia nas aulas de Português. Ela tomava os comprimidos porque ele a chateava e enervava. Fingiu ser simpático quando a conheceu, quando começaram a namorar. Mas começou a implicar com ela, connosco, e a armar-se em mandão. Bateu-lhe uma vez, mesmo na cara.

— Ela pediu uma providência cautelar.

Phoebe assentiu.

— Disse-lhe que nunca mais o queria ver e que ele se fosse embora. Mas ele aparecia sempre, ou ia ter com ela ao trabalho. A segui-la de carro. Acho que fez mais do que isso, mas ela não me quer contar. Foi uma noite lá a casa, bêbado, e ela chamou a polícia. Fizeram-no ir-se embora, mas não fizeram mais nada.

— Lamento que não tenhamos feito mais.

— Disseram-lhe que podia pedir uma providência cautelar, e ela pediu. Não vejo em que é que ajudou alguma coisa.

— Não. E também lamento por isso. Parece-me, Phoebe, que a tua mãe fez tudo certo, tudo o que podia fazer para se proteger e à sua família.

Phoebe olhou para o guardanapo de papel amarrotado na mão.

— Porque é que ele não se foi embora quando ela lhe disse que não o queria?

— Não sei.

Não era a resposta que ela queria, decidiu Phoebe. Pior, era equivalente a uma mentira. Detestava quando os crescidos mentiam porque achavam que ela não compreendia.

Phoebe comeu mais batatas e abanou a cabeça.

— Talvez o senhor não saiba ao certo, mas sabe mais ou menos. Pensa que eu não compreendo porque só tenho doze anos – quase doze. Mas eu compreendo montes de coisas.

Ele observou-a mais um momento, como se pudesse ler algo na cara dela, as palavras num livro.

— Está bem, sei mais ou menos, sim, ou tenho opinião. Acho que ele é mau, um rufia, e que não gostava da ideia de alguém lhe dizer o que

fazer, ou o que poderia ter, especialmente de uma mulher como a tua mãe. Portanto, tentou assustá-la e intimidá-la, e ficou cada vez mais enraivecido porque não resultava como ele queria. Acho que ele queria fazer-lhe mal, mostrar-lhe quem é que mandava, e a coisa descontrolou-se, mesmo para ele.

Phoebe comeu outra batata frita.

— Eu acho que ele é um filho da puta.

— Pois, isso também. Agora ele vai ser um filho da puta na cadeia, e durante muito tempo.

Ela refletiu nisso enquanto bebia a Coca-Cola que ele lhe levava.

— Na televisão, matam o vilão. A equipa de intervenção mata-o.

— Eu prefiro que ninguém leve um tiro. Aquilo que tu fizeste lá dentro? Ajudou a que funcionasse de maneira a ninguém levar um tiro. Morrer é o pauzinho curto, Phoebe. Sei que estás cansada, e que queres ver a tua mãe. — Levantou-se e tirou um cartão do bolso. — Quero que saibas que me podes ligar em qualquer altura. Se precisares de falar sobre isto outra vez, ou fazer perguntas, se precisares de ajuda para qualquer coisa, basta ligares-me.

Ela pegou no cartão e leu: Detetive David McVee.

— O Carter também? E a mamã?

— Todos. Qualquer coisa, Phoebe, e em qualquer altura.

— Está bem, obrigada. Obrigada pelo hambúrguer e as batatas.

— Com muito gosto, é a verdade. — Dessa vez, quando ele estendeu a mão, apertou a dela. — Cuida de ti e da tua família.

— Sim.

Quando ele se foi embora, Phoebe guardou o cartão no bolso. Fechou o saco para manter a comida que Dave levava quente para Carter, e deitou o lixo para o caixote.

Foi à janela. O Sol já nascera. Ela não sabia quando é que começara o dia, nem há quanto tempo era dia. Mas sabia que as horas negras tinham passado.

Quando a porta se abriu e a mãe apareceu, de braços abertos, Phoebe quase voou para eles.

— Mamã, mamã, mamã.

— Meu docinho. Minha pequenina.

— A tua cara. Mamã...

— Não faz mal. Não faz mal.

Como é que não fazia mal com aquela linha de pontos pela bonita face da mãe, a estragar-lhe a pele tão macia? Com os seus olhos azuis agora apagados e os hematomas em redor?

Porém, Essie pôs as mãos nos ombros de Phoebe.

— Não é nada. Estamos a salvo, estamos todos a salvo. Isso é que conta. Oh, meu Deus, Phoebe, tenho tanta pena. Tu não. Tu não. — As lágrimas voltaram a brotar quando Essie deu beijinhos no hematoma que Phoebe tinha no maxilar.

— Mamã, a culpa não foi tua. Até o Dave disse isso.

— Deixei que o Reuben entrasse na nossa vida. Abri-lhe a porta. Isso, pelo menos, é culpa minha. — A mãe afastou-se para ir ver Carter, para se debruçar e encostar a face à cabeça dele.

— Meu Deus, meu Deus, se algo acontecesse a um de vocês, a qualquer um de vocês, não sei o que faria. Tu tiraste-o de lá — murmurou ela. — Tiraste o Carter de dentro de casa. É mais do que eu fiz.

— Não, mamã...

— Nunca mais olharei para ti da mesma maneira, Phoebe. — Essie endireitou-se. — Olharei para ti e verei sempre a minha menina, a minha pequenina, mas agora, de cada vez que olhar para ti, verei uma heroína.

— Tu mandaste-o ao chão — recordou Phoebe. — Acho que também és uma heroína.

— Talvez no final. Bem, não me agrada acordá-lo, mas não quero ficar neste hospital mais tempo.

— Podemos ir para casa agora?

Essie fez uma festinha no rosto de Carter, e tornou a encarar a filha.

— Nunca mais lá voltaremos. Não quero voltar àquele sítio nunca mais. Desculpa. Nunca me sentiria segura.

— Mas para onde havemos de ir?

— Vamos viver com a prima Bess. Já lhe liguei, e ela disse para irmos.

— Para a casa grande? — Phoebe arregalou os olhos com a ideia. — Mas tu e a prima Bess quase nem se dão. Tu nem gostas dela.

— Esta manhã, ela é a pessoa de quem eu mais gosto no mundo inteiro, tirando tu e o Carter. E vamos ser-lhe gratos, Phoebe, por nos abrir a casa quando precisámos.

— Ela não nos abriu a casa quando o papá morreu, nem quando...

— Mas agora abriu. — Essie quase cuspiu as palavras. — E estamos-lhe gratas. É o que temos de fazer.

— Por agora?

— É o que temos de fazer — repetiu Essie.

* * *

Foram para casa da prima Bess num carro da polícia, enquanto Carter devorava o hambúrguer e as batatas fritas já arrefecidos, e engolia a Coca-Cola. Deram a volta ao jardim com a fonte e os repuxos. A grandiosa casa

antiga era de tijoleira rósea e acabamentos em branco; tinha um relvado verde, canteiros de flores bem tratadas e árvores vetustas.

Ficava a um mundo de distância da pequena casa estreita e comprida onde Phoebe morara mais de oito dos seus doze anos de idade.

Reparou que as costas da mãe estavam muito direitas quando subiram os degraus de pedra até à porta da frente, e também se retesou toda.

A mãe tocou à campainha como as visitas faziam, mais do que a família. A mulher que veio à porta era nova, alegre e bonita. Phoebe lembrou-se de uma estrela de cinema, com uma cascata de cabelo louro e compleição esguia.

O rosto mostrava compaixão quando estendeu as mãos a Essie.

— Sr.^a MacNamara, chamo-me Ava Vestry, sou assistente pessoal da Menina MacNamara. Entrem, entrem. Os quartos já estão prontos. Devem estar cansados, vou levá-los diretamente. Ou preferem tomar o pequeno-almoço, talvez um chá?

— Não precisam que ninguém ande de roda deles.

A prima Bess fez-se anunciar na curva da grandiosa escadaria. Estava espedada, vestida de preto asa de corvo, o rosto delgado franzido de censura. O cabelo era grisalho como palha-d'ação e tinha umas asas pretas em cada têmpora.

Agora, e como sempre, o primeiro vislumbre da prima do seu pai fez Phoebe lembrar-se de Almira Gulch, a qual viera meter Toto no cesto dela.²

Bruxa velha e malvada.

— Obrigada por nos dar guarida, prima Bess — disse a mãe na mesma voz calma que usara quando Reuben lhe apontara a arma à cabeça.

— Não me admira nada que te tenhas metido em tal sarilho. Vocês três têm de se ir lavar, muito bem, antes de se sentarem à minha mesa ou deitarem nos meus lençóis.

— Vou tratar disso, Menina MacNamara. — Ava virou o seu sorriso bonito e compassivo para Phoebe e depois Carter. — Talvez as crianças tenham fome. Talvez depois do banho eu possa pedir à cozinheira que faça panquecas, ou...

Aparentemente, a ideia de mais comida depois dos horrores da noite, o hambúrguer, as batatas fritas, a viagem no carro da polícia, foi demasiado para o estômago de Carter, o qual despejou o menu ali mesmo no tapete Aubusson antigo da prima Bess.

² Personagem malévola do filme *O Feiticeiro de Oz* (1939) que tenta mandar matar o cão da protagonista, Toto. (N. da T.)

Envergonhadíssima, cansadíssima, Phoebe limitou-se a fechar os olhos. Talvez não a tivessem matado a tiro, mas ela tinha a certeza de que a sua vida acabara.

* * *

A mãe cuidara da casa da prima Bess durante vinte anos, a limpar, a polir, a esfregar. Servira aquela velha exigente até ao dia da morte desta.

Naquelas duas décadas, a casa tornara-se no mundo de Essie – não apenas o seu lar, nem sequer o seu refúgio. O seu mundo inteiro. E o que ficava fora dela, os temores. Passara quase uma década desde que Essie fora além das varandas, do pátio.

A morte de Reuben na prisão não lhe tirara os grilhões, pensou Phoebe quando se levantou para guardar a arma no estojo que ficava na prateleira de cima do roupeiro. O amargo final da amarga vida da prima Bess não lhe abria as portas.

Aliás, parecia a Phoebe que esses acontecimentos só tinham acrescentado mais trancas, e mais fortes.

Se a prima Bess tivesse feito a coisa acertada, a coisa justa e – nem por sombras – tivesse deixado a casa à mãe em vez de acorrentar Phoebe, teriam as coisas sido diferentes? Melhores? A mãe seria capaz de sair da casa, passear no jardim, ir ver uma vizinha?

Nunca saberiam.

Onde estaria ela própria se não fosse aquela noite? Teria casado com Roy? Teria arranjado maneira de manter o casamento, de dar à filha o pai que ela merecia?

Também nunca saberia isso.

Por conseguinte, elas iam ficar com os lírios na sala, mandar vir piza e preparar-se para passarem a noite de sexta-feira em casa.

E Phoebe iria jantar fora no sábado – só dessa vez. Já havia coisas de mais na sua vida que precisavam de atenção sem acrescentar um homem.

Ela chorara da última vez que falara com Roy, sim, chorara. Mas as lágrimas eram principalmente de raiva. Há muito que se livrara de toda a mágoa e desilusão, quando Carly ainda era bebé.

Demasiada coisa que precisava de atenção, pensou Phoebe outra vez enquanto mudava de roupa.

Olhou para os lírios cor-de-rosa na jarra azul-cobalto em cima da cómoda. As flores são lindas, mas murcham e morrem.

6.

Mesmo assim, flores e um serão de filmes para raparigas suavizaram montes de arestas. No final da maratona, Phoebe levou a filha adormecida para a cama. As desoras conseguiram passar da meia-noite dessa vez.

Vinte minutos depois, Phoebe dormia profundamente como a filha.

O ruído da campainha fê-la sentar-se na cama como um fuso. Rebolou para sair, olhou para o relógio da mesa de cabeceira – três e quinze – antes de agarrar no roupão. Já estava nos degraus a começar a descer quando Essie e Ava saíram dos respetivos quartos.

— Tocaram à campainha? — Essie fechava o roupão no pescoço, e tinha os nós dos dedos brancos. — A esta hora?

— Devem ser miúdos na brincadeira. Fiquem aqui em cima com a Carly, está bem? Não vá tê-la acordado.

— Não abras a porta. Não...

— Não te aflijas, mamã.

Aquele medo com vinte anos estava sempre à espreita para sair do fundo da sua poça negra até à superfície, Phoebe sabia disso.

— Eu vou contigo. Devem ser uns rapazolas meio bêbados a pregarem partidas — disse Ava antes que Phoebe pudesse objetar.

Não valia a pena dar mais importância, decidiu Phoebe, e deixou Ava descer com ela.

— Ela vai ficar alterada o resto da noite — murmurou Phoebe.

— Eu trato para que ela tome um comprimido se for preciso. Miúdos estúpidos.

Phoebe espreitou pelo padrão de vidro biselado no painel da porta da rua e nada viu. Tinham fugido, pensou, a rirem-se histericamente como é típico de miúdos a acordarem uma casa inteira.

Porém, quando se pôs em bicos de pés para observar melhor o alpendre, viu.

— Sobe, Ava, e diz à mamã que não foi nada. Miúdos armados em tolos.

— O que se passa? — Ava agarrou no braço de Phoebe. — Está alguma coisa lá fora?

— Vai lá acima dizer à mamã. Não a quero assustada. Diz-lhe que vou só buscar um copo de água, já que estou cá em baixo.

— O que foi? Vou lá acima buscar o bastão de basebol do Steven. Não abras essa porta até eu...

— Ava, não há ninguém lá fora, mas tenho de abrir esta porta, e não posso enquanto não fores dizer à mamã que está tudo bem. Ela já está a apoquentar-se. Tu sabes que sim.

— Maldição. — A lealdade para com Essie sobrepôs-se ao resto. —
Volto já para baixo.

Phoebe esperou que Ava subisse a escada antes de destrancar a porta. Os seus olhos varreram a rua – direita, esquerda, em frente – mas o instinto dizia-lhe que quem tocara à campainha já se fora embora. Só teve de se agachar para pegar no que ficara no degrau. Depois fechou a porta e trancou-a outra vez, antes de ir para a cozinha e de pôr o objeto em cima da mesa.

A boneca tinha cabelo encarnado vivo. Devia ter sido comprido mas fora toscamente escortanhado. Quem o fizera despira-a, amarrara-lhe as mãos com corda da roupa, pusera um bocado de fita isoladora na boca. Havia tinta encarnada salpicada e derramada na boneca para imitar sangue.

— Oh, meu Deus, Phoebe!

Phoebe levantou a mão, e continuou a estudar a boneca.

— A Carly? A mamã?

— A Carly não acordou. Eu disse à Essie que não foi nada, e que tu ficavas cá em baixo não fossem os miúdos voltarem, para lhes pregares um susto e dares uma descompostura.

— Ótimo.

— Coisa horrorosa. — Ava pousou o bastão de basebol que tirara do roupeiro do filho na mesa ao lado da boneca.

— Querida, não te importas de me trazer a máquina da gaveta do aparador? Quero tirar fotografias para os meus ficheiros.

— Mas não devias chamar a polícia?

— Ava, estás sempre a esquecer-te de que eu sou da polícia.

— Mas...

— Vou levá-la para a esquadra, mas quero fotografias minhas. Não te rales, quem fez isto não volta esta noite. Já entregou o recado. E não contes à mamã sobre isto — acrescentou Phoebe quando foi à gaveta das ferramentas buscar a fita métrica. — Ainda não.

— Claro que não lhe conto. Phoebe, devias ligar ao Dave. Devias ligar ao Dave neste momento e dizer-lhe que alguém pôs esta coisa que serve para te representar no degrau da porta.

— Não vou acordar o Dave a esta hora. Ele não pode fazer nada. — Phoebe fez uma festinha no braço de Ava quando voltou à mesa. — Mas falo com ele sobre isto, prometo. Vais-me buscar a máquina, sim?

Ela mediu, tirou fotografias, embrulhou a boneca em dois sacos de plástico, meteu-a num saco de supermercado e guardou-a no armário do vestíbulo.

Essie chamou baixinho quando Phoebe passou pela porta do seu quarto.

— Querida? Está tudo bem?

— Está. — Phoebe parou à porta do quarto de Essie. A mãe parecia tão nova e vulnerável naquela cama grande e antiga. — Acabou a empolgação da noite. Vais conseguir voltar a adormecer?

— Acho que sim. Miúdos ladinos. O que é que vais fazer?

— Não deixar eles perceberem que me incomodaram. Boa-noite, mamã.

No quarto, Phoebe pôs o despertador para as seis. Levaria a boneca para a esquadra, faria queixa, voltaria a casa antes que dessem por ela ter saído. Pediria a Sykes que investigasse. Ele era duro e esperto. Se houvesse maneira de localizar o autor da boneca, ele conseguiria fazê-lo.

Ninguém, ninguém, iria incomodar a família dela.

Deitada insone às escuras, já sabendo que não precisaria do despertador, perguntou-se onde é que Arnie Meeks andaria às três e quinze da manhã.

* * *

Fora o suficiente ver as luzes acenderem-se naquela casa janota dela. Luz, luz, luz. Bastara ver isso antes de desaparecer no jardim, entre as árvores. No escuro.

Mas fora ainda melhor – um belo bónus – vê-la abrir a porta e pegar na prendinha dele. Valera o tempo, valera o trabalho, pois, vê-la sair para pegar na prenda dele.

São só os preliminares, cabra, pensou ele antes de ir para casa. Umas cócegas antes do evento principal.

Ainda não tinha, nem de perto, nem de longe, terminado com Phoebe MacNamara.

* * *

Ela teria cancelado o encontro se isso não fosse o equivalente a dar demasiada importância ao incidente dessa noite. E se cancelar não se traduzisse em ter de responder a uma dúzia de perguntas da mãe, e até de Carly.

Já respondera ao seu quinhão naquela manhã, pois levava mais tempo do que pensara a entregar as provas, fazer queixa, e voltar para casa no maldito autocarro. Pelo menos tivera a presença de espírito de usar fato de treino para poder dar a desculpa – uma simples mentira, admitiu Phoebe – e dizer que fora fazer uma corrida no jardim logo cedo.

Depois, claro, Carly dera-lhe cabo dos pés durante a tarde. A batalha de vontades pela compra da roupa «mais gira» dera-lhe cabo da paciência,

a ponto de ela e a filha não estarem nada bem-dispostas quando voltaram para casa – Carly foi amuada para o quarto e Phoebe fugiu para a espreguiçadeira do pátio com um chapéu de abas largas na cabeça.

Agora tinha de sair para jantar, pensou, enquanto envergava o vestido preto que dava para tudo, contra todas as opiniões. Se servia para casamentos, funerais, a festa ocasional, também servia para ir jantar fora com um homem.

O gene da moda saltara uma geração, decidiu ela, algo irritada, junto com os caracóis e as covinhas.

Começou a apanhar o cabelo, mas isso fê-la lembrar-se do cabelo toscamente cortado da boneca. Deixou-o solto. E embora soubesse que a família teria gostado de ter algum tempo para interrogar o pretendente – e para Phoebe fazer uma entrada triunfal na escadaria –, fez tudo para estar na salinha muito antes das sete.

E à porta da primeira vez que a campainha tocou.

— Olá, Duncan.

— Primeiro deixa-me dizer: ena. Depois, olá, Phoebe.

Ela recuou, ergueu o sobrolho ao ver os botões de rosa que ele trazia.

— Já me mandaste flores, as quais são lindas, a propósito.

— Ainda bem que gostaste. Estas não são para ti. — Ele olhou para o vestíbulo.

— Gosto da tua casa.

— Nós também gostamos.

— Phoebe, não vais convidar o homem a passar do vestíbulo, não vais apresentá-lo? — Essie saiu da salinha, dirigindo um sorriso a Duncan. — Sou Essie MacNamara, mãe da Phoebe.

— Minha senhora. — Ele pegou na mão que ela estendera. — Parece um piropo, mas tem de se dizer na mesma. Estou a ver a quem é que a Phoebe sai.

— Obrigada. Agrada-me que tenha de se dizer. Entre para a salinha. O meu filho e a mulher não estão cá, mas vou apresentá-lo ao resto da família. Ava, este é Duncan, amigo da Phoebe.

— Muito gosto em conhecê-lo.

— A Phoebe não disse que havia tanta beleza na família. Mas falou em ti. — Duncan sorriu para Carly. — Optei por cor-de-rosa. — E estendeu o ramo de flores.

— Não é lindo! — Essie já estava derretida. — Carly, este é o Sr. Swift. E acho que essas são as primeiras rosas que recebes de um pretendente.

A criança amuada transformou-se numa mulher tímida.

— São para mim?

— A menos que não gostes de cor-de-rosa.

— Gosto. — Ela ficou quase da cor das flores que aceitou da mão dele. — Obrigada. Avó, posso ir escolher uma jarra? Posso?

— Claro que podes. Sr. Swift, posso oferecer-lhe uma bebida?

— Duncan. Eu...

— É melhor irmos andando — interrompeu Phoebe. — O deslumbre aqui até já cega. — Ela pegou no casaco que estava nas costas de uma cadeira. — Não venho tarde.

— Oh — fez Duncan.

Sem lhe ligar, Phoebe foi dar um beijinho a Carly.

— Porta-te bem.

— Divirtam-se — disse Essie. — E Duncan, não se esqueça de cá voltar.

— Obrigado. Da próxima vez tenho de trazer um prado. Gosto em conhecê-las.

Phoebe sabia muito bem que havia três caras coladas à janela da salinha quando Duncan lhe abriu a porta do carro. Ela brindou-o com um olhar pensativo, e depois entrou.

Manteve o mesmo olhar quando ele se pôs ao volante.

— Estás a tentar abrir caminho conquistando a minha filha?

— Com certeza. Agora que sei da tua mãe e de Ava, hei de virar-me para elas.

— Agora tenho de decidir se devo agradecer a tua sinceridade ou sentir-me insultada.

— Conta-me quando te decidires. Entretanto, tens alguma coisa contra barcos?

— Porquê?

— Porque, se tiveres, preciso de fazer uns ajustes. Tens ou não?

— Não, não tenho nada contra barcos.

— Ótimo. — Ele sacou do telemóvel e marcou um número. — É o Duncan. Vamos a caminho. Ótimo. Boa. Obrigado. — Duncan fechou o aparelho. — A tua filha parece-se com a tua mãe. As covinhas saltaram-te.

— Para minha grande tristeza.

— Qual é o parentesco da Ava?

— Não é de sangue, mas é da família.

Ele assentiu de uma maneira que indicava compreender perfeitamente.

— E tens um irmão mais velho.

— Mais novo. O Carter é mais novo.

— Muito bem. Ele e a mulher também moram convosco naquela casa grande?

— Não, têm a casa deles. Como é que te lembraste de levar rosas à Carly?

— Ah... Bem, não percebo grande coisa de meninas com sete anos, e não sabia se esta gostava de bonecas ou bolas de futebol. Também havia a possibilidade de tu seres daquelas nazis do açúcar, pelo que eliminei a via dos chocolates. Achei que, como te tinha enviado flores, ela talvez também gostasse de receber. Há problema?

— Não. Não. Estou a complicar, e foi um gesto bonito. Ela nunca o esquecerá. Uma rapariga nunca se esquece da primeira vez que um homem lhe oferece flores.

— Não tenho de me casar com ela, nem nada, pois não?

— Só daqui a vinte anos.

Depois de estacionar, Phoebe partiu do princípio de que iam a um dos restaurantes ao longo de River Street. Um que tivesse vista, calculou ela, até mesmo esplanada, e ficou contente por ter levado casaco.

Em contrapartida, ele levou-a pelo molhe, passaram alguns barcos, e dirigiram-se a um veleiro branco gracioso e reluzente. Havia uma mesa no tombadilho, com uma toalha branca. Velas de chá debaixo de uma cupulazinha no centro.

— Deve ser teu.

— Se tivesses algo contra barcos, iríamos comer piza, e esta relação provavelmente teria terminado com o último pepperoni.

— Ainda bem que gosto de barcos. Comi piza ontem à noite.

Ela deixou-o ajudá-la a entrar no barco, adaptou-se ao balouçar. No que tocava a primeiros encontros, embora tecnicamente aquele devesse contar como o segundo, potencial não lhe faltava.

— Costumas velejar?

— Moro na Ilha de Whitfield.

— Ah. — Boa resposta. Ela foi até ao corrimão, olhou para o rio. — Moraste sempre em Whitfield?

— Não. Não tencionava. — Ele tirou uma garrafa de champanhe do balde com gelo, e começou a desrolhá-la. — Aconteceu, e acabei por gostar.

— Como ganhar a lotaria.

— Mais ou menos.

Ela virou-se ao ouvir a rolha estalar.

— Portanto, esta parte? — Começou ele. — É a parte do exibicionismo. O barco, champanhe, comida seleta – que está debaixo da mesa numa caixa aquecida. Mas também porque achei que seria agradável comer na água, só tu e eu.

— A parte do exibicionismo acertou na mouche. A parte só tu e eu é problemática. Não para jantar, mas enquanto conceito.

Ele serviu o vinho.
— Porquê?
Ela recostou-se no corrimão, a desfrutar da brisa e da ondulação.
— Tenho camadas de complicações.
— Mãe sozinha, carreira complexa.
— Sim. — Ela aceitou o vinho. — E mais.
— Como, por exemplo?
— Histórias compridas.
— Já assim o disseste. Não tenho pressa nenhuma.
— Muito bem, comecemos desta maneira. Eu amava o meu ex-marido quando me casei com ele.
Ele recostou-se também.
— É sempre boa ideia.
— Também achei. Amava-o muito, embora soubesse, compreendesse logo à partida, que não estávamos em pé de igualdade.
— Não compreendo.
— Ele não me amava muito. Não podia. Não é dessa natureza.
— Parecem-me desculpas.
— Não. Não. Seria mais fácil se fossem. Nunca foi abusivo, nunca — que eu saiba — foi infiel. Mas não conseguia dedicar-se inteiramente ao casamento. Eu tinha a certeza de que podia resolver isso, que podia lidar com isso. Depois engravidei. Ele não ficou chateado nem zangado. Depois de a Carly nascer... Não havia nada — disse ela, passado um momento. — Não havia ligação, empatia, curiosidade. Ele deixou andar, nós deixámos andar, durante quase um ano. Depois disse-me que queria a separação. Que lamentava, mas que não era o que ele queria. Decidiu que queria viajar. O Roy é assim. Impulsivo. Casou comigo por impulso, aceitou começar uma família por outro. Nenhuma das situações o contentava, portanto, há que avançar.
Ele tornou a ajeitar-lhe o cabelo atrás da orelha, aquele gesto casual do dedo na curva.
— A Carly costuma vê-lo?
— Não. Na realidade, não. E até lida com a situação melhor do que eu. Essa é apenas uma das complicações.
— Muito bem, conta-me outra.
— A minha mãe é agorafóbica. Não sai daquela casa há dez anos. Não consegue.
— Não me pareceu...
— Louca? — Interrompeu Phoebe. — Não é.
— Eu não ia dizer louca, apressadinha. Eu ia dizer nervosa perto de estranhos. Como eu.

— Não é a mesma coisa. Em casa, ela está bem. Ela compreende e sente-se segura dentro de casa.

— Deve ser difícil para ela. — Ele fez uma festa com as costas da mão no braço de Phoebe. — E para ti.

— Vamos andando. Ela lutou contra isso durante muito tempo, quase tanto quanto não consegue ultrapassar. Lutou por mim e pelo meu irmão. Portanto agora eu e o Carter – e a Ava e a Carly – lidamos com isso.

— Tens muito com que lidar. — Ele virou-se, mudou de posição para a encarar, para que a mão livre ficasse no corrimão ao lado do cotovelo dela.

Para que ela o pudesse sentir, o magnetismo dele quando se fitaram e não largaram.

— Mas não compreendo o que tem isso a ver comigo e contigo enquanto conceito.

Naquele minuto, ela estava a tentar compreender também.

— A família e o trabalho consomem-me o tempo todo, a energia toda.

— Poderás laborar no erro de que eu dou muito trabalho. — Ele pegou-lhe no copo, voltou à garrafa, encheu o dela e depois o seu. Quando voltou para o lado dela, inclinou-se primeiro, e deu-lhe um beijo ao de leve nos lábios.

— Senti um arrepio.

Oh, Deus, sim.

— Os arrepios são fáceis.

— Tem de se começar por algum lado. Gosto disto. Ruiva sensual, bonita noite, bolhinhas no vinho. Tens fome?

— Mais do que me apraz admitir.

Ele sorriu.

— Porque não te sentas? Deve haver uma espécie de lagosta fria na geleira lá dentro. Vou buscá-la. Podes contar-me mais histórias compridas enquanto comemos.

Ela não ia contar-lhe mais nada da sua vida, da sua família. Ligeireza, decidiu ela. Tudo à superfície. Mas ele tinha uma maneira e, de algum modo, entre a salada de lagosta e os medalhões de carne de vaca, ela abriu-se.

— Como será que uma rapariga de Savannah quer entrar no FBI e especializar-se em tirar pessoas de parapeitos, e depois volta à polícia local? Brincavas aos polícias com as tuas Barbies?

— Não gostava muito de Barbies. Aquele cabelo louro, aquele peito grande.

— Por isso é que eu as adorava. — Ele riu-se quando ela se limitou

a pestanejar. — O que foi? Achas que a Barbie Malibu não dá ideias a um miúdo de dez anos?

— Acho agora. Infelizmente.

— Então, se não foram Barbies, o que te estimulou? O G.I. Joe?

— O Joe é militar. Foi Dave McVee.

— Dave McVee? Deve ter-me passado ao lado na fase dos bonecos.

— É uma pessoa e, embora seja um herói, nunca foi brinquedo... que eu saiba.

— Ah. — Ele tornou a encher os copos e apreciou a maneira como as luzes se refletiam naquela pele de porcelana, naqueles olhos de gata inteligentes. — Paixão de liceu? Primeiro amor?

— Não. Herói, primeiro e último. Salvou-nos.

Como ela não dizia mais, Duncan abanou a cabeça.

— Sabes que não podes parar por aí.

— Não, calculo que não. O meu pai morreu estava a minha mãe grávida do Carter. Do meu irmão mais novo.

— Isso custa. — Ele pôs a mão na dela. — Custa mesmo. Que idade tinhas?

— Quatro, quase cinco. Lembro-me dele, um bocadinho. Mas lembro-me mais que quebrou algo dentro da mamã que demorou muito tempo a sarar, e nunca sarou completamente. Agora sei, sendo observadora treinada e com formação em Psicologia, que a morte dele lançou as bases da agorafobia dela. Ela tinha de sair para trabalhar, de andar connosco de um lado para o outro. Não tinha escolha. Mas, durante anos, manteve-se muito reservada.

— Tinha escolha — discordou Duncan. — Escolheu fazer o que tinha de ser para cuidar da família.

— Sim, tens razão. E cuidou. Depois conheceu um homem. Conheceu o Reuben. Ele ia lá, consertava coisas. Coisas na casa. Eu via, era uma rapariga com quase doze anos, que eles namoriscavam. Era esquisito, mas o meu pai desaparecera há muito, e também era agradável, vê-la toda corada e tolinha.

— Querias que ela fosse feliz.

— Queria. Ele era bom para nós, ao princípio o Reuben foi mesmo bom para nós. Jogava à bola no quintal com o Carter, levava-nos chocolates, levava a mamã ao cinema e tal.

— Mas deixou de ser bom. Consigo ouvir isso — explicou Duncan quando ela olhou para ele. — Consigo ouvir na tua voz.

— Sim, deixou de ser bom. Eles dormiram juntos. Não sei como é que eu sabia, mesmo naquela altura. Mas ela baixara a guarda o bastante, ao fim de tantos anos, para estar com ele dessa maneira.

— E foi quando tudo mudou?

— Foi. Ficou possessivo, mandão, crítico. Implicava connosco, com todos os três, mas como se fosse brincadeira. O Carter, especialmente o Carter, saiu-lhe na rifa. O rapaz não dava uma para a caixa, ha, ha, ha. Um homem não se fazia a ler livros. E por aí fora. Começou a aparecer todas as noites, à espera que a mamã tivesse o jantar na mesa, enxotava-nos para a poder apalpar. Ela não deixava, e ele irritava-se. Começou a beber muito. Calculo que sempre tenha bebido, mas bebia mais lá em casa do que ao princípio. E isto é péssima conversa para jantar.

— Queria ouvir o resto. O meu pai bebia mais do que devia, sei muito bem como é. Termina.

— Está bem. Um dia apareceu, estava a mamã ainda no trabalho. Estávamos só eu e o Carter. Ele tinha estado a beber, abriu uma cerveja, depois outra, e impingiu-a ao Carter. Disse-lhe que já era altura de aprender a beber como um homem. O Carter não queria. Credo, tinha apenas sete anos. O Carter disse-lhe que se fosse embora, que o deixasse em paz, e o Reuben bateu-lhe, na cara, por ser refilão. Bem, eu também refilei, podes crer.

A antiga raiva borbulhou logo.

— Pu-lo na rua, mandei-o tirar as mãos sapudas de cima do meu irmão. Bem, ele bateu-me também. E foi quando a mamã chegou. Digo-te uma coisa, Duncan, até àquela altura, eu adorava-a. Trabalhava tanto, fazia o melhor que podia. Mas nunca achei que ela tivesse coragem. Só quando ela entrou e me viu e ao Carter no chão, e aquele filho da puta em cima de nós com o cinto na mão.

Phoebe parou de falar e bebeu um gole de vinho.

— Ele ia dar-nos com o cinto, para aprendermos a lição. A mamã atirou-se a ele como um relâmpago. Claro que ele fazia dois dela, e estava bêbado, e atirou-a para a outra ponta da sala. Ela gritava-lhe que se pusesse na rua, que não se chegasse aos seus meninos, e eu mandei o Carter fugir, ir aos vizinhos, chamar a polícia. Quando tive a certeza de que ele já estava longe, comecei a gritar também, a dizer que vinha aí a polícia. O Reuben chamou-me e à mamã nomes que eu ainda não sabia, mas foi-se embora.

— Tiveste a cabeça fria. — A mão dele agarrou-se à dela em cima da mesa, uma ligação sólida. — Foste esperta.

— Estava apavorada. Queria que a polícia chegasse porque a polícia é para nos ajudar. Vieram, e falaram com a minha mãe. Não quero dizer que a convenceram a não fazer queixa, mas não a encorajaram. Ficaram com o nome dele, disseram que iam falar com ele. Provavelmente falaram. Não sei tudo o que aconteceu, só parte. Sei que ele passou pelo emprego dela, que lhe pediu desculpa. Sei que ele foi lá a casa com flores, mas ela não o deixou

entrar. Via-o sentado no carro à nossa porta, ali sentado a vigiar a casa. E uma vez, pelo menos uma vez que eu visse, ele agarrou-a quando ela foi lá fora, tentou metê-la no carro dele. Tornei a chamar a polícia, e apareceram alguns vizinhos, pelo que ele fugiu outra vez. E a mamã pediu uma providência cautelar. Foi o que lhe disseram que devia fazer.

— Não o prenderam.

— Acho que até o podem ter detido por umas horas, e que lhe deram uma descompostura. De maneira que, algumas noites depois, ele se embebedou, agarrou na pistola, e entrou na nossa casa. Bateu à mamã com tanta força que ela ainda tem uma cicatriz aqui. — Phoebe passou os dedos pela face. — Apontou-lhe a arma à cabeça, mandou-me e ao Carter dar a volta a casa, trancar portas e janelas, e fechar as cortinas. Íamos todos sentar-nos e ter uma longa conversa. Estivemos ali quase doze horas. A polícia chegou, passadas umas duas horas, creio. Reuben deu uns tiros na parede porque lhe apeteceu, e os vizinhos chamaram a polícia. Berrou lá para fora que nos matava se tentassem entrar. Primeiro os fedelhos. A polícia não tardou a mandar desligar a eletricidade. Foi em agosto, estava calor. Depois o Dave conseguiu que ele atendesse o telefone e fê-lo falar.

— Convenceu-o a deixá-los sair?

— Fê-lo falar. É a primeira regra. Enquanto o Reuben falasse com o Dave, não nos matava. E tê-lo-ia feito; eu via isso. A mim e ao Carter. À mamã talvez não, porque ele metera na cabeça que ela lhe pertencia. Mas o Dave conseguiu que ele comesse a falar de pesca. Uma longa conversa sobre pesca, e manteve-nos vivos. Porém, passado algum tempo, o Reuben ficou irritado outra vez. Ia fazer mal ao Carter, e eu sentia isso. De maneira que o distraí, tal como o Dave fizera com a pesca. Entre uma coisa e outra, entrei na casa de banho, destranquei a janela, e disse ao Carter – até ameacei bater-lhe – que entrasse na casa de banho assim que o deixassem e que saísse pela janela.

— Tiraste o teu irmão de lá — murmurou Duncan.

— O Reuben não largava o Carter. Ia fazer-lhe mal.

Ela contou-lhe da comida que lhe preparara, dos comprimidos para dormir. E de estar sentada no hospital enquanto cosiam a cara da mãe, a conversar com Dave.

— Ele manteve a minha família viva.

— E tu tiraste-os de lá. Aos doze anos de idade.

— Não teria família para tirar de lá se não fosse o Dave. Mudámo-nos para casa da prima Bess depois disso, a casa na Jones Street. O Dave manteve o contacto connosco. Há montes de histórias compridas nisso, mas o Dave conversou comigo sobre negociação de crises e de reféns. Achava que eu tinha jeito, e a perspectiva de alguém que esteve do outro lado. Eu queria

agradar-lhe, e parecia empolgante. Fiz formação, e descobri que ele tinha razão. Tenho jeito.

Ela ergueu o copo numa espécie de brinde.

— Não é o bilhete da lotaria, mas cheguei onde estou agora.

— O que aconteceu ao Reuben?

— Morreu na prisão. Irritou alguém o bastante para lhe darem umas naifadas várias vezes. Enquanto pessoa moral, enquanto agente da lei, sou ensinada a deplorar esse tipo de coisa. Saí e comprei uma garrafa de champanhe, que não chegava aos calcanhares desta, mas uma garrafa muito boa. E apreciei cada gota.

— Fico contente por saber. — Ele apertou-lhe a mão um bocadinho.

— Tens tido uma vida interessante, Phoebe.

— Interessante?

— Bem, não podes queixar-te da rotina.

Ela riu-se.

— Não, acho que não posso.

— Agora tenho uma perspetiva sobre a determinação que vi em ti quando entraste no apartamento do Joe Suicida. E tens os olhos verdes mais sensuais do mundo.

Ela observou-o com eles enquanto bebericava o champanhe.

— Se pensas que, por eu te ter mostrado a minha alma, digamos, e ter bebido vários copos deste belo champanhe, que vou descer à cabina e fazer sexo louco contigo, estás enganado.

— Não podemos negociar? Há possibilidade de qualquer outro tipo de sexo?

— Não me parece, mas obrigada na mesma.

— E um passeio ao longo do rio, onde eu te possa beijar ao luar?

— Podemos começar pelo passeio.

Ele levantou-se, pegou-lhe na mão. Quando ela se pôs de pé, ele simplesmente rodeou-lhe o pescoço e puxou a boca dela para si.

Lábios quentes e ar fresco, um corpo firme e um toque suave. Ela cedeu, cedeu ao momento. Os dedos dela entrelaçaram-se nos dele e fixaram-se enquanto ela se encostava a ele para mais.

Ele sentiu a força dela por baixo daquela pele tão macia. Fora isso que o atraía desde o primeiro momento. Aqueles contrastes, aquelas complexidades. Não havia nada simples, nada vulgar, nela.

Porém, ele pensava que aquilo poderia ser simples – aquilo apenas –, aquele calor que se avolumava lentamente entre eles.

Por conseguinte, o beijo longo, longo floresceu, acendeu uma chama que poderia deflagrar um fogo a qualquer momento, enquanto o tombadilho balouçava suavemente debaixo dos pés deles, e a brisa soprava na água.

Ela pôs-lhe uma mão no peito, deixou-a ficar um momento enquanto o coração dele batia por baixo dela. Depois afastou-o.

— Há mais alguém com muito jeito — comentou ela.

— Tenho praticado religiosamente desde os doze anos. — Ele pegou nessa mão, e roçou os lábios nos nós dos dedos. — Desenvolvi algumas variações, se quiseres uma demonstração.

— Parece-me demonstração suficiente por agora. Falámos num passeio.

— Deve ser melhor guardar as variações. Não sei se estarás preparada.

— Ai não? Não penses que podes usar esse tipo de manobra comigo. Sou polícia.

Ele saltou para o molhe e estendeu a mão para a dela.

— Consta que a Variação Sete causa inconsciência temporária.

— Parece a verdade ou consequência. — Ela saiu do barco para a doca. — E não jogo desde os sete anos. Vamos dar um passeio, Sr. Swift.

— Não se pode censurar um homem por tentar.

Enquanto caminhavam, ela inclinou a cabeça para estudar o rosto dele.

— Variação Sete?

— A lei obriga-me a dar pré-aviso antes de a usar. Agora que foste avisada, estou à vontade.

— Não me hei de esquecer.

O riso dela flutuou sobre a água. E o rosto dela, animado por ele, encheu os binóculos.

Ele meteu a mão no saco para tirar as batatas fritas enquanto a observava, os observava. E pensou na rapidez que seria se tivesse a cara dela na mira de uma espingarda.

Pum!

Rápido de mais, fácil de mais.

Mas não tardaria muito a que ela deixasse de se rir.

7.

Sentada à secretária na segunda-feira de manhã, Phoebe atacou papelada, retribuiu chamadas, e depois arranjou tempo para rever o plano da ação de formação que tinha a seguir.

Até poderia equivaler a bater no Arnie Meeks enquanto ele estava em baixo – e ausente – mas ela queria estabelecer o protocolo, os procedimentos e a psicologia dos atos do primeiro agente a chegar ao local.

Dá a tónica, pensou ela. Arnie tinha certamente dado a tónica para o incidente Gradey. O que acontecera, a razão porque acontecera, seriam pontos fortes a debater na formação, e ilustrariam, esperava ela, a necessidade de haver diretrizes.

Juntou uma cópia do seu próprio relatório ao pacote do dia e juntou a este mais registos e gravações de outros incidentes.

Phoebe levantou-se quando Dave entrou no gabinete.

— Capitão.

— Preciso de um minuto.

— Claro, tenho alguns antes da formação. Café?

— Não, obrigado. — Quando ele fechou a porta atrás de si, os músculos entre as omoplatas dela retesaram-se. — Problemas?

— Talvez. Recebi uma chamada do Sargento Meeks, pai do Arnold Meeks. Anda a fazer barulho de que vai fazer queixa de ti?

— Por?

— Pela suspensão injustificada do filho. Também houve menção de um processo jurídico por calúnia, difamação. Quer reunir-se contigo, comigo e com o representante do filho.

— Estou disponível em qualquer altura. Informei o Arnie de que era livre de contactar o seu delegado na altura da suspensão. E — acrescentou ela — ficou gravado.

— Vais manter os trinta dias?

— Vou. Ele infringiu todas as diretrizes. Espicçou o Gradey, o qual fizera reféns, a suicidar-se, e tem sorte de o Gradey não ter matado os reféns também. O senhor leu o relatório, Capitão, incluindo os depoimentos das vítimas – civis e agentes.

— Pois li. — Num gesto cansado, Dave esfregou a nuca. — Ele não podia ter feito mais borrada, nem que quisesse, desde o princípio.

— E não sei bem se não queria. E não digo isto por não gostar dele — continuou ela quando Dave franziu o sobrolho. — Ele gosta de poder, é tendencioso, machista e precipitado. Não deveria ser polícia.

— Phoebe, esse tipo de posição, o pendor que tens, não vai ajudar a sustentar a tua parte nisto.

— Não há pendor nenhum. E creio que a avaliação psicológica me vai apoiar. Dave, ele pôs aquela boneca mutilada à minha porta.

Dave meteu as mãos nos bolsos, e dentro dos bolsos fechou-as em punhos.

— Não vou contrariar-te nisso, mas vais ter o maior cuidado ao fazer essa acusação a alguém que não eu. Vais precisar de mais do que...

— Ele chamou-me cabra na minha cara, isso sem contar a quantidade de vezes que chamou nas minhas costas. Esteve onde tu estás agora

e ameaçou-me. Não tem respeito algum pela minha autoridade e, aliás, só tem desprezo por mim.

— Não acreditas que eu o queira daqui para fora? — Contrapôs Dave e, pela primeira vez, mostrou alguma raiva, alguma frustração. — Fora desta brigada, da direção? Não tenho motivos para lhe tirar o emprego, de momento não tenho. E Phoebe, estar sentada a essa secretária significa que tens de exigir respeito pela tua autoridade.

— E assim faço — retrucou ela. — Trinta dias poderão dar-lhe tempo para ponderar nisso. Capitão, ele esteve neste gabinete e acusou-me de estar a esta secretária por ter praticado atos sexuais contigo.

Dave ficou a olhar para ela.

— Filho da puta. Filho da puta. — Dave respirou fundo. — Há testemunhas dessas acusações?

— Não, e eu desliguei o gravador antes. Mas ele disse-o. Muito especificamente. O que indica que ele tem tanto desprezo por ti como tem por mim. Mais, acho que ele me ia fazer qualquer coisa – fisicamente. O Detetive Sykes interrompeu. Não gosto que tenha de ser assim. Não gosto de difundir este tipo de situação, mas o facto é que acho o Arnold Meeks perigoso. Pergunta ao Sykes.

— Pergunto. Vou marcar a reunião para esta tarde. Vê lá se estás livre.

— Sim, Capitão.

— Queres fazer queixa de assédio sexual?

— De momento, não. Fico-me pela insubordinação.

Ele assentiu e virou-se para a porta.

— Poderá ser útil contactar o teu próprio representante. — Dave olhou para trás. — Os Meeks têm força na Divisão, contactos, história. Protege-te, Phoebe, porque mesmo que consigamos derrubar este velhaco, ele pode fazer danos.

— Protejo. Dave? Desculpa ter-te arrastado para isto, desta maneira pessoal.

— Não foste tu — retrucou Dave de imediato. — Foi ele.

Problemas, pensou ela quando ficou outra vez sozinha. Problemas no horizonte. Bem, já lidara com problemas antes. Quando terminasse a formação da manhã, ela arranjaria tempo para rever o dossiê Meeks, os depoimentos do incidente Gradey e o relatório pessoal da alteração que tivera com Meeks no seu gabinete.

Pela parede de vidro do gabinete, Phoebe viu Dave fazer sinal a Sykes para irem à sala de convívio. Conversa particular. O instinto protetor do Capitão estava no máximo, e ela lamentava, lamentava mesmo, ter tido de o incitar.

Porém, era o que faltava deixar Meeks pôr vidas em risco, ameaçá-la,

incomodar-lhe a família, e depois sacar do pedigree que tinha na Divisão como se fosse um escudo.

Pouco lhe ralava quem era o pai dele.

E, naquele momento, disse Phoebe de si para consigo, tinha de descartar isso tudo e ir lá para baixo. Foi à secretaria quando passou pela sala da brigada.

— Estarei na sala de conferências nos próximos noventa minutos.

— Ah, está bem. Tenente? — Annie Utz, a administrativa da brigada, fez um sorrisinho nervoso para Phoebe. — Eu, hum, talvez tenha de tirar um dia lá para o fim da semana para tratar de, hum, assuntos pessoais.

— Está bem. Se puderes avisar-me com alguma antecedência, ótimo. Trataremos que haja alguém no atendimento.

— Hum... hum... Tenente? — O sorriso tremia. — Sei que ainda sou nova e tudo. Mas gosto de trabalhar aqui. Espero estar a fazer um bom trabalho.

— Estás a ir muito bem. — Não faria mal nenhum esbater a pintura e comprar o tamanho seguinte de camisa, pensou Phoebe, mas o trabalho em si não era problema.

— Hum... Trouxe pralinés hoje. Caseiras. — Annie mostrou um prato de papel tapado. — Talvez lhe apeteça uma.

— Depois da formação.

— Vai pela escada, não vai? Da maneira como a Tenente sobe e desce aquela escada em vez de ir de elevador, o açúcar não lhe pode fazer mal.

— É por gostar de açúcar que subo e desço a escada a correr.

Despachou-se antes que Annie a atrasasse ainda mais. Com a abertura da aula na cabeça, Phoebe empurrou a porta e começou a correr pela escada abaixo.

O carro tinha de estar pronto nesse dia, lembrou-se. Tinha. Ligaria ao mecânico no intervalo e...

Phoebe quase nem viu o jogo de luz do movimento, não teve tempo de reação, quanto mais de pegar na arma, quando o ataque a fez embater na parede da escada. A dor explodiu junto com uma rajada de medo quando a cabeça bateu no cimento. E a vista se cobriu de vermelho.

Segundos, demorou apenas segundos, em que o instinto lhe gritava: luta! e o choque do golpe lhe vergou os joelhos, para que lhe tapassem a boca com fita e lhe puxassem os braços para trás.

A debater-se, entontecida pelo golpe, tentou atacar com o calcanhar, mas falhou. Depois ficou cega pelo capuz que lhe enfiaram na cabeça. O grito saiu abafado contra a fita quando Phoebe tombou para a frente com um violento empurrão. O choque e a dor espalharam-se quando o corpo dela embateu no patamar; rebolou. Sentiu sangue na boca e, através do trovejar

dos seus arquejos, ouviu o agressor rir-se. A rezar por um milagre, Phoebe deu pontapés. E quando as mãos se fecharam no seu pescoço, debateu-se.

Assim não, ela não podia morrer assim. Sem poder olhar nos olhos de quem a matara. De quem a roubara à sua menina.

O corpo dela reagiu, as pernas empurraram e pontapearam enquanto os pulmões gritavam por ar. Quando a pressão amainou, ela arfou e engoliu só para tentar gritar outra vez; foi então que sentiu uma faca, a ponta de uma faca, a cortar-lhe a roupa, e o ardor rápido e horrível dessa ponta a passar descuidadamente pela carne dela. Mãos, mãos com luvas, assimilou ela, apertaram-lhe os seios.

Não podia estar a acontecer. Agressão e violação de uma polícia na sua própria esquadra? Era loucura. Mas os pontapés e a luta dela não impediram que as mãos dele rasgassem, tocassem, irrompessem rudemente entre as pernas dela.

E Phoebe detestou-se pelo choro e as súplicas que balbuciava por detrás da fita adesiva. Detestou que o fizessem rir, que lhe dessem poder.

— Não te rales. — Foi um sussurro, a primeira vez que ele falou. — Não fodo a tua laia.

Uma nova dor irrompeu com o golpe na cara dela. Esteve à beira da inconsciência, quase se sentiu grata. Ouviu, muito ao longe, ou achou que ouvira, passos.

Vinha lá alguém. Por favor, meu Deus. Mas não, não, afastavam-se. Ele afastava-se. Deixava-a viva. Phoebe gemeu. Tudo chorava, tudo chorava de dor. Mas a sobrevivência, essa necessidade primordial de sobreviver, foi mais forte. Teve medo de rebolar, tentou pôr-se de joelhos, de pé. Estaria perto da escada, estaria perto de uma queda feia, talvez fatal?

As algemas que ele lhe metera mordiam-lhe a carne, debaixo do peso do próprio corpo. A necessidade de ver – fugir, sobreviver – era maior do que a necessidade de alívio. Phoebe curvou os ombros, virou a cabeça para a direita e a esquerda, arrastou-se tortuosamente para a frente enquanto experimentava o chão com os pés. Devagar, com um controlo feroz sobre o pânico, Phoebe enrolou o capuz pela cara acima até ter o queixo livre, a boca, o nariz. Depois, graças aos céus, os olhos.

E esses olhos giraram em volta. Viu manchas e vestígios do próprio sangue na parede da escada onde batera com a cabeça, tal como o sentia na garganta.

Mas viu a porta mais abaixo. Tinha de chegar àquela porta, descer o lance de escadas até àquela porta. Rumo à sobrevivência.

Rebolou, e até silvou no meio dos arquejos quando se pôs de joelhos. Tinha bocados da camisa e da saia pendurados no corpo. Os farrapos do resto estavam espalhados pelos degraus.

Ele deixara-a nua, humilhada, amarrada. Mas deixara-a viva.

Usou a parede para se preparar, usou as pernas trémulas para empurrar, empurrar, até poder pôr-se de pé, encostada à parede. A alegria e a náusea invadiram-na, e rezou para poder aguentar as duas até pedir socorro.

Mesmo que a voz dentro dela gritasse: despacha-te, despacha-te, ele pode voltar, obrigou-se a descer com cuidado, encostada à parede para mais segurança. Ao fundo dos degraus, o corpo a tremer de medo e exaustão, teve de arranjar forças para se virar, para agarrar na maçaneta da porta com as mãos suadas e para puxar.

Caiu na direção do corredor. A tremer, começou a arrastar-se.

Alguém gritou. Phoebe ouviu como se fosse uma sirene no meio do nevoeiro. Esgotada, desmaiou.

Não esteve desmaiada muito tempo, a dor não deixava mas, quando acordou, estava deitada de lado e o ardor na boca indicou-lhe que alguém tirara a fita adesiva.

— Tragam uma manta. Dê cá a porra do casaco, e alguém vá buscar a chave destas algemas. Está tudo bem, Tenente. É a Liz Alberta. Consegue ouvir-me? Vai ficar tudo bem.

Liz? Phoebe fitou uns olhos castanhos sombrios. A Detetive Liz Alberta. Sim, sim, ela sabia quem era, ela conhecia aqueles olhos.

— A escada. — A voz dela era um silvo rouco. — Ele apanhou-me na escada.

— Já lá estão dois colegas a ver. Não se aflija. Vem aí a ambulância, Tenente. — Liz debruçou-se. — Foi violada?

— Não. Não, ele só... — Phoebe fechou os olhos. — Não. Estou muito ferida?

— Ainda não sei.

— A minha arma. — Phoebe arregalou os olhos. — Credo, a minha arma. Não lhe consegui pegar a tempo. Ele levou-me a arma?

— Ainda não sei.

— Espere aí, Tenente. Vou tirar-lhe as algemas.

Phoebe não sabia de quem era a voz atrás dela, e continuou de olhos fixos em Liz.

— Preciso que me fique com o depoimento. Quero que seja a Detetive.

— É isso mesmo que vou fazer.

Phoebe não pôde evitar sorver ar quando as algemas saíram, nem conseguiu reprimir um gemido quando mexeu os braços.

— Acho que não estão partidos. Acho que não há nada partido. — Puxou o casaco sobre o peito mesmo quando alguém lhe punha uma manta nos ombros. — Ajude-me a sentar.

— Será melhor ficar deitada até...

Ouviu-se passos apressados, alguém chamou. Depois Dave estava ajoelhado ao lado dela.

— O que aconteceu? Quem fez isto?

— Não vi. Ele apanhou-me na escada. Pôs-me uma coisa a tapar a cabeça. — As lágrimas correram-lhe pelas faces e arderam no rosto esface-lado. — Acho que me ficou com a arma.

— Vou ficar com o depoimento dela, Capitão, se mo autorizar. Vou com a Tenente ao hospital e fico com o depoimento.

— Sim. — Mas Dave agarrara a mão de Phoebe como se não suportasse deixá-la ir.

— Não diga à minha família, Capitão. Por favor, não lhes diga nada. Ele apertou-lhe a mão e pôs-se de pé.

— Quero este prédio revistado a cada piso. Estamos em alerta vermelho. Ninguém entra nem sai sem busca. Quero saber o paradeiro de todos os polícias e civis neste prédio.

— Não foi nenhum civil, Capitão. — Phoebe falou calmamente quando o rosto furioso dele se virou para ela. — Foi um dos nossos.

* * *

Ficou tudo desfocado, mas Phoebe até se sentiu grata. Os enfermeiros, a ambulância, as Urgências. Muitas vozes, muito movimento, mais dores. Depois menos, graças aos céus, menos. Phoebe deixou-se ir enquanto lhe mexiam, a levantavam. Enquanto lhe tratavam dos cortes e hematomas, ficou de olhos fechados. Enquanto lhe tiravam radiografias, fechou a própria mente.

Iria haver lágrimas, ela sabia disso. Provavelmente rios delas, mas podiam esperar.

Liz entrou na sala de exame.

— Disseram que queria falar comigo agora.

— Sim. — Phoebe sentou-se na marquesa. Doíam-lhe as costelas, aquele latejar como dentes podres que ela já sabia ter de aguentar dias, se não semanas. Mas o braço ao peito aliviava a dor no ombro. — Traumatismo ligeiro, costelas magoadas, entorse no ombro.

Liz aproximou-se.

— Corte feio na testa e olho negro não tarda. Lábio rachado. Maxilar inchado. O filho da puta esmerou-se.

— Não me matou, ao menos isso.

— É sempre bom. O seu Capitão esteve cá. Foi-se embora depois de os médicos o informarem do seu estado. Fiquei de lhe dizer que ele vem buscá-la para a levar para casa quando a Tenente estiver pronta.

— É melhor que ele fique na esquadra, descubra... Não sei o que é que há para descobrir. Eu ia do gabinete para a sala de conferências onde ia dar uma ação de formação. É costume. Costumo ir pela escada.

— Claustrofobia?

— Não, vaidade. Nem sempre tenho tempo para fazer exercício, e em vez do elevador, vou pela escada. Ele estava à minha espera.

— A Tenente disse que não o viu.

— Não. — Com cautela, Phoebe levou os dedos ao rosto, logo abaixo do olho. Nunca tinha tido um olho negro, nunca dera valor ao quanto doía. — Eu ia a correr escada abaixo, e só apanhei um movimento pelo canto do olho, à minha direita. Obrigada.

Phoebe aceitou a bolsa de gelo que Liz lhe dava, e pô-la suavemente de lado no rosto.

— Ele agrediu-me ainda antes de eu poder virar a cabeça, antes de poder sacar da arma. Ele sabia o que fazia. Incapacitou-me logo com o golpe na cabeça. Atirou-me de cara à parede, atordoou-me. Tapou-me a boca e algemou-me depressa. Sabe usar algemas. Previu os meus gestos de defesa, os poucos que tive, e pôs-me o capuz na cabeça, ou lá o que era.

— Saco da lavandaria. Está nas provas. A Tenente está a pensar que devia ter sido mais rápida, ter lutado mais. Não pense.

— Não consegui ripostar uma única vez. Apercebo-me, intelectualmente, que estava atordoada, fisicamente dominada, e mesmo assim... A minha arma?

— Não foi recuperada.

O olhar entre elas demorou um longo momento. Era muito duro quando um polícia ficava desarmado. Era ainda mais duro quando era uma mulher.

— Ninguém a vai culpar por isso, Tenente. Nestas circunstâncias, não.

— Uns sim. A Detetive sabe disso, eu sei disso. Ele sabe disso. Por isso é que a levou.

— São idiotas. Ficou com ideia do tamanho dele? Da complexão?

— Do tamanho, não. Ele empurrou-me e eu caí. Mas era forte. Ao princípio sufocou-me... — Os dedos de Phoebe percorreram os hematomas no pescoço, e ela recordou-se da sensação daquelas mãos a cortarem-lhe o ar. — Sufocou-me quando eu estava no chão, pôs-me as mãos no pescoço e sufocou-me. Tinha mãos grandes. Mãos grandes e fortes. Usou luvas. Senti... Senti luvas – finas, talvez de látex – quando ele me apalpou. E uma faca, talvez uma tesoura, mas acho que foi com uma faca que me cortou a roupa.

— Ele tocou-lhe.

— Ele... — Os factos, repreendeu-se Phoebe. Pensa nisto como factos. — Ele apertou-me os seios. Puxou-me os mamilos, com força. Riu-se. Um riso arquejante, como se estivesse mesmo excitado e a tentar controlar-se. Ele meteu a mão... Merda. Oh, merda.

Previdente, Liz agarrou numa arrastadeira e meteu-a debaixo da cara de Phoebe. E segurou-a enquanto Phoebe vomitava.

Pálida como um lençol por baixo dos hematomas, Phoebe recostou-se.

— Credo. Credo. Desculpe.

— Respire fundo, demore o tempo que quiser. Tome lá. — Liz pegou no copo de plástico com palhinha que estava em cima da mesa e passou-o a Phoebe. — Um pouco de água.

— Está bem. Obrigada. Estou bem. Ele meteu os dedos dentro de mim. À força. Não foi um gesto sexual. Ele só queria magoar-me, humilhar-me. Depois acho que se deve ter debruçado porque a voz me soou ao ouvido. E sussurrou: «Não te rales. Não fodo a tua laia». Depois bateu-me na cara. E deixou-me ali.

— Tem noção do tempo que durou?

— Pareceu uma eternidade, mas devem ter sido dois, três minutos. Não mais do que isso. Ele tinha um plano preparado e executou-o com eficiência. Devo ter levado mais tempo a tirar o capuz e a descer até à porta. Por junto, devem ter sido seis ou sete minutos.

— Muito bem. Ele disse mais alguma coisa? Seja o que for?

— Não, só falou dessa vez.

— Reparou em mais alguma coisa nele? O cheiro?

— Não. Espere. — Phoebe tornou a fechar os olhos. — Pó de talco. Cheirou-me a pó de talco.

— E a voz dele? Poderia reconhecê-la?

— Não sei. Somos treinados para tomar atenção a pormenores, mas eu estava tão assustada, e o sangue latejava-me na cabeça, e o capuz. Ele é de cá — disse ela, de repente. — Ouvi sotaque suficiente para me parecer de cá.

— Teve problemas com alguém? Alguém que pense que lhe possa querer mal?

— A Detetive sabe que sim. Podemos não trabalhar na mesma brigada, mas trabalhamos na mesma casa. Sabe que sim.

— Pensa que foi ele? Pensa que foi Arnie Meeks quem a agrediu?

— Penso, sim senhora. Não posso provar, mas sim, penso que foi. Dei parte de um incidente no sábado de manhã.

— Que incidente?

Phoebe contou a Liz da boneca.

— Vou confirmar isso com o Detetive Sykes. E vou inquirir discretamente do paradeiro do Meeks esta manhã.

— Agradecida.

— A Tenente não foi violada, mas foi agredida sexualmente. Se quiser falar com um terapeuta, conheço um muito bom.

— Obrigada, mas não. A Detetive é boa no que faz, fico-lhe grata por ter recolhido o meu depoimento, e por estar aqui.

— E vou dar seguimento. Prometo.

— Por agora, pode ir buscar-me uma bata para eu sair daqui?

— E se eu ligar a alguém? Se não quiser o Capitão, outra pessoa. Peço que traga roupa, que a leve a casa?

Phoebe abanou a cabeça.

— Só quero ir para casa depois de ter um ataque de nervos, coisa que há de acontecer não tarda muito.

— Há mais alguém a quem eu possa ligar?

— Na verdade... — Phoebe levou as pontas dos dedos ao trio de pensos rápidos que lhe fechava a ferida na testa. — Há um amigo, se o apanhar.

* * *

O prédio antigo tinha potencial. Claro que o atual dono estava a tentar fazer negócio à sua maneira, mas Duncan deixou que isso lhe ocupasse um dos lados do cérebro, enquanto discorria as possibilidades com o outro.

O armazém mais parecia um pardieiro, não havia dúvida, mas podia transformar-se em apartamentos bons – perto das fábricas e das docas para arrendar a famílias da classe trabalhadora. Espaço razoável para uma renda razoável. Bem fora da rota turística, claro, bem separado da elegância verde do bairro histórico. Porém, junte-se uma padaria ou uma cafetaria no rés-do-chão, uma mercearia ou um restaurante pequeno e familiar, e temos retorno do investimento. Com o tempo.

Ainda bem que ele não tinha pressa.

O peixe miúdo da cidade precisava de habitação boa e segura tanto quanto o resto da população. Ele bem sabia. Fora peixe miúdo a maior parte da sua vida.

Phin estava com o dono, a abanar a cabeça, enquanto Duncan devaneava. Na opinião de Duncan, aquele era o maior talento de Phin. Bastava-lhe fazer aquela cara feia e de censura para desarmar as pretensões do dono e trazê-lo de volta à realidade.

O tipo queria a Lua pelo desmantelamento, calculava ter ali a galinha dos ovos de ouro. Duncan não se importava que o achassem uma

galinha, muito menos depois de ter feito a oferta final na ordem das duas estrelas.

Quando o telemóvel dele tocou, Duncan estava a observar um trio de janelas partidas. Continuou a observá-las enquanto atendia.

— Sim, fala o Duncan. O quê? Quando? Como?

Virou-se quando Phin, obviamente ciente do tom alarmado na voz dele, percorreu o chão de cimento esburacado na sua direção.

— Onde? Está bem, sim senhora — disse ele pouco depois. — Estou a caminho. Tenho de ir. — Já a caminho da porta, Duncan guardou o telemóvel no bolso.

— Sr. Swift — começou o dono.

— Emergência pessoal. Faz o teu trabalho — disse ele para Phin, e correu para o carro.

Uma dúzia de imagens horríveis relampejaram na sua cabeça enquanto Duncan acelerava rumo ao hospital. A mulher que se identificara como Detetive Alberta dissera que Phoebe tivera alta, confirmou Duncan de si para consigo. Não poderia estar assim tão mal se lhe tinham dado alta do hospital.

Por outro lado, a detetive fora muito sucinta. Típico da polícia, pensou Duncan, aborrecido e obrigado a travar num sinal vermelho.

Ela não dissera como, não dissera a gravidade. E quando é que a porra da luz ia ficar verde?

Talvez lhe tivessem dado um tiro. Meu Deus, meu Deus.

Ele zarpou quando o semáforo mudou. Abriu caminho pelo trânsito, e mais trânsito. Anos de táxi tinham-no ensinado a despachar-se – ou a demorar-se e a compor a bandeirada.

Guinou para dentro do estacionamento, a praguejar amargamente enquanto procurava lugar. Depois de encontrar um e de ir a correr para as Urgências, já estava uma pilha de nervos e mau génio.

Teria passado por ela sem a ver se não fosse o cabelo. Aquele farol ruivo chamou-lhe a atenção, fê-lo parar, rodar nos calcanhares.

Estava sentada com outros feridos e doentes na sala de espera. Tinha uma bata azul-clara. O braço ao peito, e o rosto – aquele rosto fascinante – negro e ferido.

— Oh, Deus, Phoebe. — Agachou-se à frente dela, pegando-lhe na mão com as suas. — Estás gravemente ferida?

— Ambulatório. — Ela quase conseguiu sorrir. — Não é mau. Lembrei-me de te ligar. Não devia.

— Nada de tolices. O que aconteceu?

— Duncan... Como liguei, e tu vieste, preciso de ir para algum lado por umas horas, para me poder ir abaixo e recompor outra vez antes de ir

para casa. Não te importas de me levar para um sítio sossegado por umas horas? É um grande favor, eu sei, mas...

— Claro que não. Tens a certeza de que podes andar?

— Tenho. — Quando Phoebe começou a levantar-se, ele passou-lhe um braço pela cintura, amparou-a com o cuidado de alguém a pegar numa obra de arte muito frágil. — Encosta-te a mim.

— Já o fiz, a chamar-te aqui. — Credo, mas era mesmo um alívio deixar algum peso em alguém. — Nem sequer me ocorreu que pudesses estar ocupado ou coisa assim.

— Eu? Rico ocioso. — Ele sacou dos óculos escuros quando a viu fazer uma careta e virou-lhe o rosto para longe da luz. — Põe isto. Vais ter aí um belo olho negro. Que tal está o outro gajo?

Desta vez ela não conseguiu sorrir.

— Quem me dera saber.

Podia esperar, disse ele de si para consigo. As perguntas podiam esperar até ele a levar para dentro, a instalar. Levar-lhe chá, ou coisa assim. Ajudou-a a entrar no carro e apertou-lhe o cinto de segurança.

— Vamos inclinar-te um bocadinho. — Duncan inclinou o banco do carro. — Está melhor?

— Está bom. Está ótimo.

— Deram-te alguma coisa para as dores? — Perguntou ele quando se pôs ao volante, e ela tamborilou na bolsa que Liz levava para o hospital.

— Droga da boa. Já meti alguma. Vou só fechar os olhos, se não te importares.

— À vontade. Tenta descontraí-te, descansar.

Ela não dormiu. Ele via-a com a mão fechada num punho. Poderia soltar-se por momentos, mas depois ela fechava-a outra vez, como se estivesse decidida a reprimir algo.

Tinha ligaduras nos pulsos, coisa que o deixava perplexo. Se tivesse sido um acidente, porque é que ela não ligara à família? E que tipo de acidente lesionava os dois pulsos, deixava o rosto todo negro e danos suficientes para uma mulher andar como se os ossos fossem de cristal?

Não fora acidente nenhum.

Quando outras opções lhe vieram à ideia, Duncan enxotou-as. Não valia a pena especular, especialmente quando a especulação – onde estava a roupa dela? – o lançava num campo minado de possibilidades.

Deu-lhe silêncio. Já tivera passageiros suficientes no passado para saber o que as pessoas querem. Conversa, debate, informações, sossego.

Phoebe queria silêncio.

Mal se mexeu, tirando a mão inquieta a fechar-se num punho, quan-

do passaram a ponte para a ilha, quando passaram os pântanos e ribeiros e os túneis verdes da copa das árvores.

Só quando ele abrandou para a última curva, e depois parou, é que ela se mexeu e abriu os olhos.

Ele quisera grandiosidade para a casa, elegância tradicional com toques caprichosos como, por exemplo, a varanda no telhado que mais parecia uma coroa. Os carvalhos cheios de musgo abriam-se como um leque em redor, toques fortes no azul suave pontuado a branco da casa. Jardins – azáleas quase a desabrochar – por todo o lado, de um modo casual que transformava o grandioso em encantador.

Vasos e cestos de flores mistas decoravam o terraço e o alpendre, junto com espreguiçadeiras e cadeiras espaçosas que convidavam as visitas a sentar-se, a descontraír, a tomar um refresco.

— É linda.

— Pois, estou a afeiçoar-me. — Ele saiu do carro e deu a volta. — Deixa-me ajudar-te.

— Obrigada. — Ela encostou-se a ele. — A sério. Muito obrigada, Duncan.

— Não tens de quê. — Levou-a para os degraus, e ambos subiram até ao alpendre com a porta e o vitral com nós célticos.

— Há quanto tempo moras aqui?

— Acho que já vai em cinco anos. Sim. Queria vendê-la, mas... História comprida. — Fez um sorriso breve, destrancou e abriu a porta.

Uma luz dourada derramava-se sobre cores ricas, uma abundância de espaço adoçada pelas curvas da escadaria elegante, das arcadas amplas. Ela avançou ao lado dele, rígida, até uma salinha. As portas do átrio abriam para um terraço e, mais além, viam-se mais jardins, centrados por uma pérgula onde serpenteavam glicínias entrelaçadas numa explosão de beleza.

Um piano de frente para as janelas, cadeiras e divãs em tons suaves de cinzento, agrupados de modo a suavizar as paredes cor de vinho. Havia pinturas nas paredes, e ela ficou com a impressão de lagos e rios, de paisagens da Geórgia, junto com uma mescla de antiguidades e o toque bizarro de um porco gordo em cerâmica.

Quando ele fez menção de a levar a sentar-se, ela afastou-se e foi até às portas de vidro.

— Gosto dos teus jardins.

— Eu também. Meti-me nesse tipo de coisa quando me mudei para cá.

— Calculo. Parece muita casa para um homem só.

— Pois. Por isso é que achei por bem vendê-la. Mas até uso praticamente a casa toda.

— Tu... — Ela encostou a testa ao vidro, fechou os olhos. — Desculpa. Desculpa. Estamos a chegar ao momento do programa em que eu me vou abaixo.

— Não faz mal nenhum. — Ele pôs-lhe uma mão nas costas e, ao senti-la tremer, soube que tinham chegado ao âmago da tempestade. — Podes deixar-te ir.

Abraçou-a quando ela se virou para ele, segurou-a bem quando ela começou a chorar. Levou-a para o divã, e sentou-se com ela nos braços. E não a deixou enquanto a tempestade não amainou.

8.

Phoebe não tinha vergonha de chorar, muito menos lágrimas que tinham de sair. Sentiu-se grata enquanto chorava, enquanto as lágrimas lavavam o pior do medo e da náusea, por ele não ser o tipo de homem que dava palmadinhas desajeitadas e dizia a uma mulher que não chorasse.

Ele só lhe deu abrigo e deixou-a chorar.

Quando as tremuras abrandaram e as lágrimas foram secando, ele deu um beijo muito leve na têmpora magoada dela.

— Sentes-te melhor?

— Sim. — Phoebe respirou fundo e, quando exalou, sentiu o organismo estabilizar. — Credo, sim.

— Eis o que vamos fazer. Vou buscar algo para beberes, e depois vais contar-me o que aconteceu. — Ele segurou-lhe no rosto até se entreolharem. — Depois veremos o que vem a seguir.

— Está bem.

— Não tenho um... Um lenço de homem.

— Tenho lenços de papel na mala.

— Boa. Então... — Ele mudou-a de posição e sentou-a a seu lado. — Se precisares, sabes, da casa de banho, há ali uma à direita.

— Boa ideia.

Quando ele saiu, ela deixou-se ficar um pouco, a reunir reservas de força. Levantou-se penosamente, pegou na mala que ele deixara na mesinha baixa, e passou por arcadas graciosas, chãos muito polidos, até chegar à casa de banho.

O primeiro vislumbre do seu rosto no espelho comprido e oval fê-la gemer de vaidade e de desgosto. Tinha os olhos inchados e vermelhos, o direito todo magoado com cortes e hematomas, acentuados pelo negrume do sangue que se avolumava por baixo.

O maxilar era outra nuvem negra e inchada, o lábio inferior do dobro

do tamanho e cortado. Os pensos rápidos na testa fechavam um corte irregular, e destacavam-se fortemente na pele dorida e arranhada.

— Isto não é um concurso de beleza, Phoebe, recompõe-te. Mas credo, credo, poderias ter pior aspeto?

E quando levasse aquela cara para casa, toda a gente iria ficar meia estúpida de susto.

Não havia nada a fazer, nada, repreendeu-se ela, e deitou cuidadosamente água fria no rosto.

Em suma, Phoebe descobriu que até o gesto elementar de fazer chichi de braço ao peito e anca dorida era um exercício em desconforto e frustração. Que limpar-se e compor-se causava uma dor latejante e monótona por baixo da camada de medicamentos.

E com ou sem vaidade, já estava fartinha de parecer que tinha batido numa parede.

Mais, detestava coxear. Enquanto coxeava de volta à salinha, Duncan pousava um tabuleiro na mesinha baixa.

— Não sei o que te deram nas Urgências, e achei que o álcool está interdito. Tens chá, e o meu remédio pessoal para um olho negro e outras coisas, uma embalagem de ervilhas congeladas.

Ela parou.

— Fizeste chá.

— Não gostas de chá?

— Claro que gosto. Fizeste chá, e numa chaleira bonita, num tabuleiro. E trouxeste-me ervilhas congeladas. — Phoebe levantou a mão boa. — Tenho as emoções ao rubro, ainda. Estou com vontade de choramingar porque alguém me fez chá numa chaleira, e achou por bem trazer-me ervilhas congeladas.

— Ainda bem que não fiz bolachinhas.

Ela pegou nas ervilhas, levou-as ao lado da cara que sofrera mais danos.

— Sabes fazer?

— Não faço ideia. Seja como for, não sabia se consegues mastigar alguma coisa. Esse maxilar?

Ela foi devagar até ao divã e sentou-se outra vez.

— Queres estoicismo, ou queres a verdade?

— Fico-me pela verdade.

— Dói como o caraças, essa é que é essa. Acho que poderá haver um centímetro quadrado do meu corpo que não me doa como a porra. E tu sorris?

Ele continuou a sorrir.

— Que te doa, não. Que estejas lixada por causa disso, sim. É bom ver

que o mau feitio já voltou a funcionar. — Duncan sentou-se ao lado dela, serviu o chá. — Conta-me o que aconteceu, Phoebe.

— Fui agredida na escada da esquadra.

— Agredida? Por quem?

— Não o vi, não tenho a certeza. Ele estava à minha espera — começou Phoebe, e contou-lhe tudo.

Ele não interrompeu mas, quando ela disse que o agressor lhe tinha rasgado a roupa, Duncan saiu do sofá. Tal como ela fizera quando entrara na casa, ele foi até às janelas.

E ela parou de falar.

— Continua — disse ele sem se virar. — Não consigo estar sentado.

Duncan ouviu, e olhou lá para fora. Não viu a glicínia silvestre nem os caminhos sinuosos do jardim. Viu uma escada mal iluminada, viu Phoebe ferida e indefesa, a debater-se com um cabrão qualquer sem cara que a rasgava, a apalpava, a aterrorizava.

Ele tinha de pagar, pensou Duncan. Para Duncan, quem partia, pagava.

— Tu sabes quem foi — disse ele quando ela terminou.

— Não o vi.

Duncan virou-se. Tinha o rosto frio e inexpressivo, e o azul dos olhos coruscava ainda mais em contraste.

— Tu sabes quem foi.

— Tenho fortes suspeitas. Suspeitas não são provas.

— Isso é a polícia a falar. E a mulher?

— Sei quem foi, e vou arranjar maneira de o provar. Achas que eu me deixaria ficar? Achas que eu sou assim? — Phoebe ergueu uma mão, como que a calar-se a si mesma.

— Não, continua. Um ataque de fúria é tão bom quanto uma boa choradela.

— Ele magoou-me. O cabrão de merda. Ele magoou-me e humilhou-me. Fez-me pensar que me ia matar e que faria da minha filha órfã e que deixaria a minha mãe, a minha família, de luto. Deixou-me ali, tive me arrastar nua, de me arrastar com a maior parte da roupa toda rasgada no meu local de trabalho, aonde tenho de ir todos os dias e enfrentar quem viu o que ele conseguiu fazer-me. E sabes porquê?

— Não. Porquê?

— Porque não estava para acatar ordens minhas. Porque não aguenta que uma autoridade, autoridade feminina ainda por cima, o queira disciplinar e fazer arcar com as consequências dos seus atos.

— Estás a dizer-me que foi outro polícia quem te fez isso?

Chocada por ter desabafado tanto, Phoebe recompôs-se.

— Tenho fortes suspeitas.

— Como se chama ele?

A mulher, aquela que fora magoada e humilhada, derreteu-se só um bocadinho com o tom de voz dele. Era um tom que dizia claramente: «Eu trato disto». Mas Phoebe abanou a cabeça.

— Não tragas o cavalo branco, Duncan. Isto vai ser tratado. Ele vai ter o que merece. Passou a ser a missão da minha vida. E ter este tempo, este sítio para... Bem, para estar, ajudou mais do que posso exprimir.

— Pois, está muito bem, e fico contente por ajudar. Mas a mim não me serve de nada quando me apetece esmurrar a tromba de alguém como se fosse madeira podre, e depois torcer-lhe aquela pila inútil e dá-la ao cão que estou sempre a pensar em arranjar.

— Não — disse Phoebe passado um bom bocado. — Não, não deve servir de nada. Vou confessar que dou comigo surpreendentemente confortada, e até um bocadinho excitada, com a sensação.

— Não sei, ainda não sei, o que isto é, isto entre nós dois. Não achei que tinha de pensar muito nisso por enquanto. Portanto, tirando isso, seja lá o que isso for, deves ter noção de que a minha inclinação natural, e podes dizer que é machista ou antiquado ou o que raio quiseses, a minha inclinação natural quando um covarde de um filho da puta qualquer bate numa mulher é ir buscar o cavalo branco e dar cabo do gajo.

E podia, Phoebe apercebeu-se de que ele podia. Fora algo que lhe escapara. Porém, ao vê-lo ali, numa fúria que ardia logo abaixo da frieza, Phoebe compreendeu que ele era muito mais do que encanto e sorte.

— Está bem. Dizes que a tua inclinação natural é defender e agir, e pareces...

— Não me venhas com essas tretas de negociadora.

— Deve ser a minha inclinação natural — ripostou ela. — A próxima é dizer que não preciso de proteção mas, dadas as circunstâncias, seria uma estupidez. Passei a maior parte da minha vida a ser aquela que protege e defende, muito antes de ter um distintivo. Não sei bem como reagir quando alguém quer proteger-me e defender-me.

Ele aproximou-se dela, hesitou, e depois baixou-se.

— Vou ter cuidado, mas diz-me se te faz doer. — E pôs os lábios, com toda a gentileza, nos dela.

— Não faz.

Ele beijou-a outra vens antes de se endireitar.

— Tens uma semana.

— Como?

— Tens uma semana para cumprir a missão que tens atualmente na vida. Depois eu descubro o nome, e sirvo-me.

— Isso é alguma espécie de ultimato...

— Não é, não é nada. É um facto. — Duncan sentou-se na mesinha em frente a ela, pegou nas ervilhas que ela tirara do rosto, virou a embalagem e pôs o lado mais fresco junto ao maxilar inchado dela. — Já sei que foi um polícia, e um que tiveste de repreender por alguma coisa. Calculo que poderia saber o nome dentro de uma hora. Mas tens uma semana para fazeres à tua maneira.

— Achas que por teres dinheiro...

— Não, Phoebe, não acho, *sei* que é por ter dinheiro. — Gentilmente, ele levantou-lhe as mãos e, à vez, beijou-lhe os pulsos ligados, a confortá-la enquanto explicava como iria ser. — O dinheiro põe a engrenagem a mexer, é simplesmente outro facto. Tu és inteligente, e tens essa determinação que me deixa siderado. Aposto que pões o sacana dentro numa semana. Se assim não for, bem, será a minha vez.

— A tua vez? Isto é um caso de polícia, não tem nada de haver vezes. Isso é no liceu.

Ele sorriu-lhe, o suficiente para se ver as covinhas.

— Sabes, estás mesmo com mau aspeto.

— Perdão?

— O que quero dizer é que estás mesmo em baixo, com a cara toda magoada. Mesmo de bata e ar de *Anatomia de Grey*, estás mesmo com mau aspeto. Portanto, não há maneira de eu perceber como é que olho para ti e ainda me sinto atraído até aos dedinhos dos pés. É um mistério.

Dividida numa dúzia de direções, Phoebe largou as ervilhas no tabuleiro.

— O que raio é que isso tem a ver com isto?

— Nada. Veio-me à ideia. Queres mais chá? E sim — acrescentou ele quando ela o mirou, — estou a mudar de assunto. Tu estás decidida, eu também. De que serve discutirmos quando nenhum de nós vai ceder? E, como não estás no teu melhor, não me sinto bem a discutir contigo.

— Não, não quero mais chá, obrigada. E tens razão, não estou no meu melhor, mas é importante compreenderes que há uma grande diferença entre ajustes de contas e a lei.

— Teremos de debater isso noutra altura, quando estiveres a todo o vapor. Queres ir ao jacuzzi? Água quente, jatos? Pode ajudar com algumas das dores.

Outra coisa que ela deixara passar, pensou Phoebe, o homem era cabeça dura.

— É uma oferta simpática, mas não. Tenho mesmo de ir para casa. — E só de pensar nisso, Phoebe olhou para si própria. — Credo.

— Queres ligar primeiro? Prepará-las?

— Não. Não, só ficariam consumidas até eu chegar. Estou outra vez a abusar de ti, Duncan, por teres de me levar outra vez.

— Ora, ficas a dever-me uma.

Ele ajudou-a a entrar no carro. Até aquela pequena deslocação a cansou, pelo que Phoebe sentou-se, ofegante, e deixou-o apertar-lhe o cinto.

Carly chegaria da escola a qualquer minuto, pensou ela enquanto ele conduzia. A mãe estaria a terminar as encomendas do dia pela internet, ou a embalar peças concluídas para seguirem no correio do dia seguinte. Ava, depois de sair para tratar de assuntos, já estaria na cozinha.

Era apenas uma tarde descontraída de segunda-feira. E ela estava prestes a estragá-la.

— Quem é que toca piano?

— Ninguém. Ou eu, mais ou menos. De ouvido. Sempre achei que um piano dava classe a uma sala.

— A prima Bess insistiu que eu e o Carter tivéssemos aulas. Eu apanhei a mecânica da coisa, o Carter apanhou o coração. — Phoebe deixou a cabeça cair para trás. — Quem me dera que esta parte já tivesse acabado. Chocá-las, explicar tudo outra vez. Quem me dera que já tivesse acabado.

— Posso explicar por ti, se quiseres.

— Tenho de ser eu. Onde está a tua família, Duncan? — Ocorreu a Phoebe que não vira, nas divisões onde estivera naquela casa enorme, quaisquer fotografias de família.

— Aqui e ali.

— História comprida?

— Épica. Guardamos para outra altura.

O telemóvel dela tocou e, com algum esforço, Phoebe pegou na mala e tirou o aparelho.

— Fala a Phoebe. Sim, Dave, estou bem, estou melhor. Não, vou agora a caminho de casa. Tenho estado com um amigo. Podia ser pior.

Ela ficou à escuta algum tempo.

— Compreendo. Vou aí amanhã para... Capitão. Dave. — Phoebe exalou de frustração. — Dois dias, então. Três. Sim, senhor, obrigada. E gostaria que a reunião fosse adiada para quinta-feira, se possível. Agradeço. Sim. Assim farei. Adeus.

— Tudo bem? — Perguntou Duncan.

— Nem por isso, mas melhor do que poderia ser. Ele ia mandar-me tirar duas semanas de baixa.

— O sacana.

Phoebe riu-se, mas depois sorveu ar quando as costelas lhe doeram.

— Eu daria em doida sentada em casa com a mãe e a Ava a mimarem-me durante duas semanas. Ele sabe disso. Vou sarar melhor se estiver a

trabalhar, e marco posição em todos os aspetos em que seja preciso marcar. Ele também sabe disso. E já devia estar a apontar para os três ou quatro dias. É um filho da mãe muito astuto.

— Parece ser cá dos meus.

— Provavelmente. Ele levou a minha arma.

— O quê? O Capitão Dave?

— Não. Não, não foi o Capitão. Desculpa, esta coisa toda deu-me cabo dos miolos, não consigo raciocinar a direito.

O polícia que a agredira, percebeu Duncan. E dado que ela estava ocupada a matutar nisso, ele deu-lhe tempo.

Assim como lhe deu tempo por ela ficar agitada quando se acercaram de Jones Street.

— Queres um uísque e um cigarro primeiro?

— Não seria mal pensado. Estou prestes a defrontar várias fêmeas histéricas. — Phoebe preparou-se, respirou fundo várias vezes enquanto ele descia o pavimento de tijoleira da rua. — Oh, Deus. Era só o que faltava.

— O que foi? — Duncan olhou para ela, vendo-a arvorar um sorriso estoico. Depois viu o homem iluminado pelo sol começar a estugar o passo.

— Phoebe! Phoebe, o que aconteceu? — O homem escancarou a porta do carro, estendeu a mão para ela.

— Meu Deus, o que te aconteceu? Quem é você? — Atirou as palavras a Duncan como se fossem pedras. — O que raio fez à minha irmã?

— Carter, para com isso! Ele só me ajudou.

— Quem te fez mal? Onde está ele?

As pessoas desciam a rua – moradores e turistas – e agora, reparou Phoebe, alguns desses transeuntes paravam para ver a mulher espancada e dois homens, um de cada lado do Porsche branco espampanante.

— Podes parar de berrar em público como um maluco. Vamos para dentro.

— São perguntas válidas. — Duncan deu a volta ao carro. — Eu próprio quero respostas. Sou o Duncan. Ela está muito dorida. Temos de ter cuidado...

— Eu sei tomar conta dela.

— Carter, para com isso. Queres piorar o dia de merda que eu tive a seres mal-educado com um amigo meu? Peço desculpa pela falta de maneiras do meu irmão, Duncan.

— Não faz mal.

— Oh, Deus, vem ali a Menina Tiffany e aquele cãozinho tolo, pelo jardim. Não estou para lidar com ela. Carter, pelo amor de Deus, não me faças lidar com ela. Ajuda-me a entrar.

— Com calma — aconselhou Duncan, e teve um vislumbre da mu-

lher, bastante idosa, com uma cabeleira loura, a ser puxada por um cãozinho aparentemente sem pelo com uma gravata às bolinhas.

— Ela ainda não te viu. Eu também seria mal-educado, no seu lugar — disse ele a Carter quando chegaram ao passeio com Phoebe. — Não obstante, sejam quais forem as circunstâncias, quando levo uma mulher a casa, levo-a até à porta.

Resignada, Phoebe deixou-se ladear pelos dois, que quase a levaram escada acima. Com a abertura concluída, pensou ela, segue-se agora o espetáculo.

Quando a porta se abriu, Essie já vinha a descer o corredor.

— Achei que te tinha ouvido gritar, Carter. Eu... Phoebe! Oh, meu Deus.

Ficou branca como a cal da parede, vacilou.

— Soltem-me — murmurou Phoebe, e depois avançou. — Mamã, eu estou bem, mamã. Respira. Estou bem, estou em casa. Carter, vai buscar-lhe água.

— Não, não. — Ainda pálida como um fantasma, Essie levou a mão à face de Phoebe. — Pequeninina.

— Estou bem.

— A tua cara. O Reuben...

— Morreu, mamã. Tu sabes isso.

— Sim. Sim. Desculpa. Desculpa. Oh, Phoebe. O que aconteceu? A tua cara, o teu braço. Ava!

Recompusera-se. Phoebe reparou que a mãe se recompusera, ainda muito branca.

Ava acorreu das traseiras da casa. E assim foi, nos minutos seguintes, uma confusão, vozes, movimento, lágrimas. Duncan fechou a porta da rua, deixou-se ficar. Sempre achara que, se não se pode ajudar, não se estorva.

— Muito bem, agora parem.

Ouviu a voz de Phoebe, muito calma, muito firme, no meio da confusão. Ela repetiu a mesma ordem uma, duas vezes. À terceira vez, as palavras foram contundentes – uma espécie de bofetada verbal – e a família fez um silêncio chocado.

— Vou explicar tudo, mas neste momento quero que se calem todos de imediato. Fui agredida, o que é óbvio, e esta insistência toda não ajuda nada. Agora...

— Mamã.

Tal como a bofetada verbal parou a histeria, também aquela única palavra parou aquilo que Duncan pensou ser uma tirada irritada. Phoebe virou-se para a menina que tinha uma bola encarnada na mão.

— Estou bem, Carly. Sei que não parece, mas estou bem. Magoei-me, mas estou bem.

— Mamã. — A bola saltitou quando Carly correu e se agarrou a Phoebe, encostou o rosto à cintura da mãe. De onde estava, Duncan viu o assomo de dor, e a maneira como a cor desapareceu das faces de Phoebe.

— Hum, desculpem. Sei que não é boa altura mas, sabem, acho que a Phoebe tem de se deitar. — Duncan avançou e simplesmente pegou em Phoebe ao colo. — Carly, não te importas de me mostrar onde é o quarto da tua mamã?

— Lá em cima.

— Eu posso andar. Duncan, eu posso andar.

— Claro mas, olha, já está. Sra. MacNamara? A Phoebe tem medicamentos para tomar. Já devem ser horas, se lhe levarem água.

— Com certeza, com certeza.

— Vou buscar. — Ava tocou no braço de Essie. — Sobe com a Phoebe. Eu vou buscar a água, e gelo. Carter, ajuda-me a levar gelo.

— Vou abrir a cama. Vou subir já para preparar tudo. — Essie correu escada acima.

— Caíste? — A voz de Carly ainda tremia, enquanto ela subia ao lado de Duncan, com os dedos presos na bainha da bata da mãe.

— Também foi isso. Dei uma queda muito má, e tive de ir ao hospital. Eles consertaram tudo e deixaram-me vir para casa. Sabes que não deixam vir para casa se não estiver tudo consertado, não sabes?

— Tens o braço partido?

— Não. Está só magoado, e está ao peito para não andar aí a bater com ele.

— Porque é que não a amparaste quando ela caiu? — Perguntou Carly a Duncan.

— Quem me dera ter amparado. Não estava lá quando ela caiu.

Duncan levou Phoebe para o quarto, onde Essie já abrira a cama e ajeitara as almofadas.

— Pode deitá-la assim mesmo. Muito obrigada, Duncan. Phoebe, desculpa, perdi a cabeça.

— Não faz mal, mamã. Vai correr tudo bem.

— Claro que vai. — Embora os lábios lhe tremessem visivelmente, Essie fez um grande sorriso para Carly. — Vamos tomar muito bem conta da tua mamã, não vamos? Ela agora tem de tomar os remédios.

— Estão na mala. Eu...

— Está aqui. — Duncan pousou-a em cima da cama.

— És bom com pormenores — comentou Phoebe.

— Duncan, parece-lhe boa ideia descer até à salinha? — Começou Essie.

— O Carter pode servir-lhe uma bebida. E... — Essie massajou a têmpora. — E fica para jantar. O Duncan fica para jantar, com certeza.

— É simpático da sua parte, mas vou deixá-los a tomarem conta da Phoebe. Espero que fique para uma próxima vez.

— O Duncan é sempre bem-vindo. Seja em que altura for. Eu acompanho-o à porta.

— A Essie fique onde está. — Duncan deu-lhe uma palmadinha no ombro antes de olhar para Phoebe. — O mesmo se aplica a ti.

— Acho que vou fazer isso mesmo. Duncan...

— Falamos mais logo.

Quando ele saiu, Carter ia a subir a escada. Parou, com dois sacos de gelo nas mãos.

— Desculpa lá atacar-te daquela maneira.

— Esquece lá isso. É natural.

— Sabes quem é que esmurrou a minha irmã? Já levei murros na cara que chegue para saber qual é o resultado — disse ele quando Duncan ergueu o sobrolho.

— Não sei quem lhe fez mal, mas vou descobrir.

— Quando descobrires – se for antes de mim –, eu quero saber.

— Combinado.

— Carter MacNamara. — Carter mudou os sacos e estendeu a mão.

— Duncan Swift. Até logo.

Duncan saiu sozinho, e olhou para a janela do quarto a caminho do carro. Belíssima casa, pensou ele, e cheia de problemas. Já tinha experiência suficiente com problemas para saber que podiam ser de todas as espécies e maneiras.

Assim como sabia, inquestionavelmente, que fossem quais fossem os problemas, Phoebe era a cola que mantinha a família unida.

Dádiva ou fardo? Perguntou-se ele. E decidiu que deveria ser uma boa parte de ambas.

Um homem inteligente ter-se-ia afastado daquela belíssima casa e da sua variedade de problemas. Conduziria e avançaria. Era o que um homem inteligente faria.

Por outro lado, pensou Duncan, havia alturas em que era mais interessante, e certamente mais compensador, ser simplesmente tolo.

* * *

Foi parar a um bar. A mole de gente que saía do trabalho só chegaria ao Slam Dunc daí a quase uma hora, e apesar dos vários ecrãs planos com o canal ESPN, e alguns clientes a jogarem bilhar ou hóquei simulado, Duncan achou que estava tudo sossegado para uma reunião.

Fosse como fosse, queria uma cerveja, e sentia que, depois da tarde que tivera, bem merecia. Continuou de olho em Phin e, quando viu o amigo entrar, Duncan fez sinal para o bar.

— Já pedi uma Corona para ti e uns nachos.

Phin sentou-se.

— Deixaste-me pendurado.

— Pois foi, desculpa lá. Não pude evitar. O que te pareceu?

Phin encheu as bochechas de ar.

— O Jake, a quem também deixaste pendurado, dado que ele chegou dois minutos depois de saíres, fez a visita. Vai fazer um orçamento detalhado do custo do que tu queres fazer com o prédio. Mas a opinião dele à primeira vista? Vais ter de meter um mínimo de milhão e meio naquilo, por cima do custo.

— Está bem.

Phin recostou-se quando os nachos apareceram e a empregada pôs a Corona com a fatia de lima em cima da mesa.

— Alguma vez olhas para trás, e pensas como é que chegámos aqui, a falar de um milhão e meio como se fossem trocos?

— Quanto é que custou esse fato?

Phin sorriu e pegou na cerveja.

— É um belo fato, não é?

— Meu, tu és um deus da moda para mim. Digamos dois pela despesa, não vamos ser somáticos. Junta o que terei de pagar àquele esquilo pela propriedade.

— Parece mesmo um esquilo — comentou Phin.

— Talvez ele pegue nalgum do dinheiro e compre um capachinho decente. Seja como for... Tens caneta?

Phin tirou uma Montblanc do bolso de dentro do casaco.

— Porque é que nunca tens caneta?

— E onde é que havia de a guardar? Tu tens sempre. — Duncan escreveu uns números no guardanapo.

E aquilo dizia tudo, pensou Phin. O homem até podia parecer típico – calças de ganga desbotadas, camisa solta na cintura e de mangas arregaçadas, cabelo precisado de um corte. Poderia parecer, à maioria das pessoas, o tipo cheio de sorte que comprara os números certos na altura certa. As aparências iludiam completamente no que tocava a Duncan Swift.

Iria usar aquela caneta emprestada e o guardanapo para calcular cus-

tos de exploração, coberturas, depósitos, despesas, e potenciais lucros. Iria fazer isso enquanto comia nachos e bebia cerveja e, quando terminasse, já teria o custo previsto e os lucros futuros calculados o mais possível ao centimo como qualquer equipa de contabilidade.

O homem tinha jeito, decidiu Phin enquanto transferia – com cuidado – nachos cobertos de queijo da travessa para o prato.

— Para onde foste?

— É uma coisa de que quero falar contigo. Ou melhor, com a tua linda mulher.

— A Loo está no tribunal.

Duncan olhou para cima e para longe e sorriu.

— Agora já não está.

Ela trajava um fato azul conservador que conseguia exibir as pernas compridas. Os caracóis sensuais estavam domados com uma mola de modo que as maçãs do rosto esculpidas, os olhos castanhos profundos, a boca larga, ficavam subtilmente emoldurados. A pele era cor de caramelo rico.

Duncan perguntava-se sempre como é que um juiz ou um júri poderia olhar para aquela cara e não lhe dar o que ela quisesse.

Duncan levantou-se, abraçou-a e falou-lhe ao ouvido mas de maneira a Phin perceber.

— Deixa-o. Eu compro-te as Fiji.

Ela tinha um riso forte e deixou-se ir.

— Não posso ficar com ele para me entreter quando estiveres ocupado?

— Dá cá a minha mulher.

— Ainda não terminei. — Duncan demorou-se e deu-lhe um beijo longo e dramático. — Já me chega. Obrigado por vires cá, Loo.

— Achei que estavas no tribunal.

— E estava. — Ela sentou-se ao lado de Phin e roçou os lábios nos dele. — O procurador pediu intervalo. Tenho-os encostados à parede. Ora, qual dos dois jeitosos me vai pagar um martíni?

— Está a ser mexido neste momento. Um minuto. Isto é o que vamos oferecer ao esquilo e isto é o que havemos de recuperar. — Duncan empurrou o guardanapo para Phin. — Está bem?

Phin olhou para os números, encolheu os ombros.

— O dinheiro é teu.

— Pois. Mas é um valente pontapé, não é? — Duncan pegou na cerveja. Sabia que Phin e Loo estariam de mãos dadas debaixo da mesa. Eles tinham aquilo, aquilo, fosse lá o que aquilo fosse que unia as pessoas e as mantinha felicíssimas por isso.

— Querem mais qualquer coisa além dos nachos, minha gente? — Perguntou Duncan.

— Apenas o martíni. Dado que a nossa linda e genial prole vai passar a noite com a prima, vou tratar para que este homem bem-parecido me leve a jantar.

— Ai vais?

— Vou, mas só depois de beber o martíni e de terminar de empernar com o meu amante. — Loo piscou o olho a Duncan. — Então, boneco, em que posso ser útil?

Duncan nada disse por um bocado, e depois sorriu.

— Desculpa, comecei a pensar em montes de coisas interessantes. — Duncan apreciou aquele riso estupendo dela. — É sobre uma coisa que aconteceu a uma amiga minha hoje, e a minha curiosidade quanto ao que acontece ao gajo que o fez quando for apanhado.

— Criminal ou civil?

— É uma merda completamente criminal.

Loo ergueu o sobrolho diante daquele tom, e depois aceitou o martíni que lhe serviam. Bebeu o primeiro gole devagar.

— Se esse indivíduo for acusado e pronunciado, depreendo que te oponhas a que a minha sociedade o represente.

— Não posso mandar em ti, mas calculei que saberias os trâmites do que ele poderá tentar alegar, juridicamente, quando o apanharem.

— Não se, mas quando. — Ela partiu um cantinho de um nacho.

— Antes de te contar o que ele fez, é melhor dizer já que é polícia.

— Ah. Bem. Merda. — Loo exalou e bebeu outro gole. — Conta lá.

* * *

Interessante. Onde estava sentado ao balcão, ia bebendo uma cerveja, comendo batatas fritas com queijo, e fingindo-se interessado nas notícias da Loucura de Março que dominavam o ecrã mais próximo.

Tinha uma vista perfeita da mesa onde o amiguinho da queca da Phoebe estava sentado com um casal preto todo janota. Interessante, muito interessante – e um acaso feliz que ele também estivesse a vigiar a casa na Jones Street quando o carro estiloso aparecera.

A Phoebe não estava nada com bom aspeto.

Tinha tido de reprimir o riso, pois podia chamar a atenção para ele. Não senhor, a cabra ruiva não estava nada no seu melhor.

Ia ficar com um aspeto ainda pior antes de acabar. Mas, por agora,